UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - MPEDU

RICKIE DE SOUSA SANTANA

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE TRANSGÊNEROS SOBRE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

CRATO -CE

2023

RICKIE DE SOUSA SANTANA

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE TRANSGÊNEROS SOBRE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação (MPEDU) da Universidade Regional do Cariri (URCA), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação docente

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Culturas e Diversidades

Sublinha: Gênero, Educação, Sexualidades e Diferenças

Orientador: Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino

CRATO - CE

2023

Santana, Jose Ricardo De Sousa

J83n NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE TRANSGÊNEROS SOBRE

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS / Jose Ricardo De Sousa Santana. Crato - Ceará, 2022.

120p.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino

1.Narrativas autobiográficas, 2.Transgênero, 3. Educação, 4.Compreensão do ato cenico, 5.Teoria queer; I.Título.

CDD: 370.11

RICKIE DE SOUSA SANTANA

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE TRANSGÊNEROS SOBRE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação (MPEDU) da Universidade Regional do Cariri (URCA), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: ___/___/____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino
Universidade Regional do Cariri – URCA
(Orientador)

_____

Prof. Dr. Marcus Cézar de Borba Belmino
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO
(Examinador externo)

_____

Profa. Dra. Sineide Dantas Rodrigues
Universidade Regional do Cariri – URCA
(Examinadora interna)

_____

Profa. Dra. Francione Charapa Alves
Universidade Federal do Cariri – UFCA
(Examinadora Suplente)

DEDICATÓRIA

“Eu sabia que o meu depoimento precisava ser registrado e conhecido. Eu escrevi para o leitor, não foi uma catarse, um desabafo, foi mais uma necessidade de deixar registrada uma vida que precisava ser conhecida”

João W. Nery, autor de *'Viagem Solitária – Memórias de um transexual 30 anos depois'*, lançado em 2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a tudo que me move e me mantém a salvo, toda força divina que não é somente uma mas várias, forças e guias que ainda não conheço mas que me mostram os caminhos. Este é um caminho que se abre para muitos outros passos deste meu caminhar às vezes triste e solitário, por vezes dolorido. Tem algo que me impede de desistir e me impulsiona a existir. Gratidão, preciso agradecer mais ao que recebi com força da luta e esforço diário.

Agradeço a essas forças luminosas e aos guias que me trouxeram meu orientador Professor Doutor Glauberto da Silva Quirino (Que para mim é prof. Glau!), pelas orientações sempre cirurgicas e pertinentes, pela calmaria e paciência e principalmente pela potência enquanto educador. Serei sempre grate.

Tenho duas missões diárias e a elas sou grate:
A clínica gestáltica e aos encontros potentes e abertos às possibilidades e desvios em direção ao ato criador. E a educação, a qual não me vejo nunca fora dela. Tenho uma necessidade de aprender e ensinar, transmitir e construir as discussões e trocas de aprendizado tal qual a necessidade de respirar.

Agradeço a todos que me escutam e que tiveram experiências educacionais partilhadas, todes discentes que nutrem um carinho pelas nossas trocas e diálogos de aprendizado. Agradeço a todo o corpo docente da Universidade Regional do Cariri por serem ótimos colegas de trabalho respeitosos, éticos e comprometidos com a educação.

Aos meus colegas do Programa de Mestrado Profissional em Educação da URCA por todas as partilhas e pelo que não partilhamos mas precisamos viver. A todos os colegas da turma de 2021.1. Ao corpo docente de todo o programa que é repleto de bons exemplos da potência da Educação como transformação da realidade, que representam uma eterna inspiração ao meu percurso como pesquisadore e docente.

Agradeço aos meus cuidadores, protetores.
Aos meus pais: Minha Mãe Júnia e Meu pai José Bezerra
Aos meus irmãos Christina e Pedro Lucas
As minhas sobrinhas que são três Marias: Eduarda, Clara e Sofia
Ao meu sobrinho querido Benício
Aos meus amigues que são pouquíssimos e conto nos dedos em especial Camila Crispim e Deusimar Marciano.
Agradeço ao Thiago por ser este companheiro tão amoroso e pelo nosso desafio diário que é amar.
A meu pequeno e grande Arthur. meu filho de todo o meu coração.

RESUMO

Esta pesquisa interessou-se por escutar as narrativas de vida da população transgênera sobre como se deram as suas experiências educacionais escolares e não escolares. O objetivo foi compreender por meio das narrativas autobiográficas que experiências educacionais (em espaços escolares e não escolares) são marcantes na trajetória formativa de pessoas transgêneras que residem no município de Juazeiro do Norte. Nesta travessia convido aos leitores *akuendarem* a metodologia de cunho qualitativo, evidenciando as montagens desta pesquisa até alcançar os interlocutores desta pesquisa três homens transmaculines. Após acolher suas narratividades através de entrevista por narrativa autobiográfica orientadas pelo olhar das referências de Christine Delory-Monberger (2006), Marie-Christine Josso (2007). Enquanto método autobiográfico utilizado como procedimento de produção de dados para a entrevista por narrativa autobiográfica (Marie-Christine JOSSO, 2007), a técnica utilizada para a análise dos dados foi a compreensão do ato cênico de José Miguel Marinas (2007). As discussões realizadas possibilitaram um espaço fértil e inerente à prática pedagógica desobediente defendida por Thiffany Odara (2020), na qual por meio da educação pensar sobre gênero de modo interseccional justapostas com marcadores como raça e classe, refletindo sobre a experiência das trangeneralidades assentadas em práticas insurgentes nos contextos escolares frente ao que está pautado nos currículos e o que oculta a diferença que nos singulariza. Ademais, enquanto resultado desta pesquisa foi desenvolvido um produto educacional, requisito fundamental dos programas de Mestrado profissional. Foi construído uma cartilha de instalações/oficinas pedagógicas inspiradas na construção desta pesquisa e em paralelo com sua escrita também foram aplicadas em experiências docentes deste pesquisadore em disciplinas curriculares intituladas Seminário Temático I e Seminário Temático II do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri para auxiliar na formação docente e ampliar as possibilidades de vivências que discutam gênero, transexualidade e acolhimento e combate a discriminação.

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas. Transgênero. Experiências educacionais. Compreensão do ato cênico. Teoria *queer*.

ABSTRACT

This research was interested in listening to the life narratives of the transgender population about how their educational and non-school educational experiences took place. The objective was to understand through the autobiographical narratives that educational experiences (in school and non -school spaces) are striking in the formative trajectory of transgender people residing in the municipality of Juazeiro do Norte. In this crossing I invite readers to akuend the qualitative methodology, highlighting the assemblies of this research until reaching the interlocutors of this research three transmaculine men. After welcoming his narratives through interview by autobiographical narrative guided by the look of the references of Christine Delory-Monberger (2006), Marie-Christine Josso (2007). As an autobiographical method used as a data production procedure for the interview by autobiographical narrative (Marie-Christine Josso, 2007), the technique used for data analysis was the understanding of José Miguel Marinas's scenic act (2007). The discussions made enabled a fertile and inherent space to the disobedient pedagogical practice defended by Thiffany Odara (2020), in which through education think about gender in a juxtaposed intersection with markers such as race and class, reflecting on the experience of trangeneralities based on practices Insurgents in school contexts in the face of what is based on curricula and what hides the difference that unique us. Moreover, as a result of this research, an educational product was developed, a fundamental requirement of professional master's programs. A booklet of pedagogical installations/workshops inspired by the construction of this research and in parallel with its writing was also applied in teaching experiences of this Research in Curriculum Disciplines entitled Thematic Seminar I and Thematic Seminar II of the Pedagogy undergraduate course from the Regional University of Cariri To assist in teacher education and expand the possibilities of experiences that discuss gender, transsexuality and reception and combat discrimination.

Keywords: Autobiographical Narratives. Transgender. Educational experiences. Understanding of the scenic act. Queer theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Modelo da compreensão cênica José Miguel Marinas (2007)..... 66
Figura 2: Fotografia de matéria Diário do Nordeste (2021)..... 79
Figura 3: Modelo de análise baseado em José Miguel Marinas referente às narrativas obtidas mediante entrevista 91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PNAD/IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica do Cariri

IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

PROUNI - Programa Universidade para Todos

IES - Instituições de Ensino Superior

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

UFCA - Universidade Federal do Cariri

URCA - Universidade Regional do Cariri

CENTEC - Centro de Ensino Tecnológico do Cariri

FATEC - Faculdade de Tecnologia do Cariri

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

PROUNI - Programa Universidade para Todos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PT - Partido dos Trabalhadores

LGBTQIANP + - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Não-binaries, Pansexuais e mais.

SUS - Sistema Único de Saúde brasileiro

SARS-CoV-2 - Síndrome Aguda Respiratória Severa

covid-19 - Vírus denominado popularmente de Coronavírus causador da Síndrome Aguda Respiratória Severa

STF - Supremo Tribunal Federal

Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS)

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

IST's - Infecções Sexualmente Transmissíveis

DSM-5 - Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais

CID-11 - Classificação Internacional das Doenças e Problemas de Saúde

MEC - Ministério da Educação

ONG - Organizações não-governamentais

OMS - Organização Mundial de Saúde

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

1 PREÂMBULO: ONDE SERÁ QUE ESCONDI AS DINAMITES?.....14

2 À DERIVA NO FIM DO MUNDO: "GOLDEN SHOWER", "GOLPEACHMENT" E O DESEJO DE VER A "NOVA EVA" NAS RUÍNAS DO ANTIGO REGIME HETEROSEXISTA……..... 24

3 DUPLA FACE DO GÊNERO: CONSTRUÇÃO SE FAZ PELA DESCONSTRUÇÃO..…….. 34

3.1 Teoria *queer*: tecnologias e dispositivos de poder, discursos e regulação de gênero…….……... 39

3.2 Performatividade e ato de fazer gênero: fabricar-se enquanto corpos purpurinados, com glitter, próteses e o que houver no caminho……..... 51

3.3 Contrasexualidade e manifesto ciborgue: tecnocorpo, biodrag, farmacopornografia e ciborguização…… 57

3.4 Identidade e experiência transgênera: travestilidade e transexualidade……..... 62

3.5 Experiências educacionais..... 68

4 AKUENDAR AS TRANS NARRATIVAS: ENTRE ITINERÁRIOS DA PESQUISA E FABRICAÇÃO DO CORPUS METODOLÓGICO AUTOBIOGRÁFICO..... 73

4.1 Aquendando a metodologia: das montações da pesquisa……..……..... 74

4.2 A entrevista por narrativas autobiográficas ……..... 79

4.3 Análise das narratividades autobiográficas e compreensão do ato cênico e as narrativas autobiograficas de transgêneros……..... 83

4.4 Das andanças, rolês da pesquisa - por onde começar o babado?..... 87

4.5 Inhái, amâpo? conhecer os interlocutores da pesquisa..... 90

4.6 Aspectos éticos da pesquisa 91

5 **DA COMPOSIÇÃO DE CENAS AO PROCESSO DE BIOGRAFIZAÇÃO DAS HISTÒRIAS DE VIDA**..... 93

5.1 Cena I (C1): Infâncias roubadas: crianças são tudo menos livres..... 93

5.2 Cena II (C2): "Sair do armário" quantas vezes for necessário..... 102

5.3 Cena III (C3): É a porta da escola que a separa do mundo: muito além de espaço-tempo escolares e não escolares ...……....……..... 106
5.4 Produto educacional: cartilha educativa de orientação e acolhimento às vivências transgêneras em espaços escolares..... 111
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: UM ATÉ BREVE! 114
REFERÊNCIAS 116
APÊNDICES.....126
ANEXOS 132

1 PREÂMBULO: ONDE SERÁ QUE ESCONDI AS DINAMITES?

Hoje, ao adentrar o ensino superior como docente, me entristece não enxergar entre todas as pessoas que estejam presentes e que façam reconhecer o quão somos dissidentes, ou seja, a ausência da diversidade de experiências sexuais e de gênero, da experiência travesti, experiência transgênera e ou modos de se afirmar não-binária, isso me faz repensar se a educação é realmente para todes[1]. Como seria bom se este encontro de reconhecimento não fosse uma raríssima ocasião e passasse a ser regra, ao invés de exceção. O tempo revela as marcas presentes nestas corpas[2] dissidentes (Raíssa Eris GRIMM, 2017)[3], que aqui tece e revela suas dores, mazelas e humilhações além de inúmeras violências, neste o corpo violado pelo Estado e pela sociedade em diversas instâncias. Inclusive o espaço escolar é o lugar onde esta violência transfóbica parece ser natural, corroborando com Thiffany Odara (2020), é preciso refletir sobre estas experiências e como a escola é espaço de insegurança para alunes trans e travestis, alvos de discriminação e exclusão.

Que para além de um percentual de cotas, estivéssemos habituadas a ver inúmeras oportunidades, inclusive de rejeitar aquelas que são vistas como imagens de controle que assinalam opressões de toda ordem, lembrando dos conceitos que Patrícia Hill Collins (2019)[4] nos apresenta, que a norma impõe a população transgênera que em sua maioria é também composta por pessoas negras. Foi justamente me questionando sobre o que cabe a escola como espaço propício para aprendizagem, que deveria acolher e ser um lugar seguro para todas as pessoas, em virtude do longo período de tempo que frequentamos este espaço conforme a obrigatoriedade da escolaridade e direito legal perante a Constituição Federal, a realidade do espaço escolar evidencia que a necessidade de intervir nessa circunstância

---

[1] Esta pesquisa se propõe a usar uma redação integralmente desgenerificada, por tanto ao longo dessa pesquisa além das tentativas de estruturar este texto em uma linguagem mais simples e inclusiva será utilizada uma neolinguagem, uma possibilidade de pensar uma linguagem não-binária que pressupõe a ausência de marcadores de gênero que incorrem em uma fala sexista, possivelmente alguns substantivos e adjetivos receberam ao final a vogal "e" que é menos usada em nossa língua mas supera a linguagem capacitista e elitista que antes era fomentada pelo "x", "@".

[2] Ao longo do texto será privilegiado torções propositais na linguagem proposta pelos movimentos transgêneros e transfeministas: para desgenerificar palavras que, na língua (o)culta, são reduzidas ao gênero masculino e, inversamente, adotar designações neutras (uso da vogal - **e**) com o intuito de assinalar a possibilidade de uma não imposição de gênero e inclusão da diferença, por issso corpos/corpas/corpes.

[3] Sobre as referências citadas ao longo do texto foi empregado o nome completo e apenas o sobrenome em letras maiúsculas: essa prática surge a partir de uma postura do/a pesquisador/a como um posicionamento político decolonial que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque a importância do nome completo e nome social de autores transgêneras e intelectuais negras que embasam a pesquisa, e que são invisibilizadas pela ótica do saber eurocêntrico que pauta a linguagem e a forma de se escrever.

[4] Em conformidade com manuais de uso de uma linguagem não sexista seguirei a escrita acadêmica sempre citando por nome completo autores referenciados na escrita da pesquisa.

opressora e transfóbica e como é possível construir uma educação que garanta o acolhimento, a existência, e que muitas por defesa abandonam este espaço, assim como fez e pude compreender através das leituras de Thiffany Odara (2020).

Eu sempre fui uma criança mais que afeminada, inclusive sofri muito na detenção escolar e aguentei calada. Eu não conseguia enxergar a escola como outra coisa que não uma prisão, atualmente reforço com a visão de Michel Foucault (1987, p.29-30) "como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação", ou seja, sobre o poder de domesticação e docilização dos corpos, função violenta bem desempenhada por toda e qualquer instituição. Preciso pontuar que essa opressão e diversas estratégias do Cistema[5], dificultam a descoberta das experiências e formas de se viver e construir identidades de gênero e sexuais, visto que se compreende a sexualidade não apenas como uma questão pessoal, nem tampouco algo da ordem do essencialismo, mas é social e política. Decerto que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, por todas as pessoas de muitos modos por toda a sua existência (Guacira Lopes LOURO, 2000).

Por vezes até nos pesadelos que tive era assim que aquele lugar se colocava como uma paisagem de dor e tormento. Se alguém me perguntar se já estive presa/o, inevitavelmente respondo que sim. Costumava ter sonhos recorrentes na infância, a sensação era de medo e pavor por se sentir preso, às paredes da escola eram como uma grande prisão que privam a liberdade de ser. Em paralelo com o surgimento da escola enquanto instituição coletiva formativa surge o *status* social que abarca as crianças: que é a infância. Um olhar romantizado sobre a infância dificulta uma maior compreensão por parte de nosso desenvolvimento, quase que deslegitimando o potencial das crianças que é bem recente nas descobertas da neurociência, fato é que enquanto crianças passamos muito tempo na escola (Philippe ARIÉS, 1981).

Não havia liberdade neste espaço, sufocava toda e qualquer diferença, tudo tinha que ser uniformizado, mais parecia uma ode ao aprisionamento da diversidade. Tudo era muito uniforme, talvez eu mesma/o tenha internalizado este padrão, uma identidade constituída ao longo deste tempo que é uniformizada e instituída pela repetição estilizada dos atos (Judith BUTLER, 2016). Sofri muito *bullying* porque não conseguia esconder tão bem o que transbordava em mim. Mas algo sempre escapa na experiência, afinal de contas é um saber

[5] Utilizarei ao longo do texto o termo Cistema com a letra C profundamente influenciada pelas leituras do pensamento descolonial. Optei por fazer uso do termo "Cistema" cunhado por Viviane Vergueiro Simakawa (2015) a partir da leitura de Ramón Grosfoguel (2012), para descrever uma corruptela de 'sistema', com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante.

que se revela apenas quando se experimenta (Jorge Larrosa BONDÍA, 2002).

As brechas por onde entravam a luz nas janelas de cimento faziam lembrar que mesmo em uma masmorra há possibilidades de se encontrar a luz. Passei 30 anos performando algo que não sou. Dessa prisão interior, uma vez que se consegue sair, há um imenso desejo de subverter e destruir as outras camadas do Cistema enquanto heteronorma. Todas as instituições coletivas têm sua parcela de responsabilidade nisso. Estudei em várias escolas de ensino público desde a antiga terceira série do ensino fundamental até o ensino médio. Mudava muito de moradia pois não tínhamos casa própria, isso fazia com que precisasse mudar de escola muitas vezes até conseguir terminar o ensino fundamental e adentrar o ensino médio. Adentrei mediante processo seletivo no Centro Federal de Educação Tecnológica do Cariri (CEFET), que atualmente passou a ser chamado de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará campus Juazeiro do Norte (IFCE).

Vale salientar que neste período por volta de 2003 (Governo Lula e Dilma) apesar de propostas que privilegiam a "democratização" do ensino superior, com iniciativas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), aprovado pela Lei n. 11.096, de 13 de Janeiro de 2005, com intuito de prover inclusão pelo acesso de estudantes de baixa renda nas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas; como também o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, foi através desta expansão e interiorização que possibilitou aumentos das universidades e institutos federais de educação (Maria de Fátima Costa PAULA, 2017).

Entre os referidos anos de 2003-2004, me encontrava no Ensino Médio no Centro Federal de Educação Tecnológica do Cariri (CEFET) campus Juazeiro do Norte. Na análise de Maria de Fátima Costa Paula (2017), faz parte destes avanços em políticas públicas na educação (durante o período do Governo Lula e Dilma), algumas propostas com intuito de acessibilidade e inclusão na educação, desde as políticas de ação afirmativa, consolidadas pela Lei nº 12.711, de 29/08/2012 (que se refere às cotas reservadas a estudantes provenientes da escola pública nas universidades federais, priorizando os alunos de baixa renda e o recorte étnico-racial), de algum modo acreditou-se que apenas com estas medidas alcançaria a inclusão de uma das porções da população marginalizadas socialmente no país. Mas estas medidas não foram suficientes dentro da estrutura do sistema ou do projeto neoliberal que já estava sendo capitaneado no Brasil, e que tais medidas auxiliaram neste processo.

No fim do terceiro ano prestei vestibular na Universidade Federal do Cariri (UFCA) para Medicina, mas não cheguei nem a fazer a prova por um grande equívoco que me

impossibilitou de sequer realizar a prova, sendo expulsa da instituição e aguardando todos os colegas pois não sabia como voltar para casa. Para se notar o nível de complexidade deste adolescente que nunca tinha ido nem às cidades vizinhas, assim como não consegui passar na Universidade Regional do Cariri (URCA) para cursar Enfermagem, só passei em Tecnologia de Alimentos no Centro de Ensino Tecnológico do Cariri (CENTEC), atualmente Faculdade de Tecnologia do Cariri (FATEC), onde cursei um semestre até que abandonei o curso, mas de longe não me encontrava na área, já havia quase metade do primeiro ano depois de concluir o ensino médio e buscava atuar no âmbito da saúde.

Foi então quando resolvi fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)[6] pela primeira vez por volta de 2006 - 2007 revendo as escolhas que antes cogitava que eram como certezas. Somente no ano seguinte, em 2008, havia sido contemplada com uma bolsa integral pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI) para uma das opções mais incertas quando elegi cursar Psicologia. O que possibilitou acessar o ensino superior foi a nota de corte de ampla concorrência no ENEM que utilizei na universidade para pleitear uma bolsa integral do PROUNI, se não fosse assim não teria mínimas condições de estudar, em virtude de que apenas meu pai era provedor da renda familiar como mototaxista e minha mãe sempre foi do lar.

O critério principal de acordo com o decreto que institui o PROUNI é que as pessoas que se candidataram podiam ter feito todo o ensino médio em escola pública ou sido bolsista integral em escola privada e não ter diploma de curso superior. Outro critério, concomitante ao primeiro, era possuir renda familiar mensal *per capita* de até três salários mínimos. Este critério se divide em dois: para os que tinham uma renda familiar mensal de até um salário-mínimo e meio, a bolsa era integral. Para os com renda entre um salário mínimo e meio e três salários mínimos, a bolsa era parcial (50% ou 25%) (BRASIL, 2005).

Porquanto, há muitas pesquisas que se ocupam em avaliar os avanços e retrocessos que ocorreram no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2004-2010), conforme relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2005) é possível realizar um balanço sobre as políticas educacionais do governo do ex-presidente Lula, que visou desde o início fazer do Brasil um país menos desigual. Em consonância com este levantamento do referido ano, a pesquisa evidenciou que a taxa de miséria em 2004 caiu 8% se comparada ao ano anterior à posse do

[6] Faça saber que é a portaria ministerial n. 438, de 28 de maio de 1998, que instituiu o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, procedimento requerido como forma avaliar o desempenho da/o aluna/o. O ENEM é um exame individual, de caráter voluntário, oferecido anualmente aos estudantes que estão em fase de conclusão do ensino médio, ou aqueles que o concluíram em anos anteriores.

ex-presidente (PNAD/IBGE, 2005).

Sem dúvida, ao longo do governo Lula, oito milhões de pessoas teriam saído da pobreza, o que caracteriza o movimento de ascensão das classes D e E. Em outras palavras, através dos programas sociais e políticas públicas implementadas durante seu governo desde o primeiro mandato são considerados em grande parte como assistenciais ou compensatórios. Não tão diferentes da lógica do governo que o antecedeu, em que estes programas sociais eram direcionados para a população mais vulnerável (OLIVEIRA, 2009).

Talvez seja este fato que mobiliza as maiores autocríticas em relação ao próprio governo do Partido dos Trabalhadores (PT) que com a criação e ou execução de programas sociais visava solubilidades para duas questões muito complexas que não se dissociam: (1) ao repasse de dinheiro direto ao público-alvo, população em extrema pobreza, condição de miséria, carente como forma de estabelecer uma política social passiva, como forma de alterar a existência passando a significar um padrão de vida menos indigno, no entanto tornando incapaz de incitar e desenvolver a autonomia dos assistidos estimulando aumentar mais o nível de independência e conseguir sair dessa condição; (2) a redução das desigualdades sociais que historicamente continuam sendo mantidas pelas próprias relações de poder que marcaram este país como uma das sociedades mais injustas no mundo (Dalila Andrade OLIVEIRA, 2009).

Entre os diversos programas sociais desenvolvidos naquela época, um destes apresentava-se como recente reformulação e ampliação do programa Bolsa-Escola, criado ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso. Este programa social direcionado às pessoas mais pobres, miseráveis, ou que se encontravam abaixo da linha da pobreza, recebeu bastante destaque no governo Lula e foi chamado de Bolsa-Família, criado por meio do decreto n. 5.209 de 17 de setembro de 2004 (Dalila Andrade OLIVEIRA, 2009).

Inclusive a casa própria que meus pais residem até hoje foi adquirida pelo Bolsa-escola que depois transformou-se em Bolsa-Família. Este dinheiro era para garantir condições básicas a necessidade da minha família, recordo-me do dia em que minha mãe juntou a mim e meus dois irmãos mais novos e em uma conversa disse que ia utilizar desde o primeiro pagamento do dinheiro e que não poderia comprar material escolar por um tempo, mas que no fim das contas teríamos um lar fixo para morar. Estranho aquela negociação, na qual não tínhamos nenhuma maturidade para opinar, de modo que aceitamos. Ela juntou o dinheiro e todo mês pagava parcelas de um pequeno terreno, onde reside até hoje.

A finalidade do programa era combater a fome e promover a segurança alimentar e nutricional, de modo que visa estimular a emancipação sustentada das famílias mediante

transferência direta de renda do governo para aqueles que vivenciam situação de pobreza e em extrema miséria. Ao mesmo tempo pretendia promover maior acesso da população à rede de serviços públicos, em especial, da educação, da saúde e assistência social, partindo da ênfase na intersetorialidade, em uma complementaridade e pela sinergia das ações sociais do poder público (BRASIL, 2004).

Contudo, estudos e pesquisas, como a citada acima (PNAD/IBGE, 2005), vêm demonstrando que tais programas e políticas alteraram as condições de existência de seus beneficiados, melhorando sua renda e possibilitando o acesso a determinadas coberturas e serviços que, ainda que elementares, passam a significar um padrão de vida menos indigno. Resta saber até que ponto pode-se afirmar que a melhoria observada na situação dos mais pobres tem significado a redução das desigualdades sociais que historicamente marcaram este país como uma das sociedades mais injustas no mundo. Essa parece ser a grande questão posta nas análises sobre essas políticas.

Foram as experiências desconfortáveis que sempre me impeliram a querer desconstruir os “muros”, desinstalar a institucionalidade via de regra na escola, o que só aumentava um desejo de fazer algo em direção à educação. Hoje, com a palavra erguida e o punho cerrado com o conhecimento, busco fazer das discussões em sala uma explosão de criticidade e de conhecimento. Confesso que quando criança fazia planos e sonhava que explodiria as paredes da escola com dinamites que esconderia na sua estrutura, metaforicamente encontrei outras formas de realizar essa implosão, canalizando esforços numa luta incansável como docente para alcançar uma educação pública e democrática para todes. Esta energia não se dissipou mas me acompanha sempre em um processo árduo de inúmeras tentativas (quatro tentativas em ambos os processos seletivos) desejei adentrar a Universidade Regional do Cariri tanto como alune e pesquisadore no mestrado profissional em Educação como docente na mesma instituição, o que aconteceu na quinta tentativa e ao mesmo tempo (em 2020 - até o presente momento), em plena pandemia iniciei esta fase da minha vida, em que retornei à universidade como professora e aluna coexistindo estas funções.

Percorrendo uma breve contextualização da história local e educacional da fundação da referida universidade que compõem um enorme papel de relevância da formação de professores na região do Cariri, é possível perceber a sua gestação por parte de outra instituição genitora a Faculdade de Filosofia do Crato que permaneceu sob tutela da Diocese do Crato até 1985, quando após a sua estatização, e consequentemente, o nascimento da Universidade Regional do Cariri (URCA). Todavia foi deste encontro com o Instituto de Ensino Superior da qual a mantenedora era a Diocese do Crato, embora de natureza privada,

forneceu subsídios para a criação do Ensino Superior na região (Cícero Magérbio TORRES, 2017).

Por ser incluíde enquanto identidade de gênero e sexual na comunidade LGBTQIANP +[7], reconheço os privilégios que estive tendo acesso à educação, mas tendo que performar uma cisgeneridade como via de regra, as oportunidades não são dadas da mesma maneira em comparação com à população transgênero. Hoje há um processo de transição e de revoluções intensas que se sucedem ao passo desta escrita sendo desenhada e inevitavelmente estes atravessamentos trazem uma sensibilidade à pesquisa e ao olhar desta pesquisadora(or).

Ao se referenciar as transgeneralidades que quando se trata de identidade, no ponto de vista da funcionalidade (Jaqueline de JESUS, 2012), me percebo por enquanto como uma pessoa não-binária que possui uma "brincadeira ontológica" (Monique WITTING, 2001, p.77), cada vez que se põe a performar uma personagem *Drag queen Nicole Lívia Marine,* pelo fascínio que possuo com todas as vilãs. Atualmente, experimentando uma transição da lógica cisgênera para assumir a não-binariedade é bem provável que não teria o mesmo espaço para transitar na escola. Tive uma experiência educacional formal em âmbito de escolarização que me permitiu reprimir e inibir boa parte de minha espontaneidade, mas que aos poucos fui resgatando fora da escola/universidade. Mas não aprendemos somente por meio da educação formal. Então, estamos tendo experiências educacionais o tempo todo, algumas destas (des)aprendizagens serviram como formas de resistência, de acolhimento, de sociabilidade de muitas outras pessoas transgêneras nesta cidade.

Exponho alguns horizontes desta paisagem geral que se objetiva alcançar e que norteiam este percurso, e alguns lugares em específico no caminhar. Este percurso diz respeito a buscar na territorialidade da cidade pelas colaboradoras da pesquisa. No percurso vivido como dissertação, fui encontrando os/as co-autores com quem tive contato durante a entrevista semiestruturada realizada conforme a disponibilidade dos participantes, no decorrer do próprio mestrado em Educação. São autores da pesquisa que em momentos muito diferentes das narrativas de suas vidas me aportaram coisas no meio do caminho, mais cedo ou mais tarde, nesta travessia por fazerem algum sentido, na abordagem narrativa como caminho metodológico para aprender desde si e dos outros para sermos muitos (Aline NUNES DA ROSA, 2015), foram incorporadas na composição do trabalho essas vozes e suas

[7] Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/queer. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTQI, incluindo pessoas queer e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIANP + (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Não-bináries, Pansexuais e mais) (JESUS, 2012, p.31)

narrativas autobiográficas. Considerando os pressupostos supracitados, faz-se a seguinte questão norteadora desta pesquisa: Quais as principais experiências escolares e não escolares emergem nas narrativas autobiográficas de pessoas transgêneros de Juazeiro do Norte-CE?

Objetiva-se com esta pesquisa compreender por meio das narrativas autobiográficas que experiências educacionais (em espaços escolares e não escolares) são marcantes na trajetória formativa de pessoas transgêneras que residem no município de Juazeiro do Norte. Para alcançar este intuito pretende-se concluir tais objetivos específicos: descrever a visão de transgêneros sobre as suas experiencias educacionais em espaços escolares e não escolares. Entender os principais desafios vivenciados na sua trajetória de vida como pessoas transgêneras. Analisar como resistiram, e quais as estratégias que utilizaram para enfrentar esses desafios; Refletir sobre o que pode a escola fazer para combater a transfobia.

Portanto, a pesquisa está organizada nos seguintes capítulos, a introdução descrita com título: *onde escondi as dinamites?* faço um recorte histórico dos atravessamentos políticos e educacionais da minha corpa branca, de classe média, não-heterossexual em uma experiência transgênera não-binária. Para contextualizar meu ímpeto em transformar o campo da educação de alguma maneira me conecto a um aspecto singular de quando criança ser fixada em filmes e obras de ficção científica sobre o fim do mundo.

No segundo capítulo, intitulado *à deriva no fim do mundo: "golden shower", "golpeachment" e o desejo de ver a "nova eva" nas ruínas do antigo regime heterosexista* fui introduzindo a situação pós-apocalíptica que vivemos atualmente na qual tracei um paralelo com o mundo que conhecíamos e que ainda está sobre ameaça da eclosão da pandemia de covid-19, mas que no caso do Brasil teve seu primeiro caso notificado em 2019, evidenciou ainda mais a grave crise socioeconômica e política que assola nosso país.

Ainda sobre este capítulo apresento uma discussão ao expor as recentes leituras articuladas como lentes para propor um ensaio reflexivo sobre a crise política e o golpe parlamentar de estado de 2015 (golpe articulado após a vitória de Dilma Rousseff (PT) nas eleições de 2014, estendeu-se entre 2015 e 2018) onde desenha-se um arrojado aporte teórico no qual busquei construir um relato catastrófico da atual da realidade social brasileira em plena pandemia de covid-19 e extremamente à deriva no meio de uma grave crise política, social e econômica em paralelo com um "mito" que retrata a falência do antigo regime sexista na figura messiânica posta sobre a figura de um presidente. Minhas aproximações com o campo teórico pautado nas estatísticas que neste governo da morte evidenciam como a população transgênera representa estas vidas precárias parecem não serem importantes e por

isso passíveis de luto/morte apontadas por Judith Butler (2015) e Achille Mbembe (2018), com a multiplicidade de atravessamentos da realidade atual que possibilitam discutir os objetivos desta pesquisa que visa por meio das narrativas autobiográficas da população transgênero saber sobre suas experiências educacionais.

No terceiro capítulo, intitulado *dupla face do gênero: a construção se faz pela desconstrução*, na qual a pesquisa se encaminha em uma discussão sobre a dupla face do gênero que ao mesmo tempo nas relações interpessoais se desconstrói também se constrói como dispositivos de regulação da sexualidade.

Em cada passo deste caminhar se faz um novo território enquanto escrita e assim surgem algumas subdivisões do terceiro capítulo, sendo necessário propor uma reflexão sobre a teoria *queer*, biopoder, regulações de gênero, discursos e outras tecnologias e dispositivos de gênero. Em um dado momento privilegia-se por uma discussão sobre performatividade de gênero e fabricação de corpos. Encaminhando-se para uma articulação teórica em torno da contrassexualidade, do diálogo do tecnocorpo à ciborguização. Em sequência, há como objeto de análise descrever as experiências transgêneras e por último as experiências educacionais.

Neste itinerário convido aos leitores para o quarto capítulo, *akuendarem* a metodologia em construção, evidenciando as montagens desta pesquisa até alcançar as interlocutoras à vista, que são as travestis, mulheres e homens transgênero. Após acolher suas narratividades analisá-las pelo olhar de Marie-Christine Josso (2010). Neste Capítulo - *Aquendar as Trans-narrativas: entre itinerários da pesquisa e a fabricação do corpus metodológico*, intenciona-se descrever a experiência com a visão de algumas metodologias *queer* em que a/o pesquisadora/o deitar-se com a territorialidade da pesquisa como em um jogo de homo/erotiCidade. Botando o corpo em movimento para além de uma superfície cotidiana aprofundar-se nos encontros para ouvir histórias de vida narradas – a/o pesquisadora/or se posiciona como um outrem, um outro corpo-problematizador na experiência sexo-étnico-classe-generificadas como argumenta Fernando Pocahy (2013, p. 213), e neste caminho ser atravessada pela pesquisa que se faz e fazê-la mutuamente com a participação das colaboradoras. Discorrendo sobre todo o detalhamento do corpus metodológico da pesquisa fabricado assim como quem aponta para os corpos também fabricados, pela realidade.

Por último o quinto capítulo intitulado *Da composição de cenas ao processo de biografização das històrias de vida* que evidencia as narrativas colhidas e a compreensão destas biografias pela compreensão do ato cênico uma possível ferramenta de análise das

narrativas de vida nominada pelo José Miguel Marinas (2007). Nesta etapa da pesquisa as narrativas são compreendidas a partir de três cenas estruturadas pelo ato de escuta das histórias de vida e que são problematizadas conforme estas cenas. A primeira diz do próprio encontro entre narrador e ouvinte. A segunda são as cenas do cotidiano. E a terceira cena diz respeito ao que não foi inteiramente objeto da narração mas que trata-se de conteúdos inibidos, reprimidos.

Devidamente apresentada a perspectiva inicial que descreve meu interesse, e ao mesmo tempo que situo sobre os objetivos e como se desenha esta pesquisa em capítulos. A seguir continuarei neste segundo capítulo traçando um paralelo sobre a triste realidade que vivenciamos durante a pandemia de covid-19 e a grave crise socioeconômica e política que assola nosso país e reverbera na educação.

2 À DERIVA NO FIM DO MUNDO: "*GOLDEN SHOWER*", "*GOLPEACHMENT*" E O DESEJO DE VER A "NOVA EVA" NAS RUÍNAS DO ANTIGO REGIME HETEROSEXISTA

"Muito prazer, eu sou a nova Eva/
filha das travas, obra das trevas/
(…) eu quebrei a costela de Adão".
Lin da Quebrada

Introduzindo dildo[8] no ânus e produzindo tensionamentos no papel, assim me ponho a escrever (uma prótese de) seções desta pesquisa buscando sentir prazer mesmo que junto da dor de rasgar-se. Corroboro com Gloria Anzaldúa (2000), sobre a escrita ser muito perigosa e extremamente dolorosa por ser reveladora de nossas mazelas, ao mesmo tempo que é o ato mais atrevido que se ousa viver, estou a ousar romper com os cânones da academia, do sistema e das normas. Em maio de 2021, a situação só tem piorado ao longo deste mundo pandêmico, por isso faço questão de que os leitores desta pesquisa se debrucem sobre este capítulo em que descrevo o nosso Brasil na pandemia. Mas calma, o mundo ainda não acabou, pelo menos não como a criança que habita em mim se acostumou a esperar, recordo-me da vez que minha família juntou mantimentos, só faltava um *bunker*[9] típico de filmes de ficção científica.

Um dos maiores desafios imputados à circunstância brasileira é lidar com o fim do mundo que se conhecia, adaptar-se a um contexto instável perante a uma ameaça poderosa e invisível que descortinou muito mais além das máscaras usuais da sociedade, uma grave instabilidade político e socioeconômica que ajudou a acelerar e a prejudicar a possibilidade de sairmos vivas desta tida "gripezinha" por parte deste (des) presidente que conduz seu rebanho, ou melhor, um conglomerado de seguidores fanáticos e adeptos do negacionismo. Supõe-se que um impacto global da pandemia resultaria em uma espécie de reflexão fundamental sobre a necessidade de mudança das formas de gestão social que está submetida a população mundial.

Além de lidar com uma ameaça biológica a nível mundial, tivemos que defender a ciência, o Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS), o respeito às culturas indígenas, a proteção da Amazônia, exigir a vacinação enquanto direito, tudo aconteceu por ausência de deliberação por parte do Estado brasileiro que vem sofrendo com um processo de natureza revolucionária capitaneado pela extrema-direita que diz respeito ao exercício do poder

[8] Prótese de silicone fálica que serve como brinquedo destinado basicamente à penetração sexual.
[9] A etimologia da palavra bunker substantivo masculino que significa abrigo no formato subterrâneo fortificado e ou blindado, construído para dar abrigo em situações de guerra ou ataques nucleares, ou qualquer circunstância apocalíptica de acordo com a cinematografia Sci-fi ficção científica (Eugênio TRIVINHO, 2008).

soberano neoliberal autoritário que age nos modos de gestão de morte e do desaparecimento (Vladimir SAFATLE, 2019). Já não seria o bastante tentar dialogar com pessoas partidárias deste projeto de extrema-direita ultranacionalista, quanto mais precisar explicar em pleno século XXI que a terra não é plana, mas pelo contrário, é muito redonda e que por sinal esperamos "as voltas que o mundo dá" para esperançar pela hora do ajuste final, acerto de contas, ou que a justiça seja feita e chegue para estas pessoas. Torna-se de difícil compreensão quando pensamos que a justiça está com venda nos olhos para ser imparcial, mas parece que tem alguém que faz questão de manter seletivamente impossibilidade de ver as coisas como realmente são. Nunca foi tão urgente dizer o que é óbvio.

A maior dificuldade no nosso país ao contrário do que se poderia imaginar, não se trata do novo vírus da Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS-CoV-2) popularmente conhecido por covid-19[10], que para nossa infelicidade coincidiu de eclodir no pior momento da política brasileira com um dos piores presidentes "eleitos", se é que podemos alegar que houve mesmo uma eleição em 2018. A crise brasileira reside na tentativa de vivermos em uma democracia que não é nova e nem tão pouco recente, pelo contrário está retratado na notícia histórica e nos fatos que demarcam a realidade social brasileira, fato este, que democracia é a exceção, e o golpe é um sintoma brasileiro em repetição, e seu equivalente seria o bolsonarismo como um sintoma mórbido que tende a ser reavivado em novos arranjos e estruturas que se articulam em planos e ou pactos nacionais, ou seja, envolvendo todos os poderes e esferas.

Por isso que pensá-la enquanto jovem e recente é viver em negação do fato de que sempre foi aviltada sofrendo uma extensa e prolongada repetição sucessiva de golpes, agora em novos moldes institucionais desde 2016 que se encaminhou para uma eleição de 2018, forjada nos moldes da República Velha em que se retirava um dos candidatos para assegurar a vitória do escolhido que queriam eleger. Tudo isto regado com direito a forças militares que fazem ameaças ao Supremo Tribunal Federal - STF ditando como se deve continuar o grande pacto nacional, processo este que vem com efeitos até os dias atuais. O que acontece com a crise sócio-política brasileira é que o golpe perpetrado não foi gritado em voz alta, pelo contrário foi dito em voz mansa e prolongada, algumas pessoas sabem que foi golpe porque estavam atentas aos sinais (Vladimir SAFATLE, 2021).

Em 2016, como já foi mencionado anteriormente o nosso país viveu um "novo" golpe de estado, desta vez com uma versão mais moderna, um golpe "parlamentar", com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, o que desencadeou para uma sequência de

[10] Novo vírus SARS-CoV-2 (*Orthocoronavirinae*), popularmente conhecido por covid-19.

retrocessos em todas as dimensões: social, político, econômico, cultural e artístico. Tudo aconteceu como um projeto, ou melhor dizendo, um grande acordo nacional com pretensões de aniquilar todos os avanços implementados por gestões mais progressistas desde a era Lula. O Governo de Michel Temer, nesse momento pós-golpe iniciou uma rápida abertura para a direita conservadora e derrubada de conquistas e direitos, a precarização das instituições públicas em diversos campos, educação, saúde, segurança e cultura etc. Evidente que tinha dedo do capitalismo financeiro nestas ardilosas tramas. Que para adiantar e resumir o que aconteceu que pouco tempo depois do "*golpeachment*" com massivas investidas da grande mídia, sendo que no Brasil especialmente representada pela Rede Globo de Televisão e suas filiais em diversas vertentes de comunicação auxiliaram este projeto (Jessé, SOUZA, 2017, p. 154-156).

Foi então que nos anos de 2016 a 2018 os mantras que se arrastam até os dias atuais como som de discos em vitrolas quebradas "a culpa da Dilma", "é tudo culpa do PT", "PT só tem corrupção", até os dias atuais mesmo em coisa que não se tem dependência nenhuma ainda são responsabilizadas pelo fracasso: o PT. Nas eleições de 2018 a incerteza e a polarização estabelecida e a confusão acerca dos movimentos e da militância, ameaças infundadas de ditadura gayzista, kit de mamadeiras de piroca, além de uma forte fixação anal ameaçaram tudo aquilo, pelo qual os conservadores agarram como sua promessa de ascensão, seguíamos com duas propostas de governo de um lado um professor Fernando Haddad e do outro um ex-militar, J. Messias B, que tem nome de santo, as pessoas em nome de fé escolheram o partido de extrema direita ultraconservadora (Jessé, SOUZA, 2017).

Após 28 anos de extrema irrelevância na câmara dos deputados, atuando apenas com uma política parlamentar parcial aos interesses profissionais e monetários de seu nicho militar, o então deputado Jair Messias Bolsonaro saltou, em 2018, da absoluta inércia parlamentar diretamente para o Palácio do Planalto. Paralelo a sua chegada, assumiram a centralidade da agenda pública brasileira, avançou o negacionismo científico, aguçou o conspiracionismo e inflamou um anticomunismo tudo ao mesmo tempo e em todo lugar, cultivando uma estética anacrônica e caricata junto com seus aliados e uma explosão de candidaturas de representantes das Forças Armadas e das corporações policiais ativos em suas funções, podemos também pontuar o expressivo aumento da participação de militares em funções de Estado, tornando inevitável a comparação à ditadura militar brasileira (1964-1985) (Ivan Henrique de Mattos e SILVA, 2021).

Concordando com as ideias do filósofo e psicanalista Vladimir Safatle (2021) em uma de suas entrevistas, que é um remodelação de golpe em curso, foi um processo insurrecional

de extrema direita que em câmera lenta, vem vagarosamente sendo instaurado durante anos, representando o lado dramático da história brasileira, hoje. Existe uma esfera da sociedade muito claramente identificada com um processo de transformação estrutural do Brasil, uma transformação fascista que desconfia de estruturas institucionais e que mobiliza setores da população camuflando seus reais interesses com ideais de "lutar contra a corrupção". Óbvio que dentre estes atores sociais apoiadores explícitos desse projeto, estão as Forças Armadas. Quando o referido teórico cita a decomposição da estrutura de poder, refere-se às tentativas desses grupos de pôr em questão que estruturas institucionais deveriam ser respeitadas no país. Essa atitude reivindicativa e de resistência contra a estrutura institucional não era da extrema direita, outrossim da esquerda. É como uma deterioração apontada pela ciência política, na qual o poder também vai alternando de oligarquia tradicional para o poder nas mãos de militares em uma composição de instituições golpistas do poder judiciário. Entendemos que a gênese dessas estruturas tinham haver com processos de opressão, de perpetuação de desigualdades, de deslegitimação, etc. Tais discursos e justificativas migraram para a extrema direita (Vladimir SAFATLE, 2021).

Depois tiram esses setores do poder judiciário e ficam somente os militares, sendo que no caso do Brasil este autoritarismo de ordem fascista furtivo vai aos poucos extinguindo os elementos de normalidade democrática, os personagens vão alternando, mudando e o poder passa de uma mão para a outra até a figura mais radical. Inúmeras manifestações estão acontecendo nas ruas para manifestar o atual desprazer que a população sente diante da atual conjuntura político socioeconômica do país.

Essas modificações e alternâncias são explicitações contemporâneas da profundidade autoritária das novas gestões neoliberais que aumentam a desigualdade, por isso se quisermos compreender a anatomia do novo neoliberalismo, precisamos olhar para a história e coerência do neoliberalismo, afinal de contas só é possível combatê-lo estando dentro deste sistema, para esta tarefa é preciso não se deixar iludir e prover uma análise lúcida do imanente modelo das tendências neoliberais. O neoliberalismo não se caracteriza apenas por uma ideologia, mas sim por uma política econômica, que transformou profundamente o capitalismo e, consequentemente, várias sociedades, logo uma das novas formas de subjetivação (Pierre DARDOT e Christian LAVAL, 2014).

Quando refiro-me às novas formas de subjetivação pontuo na co-responsabilidade e gestão do sofrimento psíquico nas mãos do neoliberalismo, em outras palavras, que as formas de sofrimento e valores nem sempre são somente clínicas. São valores advindos da cultura, da política, da economia, da estética. Se por um exemplo tratamos de uma circunstância que

envolve o equilíbrio, este por sua vez é um valor estético. Pensar no excesso de controle e ou autocontrole, é referir-se a um valor político. Ademais, os autores supramencionados Pierre Dardot e Christian Laval (2014) indagam-se como os princípios de racionalidade econômica vigente denominada de neoliberalismo intervêm na nossa noção de normalidade hoje, pela capacidade de organizar em um sistema de expectativas subjetivas que definem muito claramente uma nova ordem mundial, uma nova configuração de nossa gramática de sofrimento, ensina-nos como a gente sofre. Corroborando com Boaventura de Sousa Santos (2020), fazendo referência a pandemia enquanto uma crise emergente que revela na verdade outra crise que se torna permanente, é o caso das decorrentes das políticas neoliberais, tomada como justificativa para a concentração de riqueza nas mãos de poucos e que favorece o aumento das desigualdades. O que a pandemia escancarou foram formas de viver e de se relacionar mudam ao longo do tempo impondo modos até então impossíveis em nossos tempos em diversas sociedades.

É assim que se configura um laboratório do neoliberalismo autoritário semelhante aos que se desenvolve em países de inserção periférica como é o caso do Brasil, após um golpe de estado (que não se encerrou, permanece vagarosamente em curso) resultou na forjada eleição do inigualável pior representante de todos os tempos, o tão esperado “messias” para uma parcela da população extremamente conservadora e fundamentalista o que favoreceu a ascensão de uma política conservadora de extrema direita totalmente neoliberal.

Toda essa discussão realizada até aqui é para evidenciar a mudança de paradigma que aponta para um deslocamento de tais questões descortinando muito além do conceito de necropolítica, mas de um estado suicidiário. Na visão de Vladimir Safatle (2021), somos todes parte do mesmo experimento de tecnologia social e dessas novas formas gestão imanentes ao neoliberalismo, como é o caso do Brasil que se mostrou palco das tentativas de implementação deste estado suicidiário, ou seja, o estado como gestor da morte e ou desaparecimento. Essa forma se fez presente no nazismo e regimes totalitários, agora o fascismo brasileiro em seu próprio nome, Bolsonaro, veio sobre a forma de pandemia encontrando uma oportunidade de ter uma catástrofe para chamar de sua, essa violência contra a população em vulnerabilidade, povos originários, minorias sociais é a matriz do capitalismo brasileiro. Afinal de contas, como se explica quem financiou uma ditadura para criar aparatos de crimes contra a humanidade em uma ode a tortura, na qual estuprava, assassinava, e fazia corpos e cadáveres desaparecer? Esperamos pela elucidação de mortes: Quem mandou matar Marielle Franco?

A discussão suscitada pelo conceito de necropolítica surge da análise reflexiva que diz respeito ao exercício do poder soberano, uma vez que promove a "instrumentalização generalizada da existência humana e em paralelo a materialidade da destruição de corpos humanos e populações" (Achille MBEMBE, 2018, p.10-11).

> Nesta circunstância terrível de instabilidade política/social no Brasil, vemos fenômenos recentes que remontam aos tempos da colonização europeia, o racismo que sempre existiu acontece de modo cada vez mais escrachado, a manutenção da heteronormatividade compulsória, há "líderes" cometendo injustiças e exclusões. Ainda temos o genocídio indígena, extermínio da população negra nas periferias, exemplos que nunca se extinguiram, que fazem pensar que jamais tivemos um estado de direito democrático propriamente dito. Entretanto, o governo Temer/Bolsonaro tomaram medidas radicais no âmbito da invalidação das conquistas das classes menos abastadas dentre as várias destacamos a reforma da Previdência; a aprovação da PEC 55/16; o teto dos gastos, que congela os gastos públicos por 20 anos; a liberação de 382 novos agrotóxicos; cortes na educação, em especial para as Universidades; o afrouxamento das fiscalização das florestas/matas; incentivo ao agronegócio e os ataques às terras indígenas; facilitação de liberação de armas, o negacionismo da pandemia do covid-19 (Alysson Amâncio SOUZA, 2021, p 134-136)

Neste momento o número de óbitos pode estar aumentando, por uma má gestão e falta de planejamento de imunização além de todas as tentativas propositais de prejudicar o combate da pandemia por parte do (des)governo. Sabe-se que até o dia 31 de agosto de 2021 somam mais de 580.525 mil mortos[11] conforme o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS). Imagina quantos anos levaríamos se escrevêssemos uma carta contando a vida de cada pessoa vitimada pela covid-19? Será que todas as vítimas seriam consideradas? O que é inadmissível quando se considera já existir mais de uma vacina com eficácia para a doença em todo o mundo, e com países que já aceleraram ao ponto seu processo de imunização que até mesmo as crianças e adolescentes estão sendo vacinades/as/os.

Em sua obra *A cruel pedagogia vírus* (2020), Boaventura de Sousa Santos disserta sobre possíveis lições que apontam os potenciais conhecimentos que construímos a partir da vivência da pandemia do novo coronavírus. Ademais, para Boaventura de Sousa Santos (2020, s. p.), "[...] é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível". O inimigo invisível rapidamente nos remete ao vírus, mas qual seriam os inimigos metaforicamente comparados a este? Os três seres invisíveis que fragilizam a vida humana e ameaçam o planeta terra: os deuses (crenças religiosas); o vírus; e o mercado. Existem, além desses seres, três unicórnios: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado,

[11] No último dia 08 de outubro de 2021, nesta tarde foi divulgado pelo consórcio de veículos de imprensa em boletim extra que o Brasil atingiu a triste e absurda marca de 600.077 mortos pela covid-19. Até o presente momento contabiliza a marca de 658.956 óbitos de mortos por covid-19 do dia 29 de março de 2022 (CONASS, 2022).

conjunto “todo-poderosos” que fingem ser separados, mas que agem estruturalmente imbricados, pois, enquanto houver capitalismo, continuarão a existir o colonialismo e o patriarcado.

Tais acontecimentos foram suficientes para chacoalhar, nos deixar atordoados e extremamente vulneráveis emocionalmente, ou seja, fomos atingidos constantemente por mais de um golpe. É preciso evidenciar com nitidez que tais estratégias são uma forma de controle, são exemplos de vigilância ultrajada nas artimanhas do biopoder cada vez mais capilarizadas no discurso neoliberal e do capitalismo selvagem. Vive-se um momento de crise em que o necrobiopoder está a medrar. Mas quem são estes corpos que parecem não importar ao Estado brasileiro e ao sistema neoliberal colonial e imperialista que o sustenta atualmente?

Neste horizonte atual aponta-se nas leituras de Achille Mbembe (2018), uma série de questões filosóficas do camaronês sobre os mecanismos políticos e discursivos que recriam calcados na diferença racial, formas que assumem a hostilidade e fortalecem a inimizade nas políticas contemporâneas, ou seja, atitudes que se articulam ao recrudescimento das posturas do nacionalismo xenófobos, os racismos do Estado e a suspensão dos direitos civis em nome da defesa da civilização, um inimigo apontado precisa ser exterminado, neutralizado o quanto antes.

Em uma ideia de repovoamento do mundo, o desejo não tão inconsciente de uma limpeza étnica vem à tona em contornos materiais, multiplicação de muros, encarceramento em massa, chacinas, torres e barreiras de segurança, expulsões, genocídio que reitera o "princípio de separação” presente nos dispositivos securitários que tornam a sociedade de inimizade e o estado de (in)segurança permanentes. Em contraponto com uma sociedade baseada na inimizade facilmente poderíamos cogitar a sua polaridade um convívio mais amigável e fraterno, tal como laços de amizade. Giorgio Agamben (2009), ao dissertar sobre o conceito de amizade não seria uma qualidade exclusiva do ser, nem tampouco uma instituição, e sim uma sensação essencialmente humana de com-sentir a existência do outro.

E se tudo vai de mal a pior, imagina para uma parcela da população que não é nem considerada na compreensão que se tem de (sub)humanidade, refiro-me àquelas que foram marginalizadas e estigmatizadas com a violência transfóbica. Quais recursos dispuseram as identidades travestis, homens e mulheres transgêneros diante da pandemia de covid-19? Há uma precariedade e desvalorização das vidas da população transgênero[12]? Como a noção de

[12] Segundo a autora Jaqueline Gomes de Jesus (2012), para reconhecer a diversidade de formas de se viver o gênero, partem-se de dois aspectos para compreender as transgeneralidades. Então, cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição. A vivência do gênero como: *1. Identidade* (o que caracteriza transexuais e travestis); OU como *2. Funcionalidade* (representado por crossdressers, drag queens,

necrobiopoder de Berenice Bento (2018), serve de base para compreender essa determinação de que alguns corpos sejam depreciados e destinados à morte, invisibilidade e abnegação? Acreditava-se que durante a pandemia do covid-19 essa triste realidade sofresse uma alteração e até mesmo redução do número de casos, mas não foi o que evidenciou o Boletim nº 02/2020 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) que apontou que em apenas nos dois primeiros meses dos anos, entre janeiro e fevereiro (incluso ano bissexto em 2020), o Brasil apresentou aumento de 90% no número de casos de assassinatos em relação ao mesmo período de 2019, nos quais foram notificados 20 casos no referido ano, enquanto que em 2020 foram computadas 38 notificações.

De acordo com os dados recentes divulgados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em seu dossiê, no ano de 2018, lembrando incansavelmente do aumento da subnotificação desses dados, ocorreram 163 Assassinatos de pessoas Trans, sendo 158 travestis e mulheres transexuais, quatro homens trans e uma pessoa não-binária. Destes, encontramos notícias de que apenas 15 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 9% dos casos (Bruna Gomes BENEVIDES; Sayonara Naider Bonfim NOGUEIRA, 2019)

Cabe ressaltar que tomando como referência a análise destas estatísticas apontadas anualmente pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) é possível apontar para um considerável aumento no número de assassinatos em relação ao mesmo período em anos anteriores, sendo que não são apenas números e estatísticas mas inúmeras vidas ceifadas de pessoas transgêneras assassinadas, que em suas mais diversas circunstâncias e realidades não estavam protegidas de se tornarem vítimas da transfobia, acometidas por agravos a sua saúde mental em condições específicas que vão da depressão ao suicídio, assassinadas com requintes de crueldade, e outras violações de direitos humanos. Além de que óbitos são subnotificados pela invisibilidade de seus corpos e da sua orientação sexual, o que não lhes permite estar entre as mortes relacionadas ao covid-19 (ANTRA, 2020).

De acordo com o Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020 (ANTRA, 2020), a pesquisa suscitou em sua análise que dentre os casos nos quais foram possíveis a identificação da identidade racial da vítima, percebeu-se que 78% eram travestis/mulheres trans negras (pretas e pardas, em conformidade com o Estatuto da Igualdade Racial), ao que confere uma leitura social deste fenômeno que o cruzamento de marcadores, ou melhor, a interseccionalidade de gênero-raça-classe que quanto

---

dragkings e transformistas). O Asterisco representa no tocante a esta pesquisa que está se detém a vivência exclusivamente enquanto identidade, por isso incluem apenas as travestis e transexuais.

mais destoante do que foi naturalizado enquanto norma/padrão pela sociedade de que "homem-masculino-cis-hetéro-branco", quanto mais próxima de um devir de feminilidade mais suscetível são as identidades sexuais e de gênero que sofrem com a exclusão/violência, discriminação e segregação, e, consequentemente, são tidos em um projeto necropolitico como passíveis de mortes.

Ou seja, aqueles rostos que historicamente possuem uma identificação que seja possível serem representáveis que não sejam pela desumanização desnudam a condição de violência gratuita que é a própria demonstração de precariedade da vida (Judith BUTLER, 2004; 2011), vidas matáveis que são denunciadas na quantidade de assassinatos e sob diversas formas cruéis e específicas, em intensidades e desfigurações do corpo, deste rosto que foge a inteligibilidade de reconhecimento deste outro, uma questão de alteridade. Uma questão de alteridade se faz presente quando pensamos em defesa de quais vidas realmente importam?

Percebe-se que a categoria outro mobiliza um impasse frente ao que se sabe sobre a discussão acerca do humanismo europeu, principalmente ao conceito de outro do humano forjado pela Modernidade ocidental. Achille Mbembe (2018) questiona os elementos que sustentam o conceito de humanidade, problematizando a inscrição dos corpos negros no centro da extração/escravização promovidas pela expansão colonial moderna, da mesma forma o anonimato e o apagamento que marcam sua existência cultural. O que há de forjado pelos colonizadores gera uma incapacidade de dar lugar a outras genealogias do mundo que em uma política de inimizade as elege como alvo, o sistema realiza a manutenção das estruturas de invisibilização, objetificação e instrumentalização raciais, questionadas, em perspectivas plurais e de modo enérgico, que assim como Achille Mbembe são apontadas por outros pensadores/as africanos/as e da afrodiáspora.

Chegar à conclusão de que ainda não é o fim daquele mundo que conhecia e que todes apontavam como sendo "normal", esta é somente uma forma de categorizar a diferença, o estranho, a diversidade como anormalidade que a sociedade rejeita e que elegeu para lançar uma perseguição sem trégua, uma caçada nos moldes da inquisição, queimando o que lhe causa desconforto. Talvez estranhamento e que lhe denotem o inconformismo com os discursos que já nos atravessam nos esperam a espreitas do nosso nascimento. Já está nos aguardando uma trama que desenha todo um caminho que não foi escolhido, mas traçado como linha reta que não permite desvios, curvas, nem movimentos que estejam na contramão do que já está posto como normalidade ou naturalizados pela norma. Negar os desejos para adotar a norma cissexista e evitar tudo que seja desviante. Somos vítimas de um ideal de masculinidade, heterossexualidade e branquitude em culturas distantes.

Uma vez que pontuo o quanto o antigo regime sexual é forjado nos moldes e ideais de uma sociedade cisheteronormativa em sua compulsoriedade, ou seja, que a concepção do que é ser “homem” e ou “mulher” não condiz com a vivência dos povos originários e outros grupos de indivíduos que ocupavam espaços no mundo inteiro e que sofreram com a colonização, exploração, extermínio, escravização, entre outras formas cruéis empregadas pela colonialidade de poder presente nas atitudes e comportamentos do homem branco, cisheteronormativo, cristão, europeu.

São essas uma série de ações políticas, militares e econômicas que visam a dominação e exploração de um povo/território por outro, que denominamos de colonialismo. Sendo um dos exemplos, as expansões marítimas do século XV, quando os povos europeus invadiram e colonizaram territórios americanos, asiáticos e africanos, territórios vistos pelos europeus como possíveis fontes de riqueza e expansão, enquanto via seus povos originários como bárbaros, desprovidos de história, sabedoria ou civilização. O colonialismo eurocêntrico anda de mãos dadas com o etnocentrismo e a eugenia, valendo-se do mito de serem o único povo “civilizado”, e naturalmente, isso é, racialmente, superior e portanto, autorizado à dominação de quem quer que seja, usando toda sorte de violência (Aníbal QUIJANO, 2005).

Os autores supramencionados conceituam a Colonialidade do poder como uma forma de dominação ideológica, cultural e social que o binômio dominador/colonizador ainda exerce sobre o dominado/colonizado mesmo após o fim das relações coloniais. Embora o Brasil não seja mais colônia de Portugal, ainda funcionamos em uma relação de subalternidade, inferioridade em relação à Europa no campo intelectual e social. Vários sofrimentos de toda ordem e questões sociais perduram em nossa sociedade, por exemplo, o racismo e machismo estruturais e a intolerância com religiões de matriz africana.

Do mesmo modo o entendimento da sociedade que sob um regime cisgênero enfatiza uma constituição binária do que seria gênero, desse modo não privilegiando a possibilidade da diferença que nos atravessa e singulariza em nossas relações interpessoais e no laço social enquanto cultura constroem e são desconstruidas ao passo que o gênero se faz e se refaz. Esse é o objeto de discussão no próximo capítulo, discutir como o gênero se constitui como uma ferramenta útil de análise histórica.

3 DUPLA FACE DO GÊNERO: CONSTRUÇÃO SE FAZ PELA DESCONSTRUÇÃO

Existem sentidos produzidos no uso das palavras que escolhemos para significar nossa existência, expressar as nossas ideias e os nossos sentimentos. Ao longo dos séculos houveram muitos esforços para domar uma língua principalmente aquelas consideradas nativas, selvagem (Glória ANZALDÚA, 2009), sobretudo as vozes revolucionárias de muitas ancestralidades. As palavras têm história, e foram munidas dessas palavras que de um lado estudiosas dos estudos lésbicos e gays e do outro lado militantes de movimentos sociais liderados por "minorias" étnico-raciais, de gênero e sexuais[13] ao problematizar o conceito de gênero fizeram a história em constante movimento (Richard MISKOLCI, 2009).

Antes de mais nada ao pensar nestes trânsitos lexicais e gramaticais conduzem ao longo dos séculos, as pessoas a utilizarem de forma figuradas para evocar sentidos e traços de caráter ou sexuais. Em conformidade com esta leitura, Monique Wittig (1985) traz à tona indagações sobre a marca do gênero na linguagem, situando que em muitas línguas e idiomas alguns conceitos possuem funcionalidades de inscrever ontologicamente habitual que reforça na linguagem uma divisão dos seres em sexos. Mas assim como a denúncia do “belo sexo” de Joan Scott (1990), só se questionam estas marcações linguísticas quando no âmbito da “brincadeira” de um sexo fictício para extrapolar o termo gênero da gramática e a sobrepô-lo à noção de sexo.

O modelo eurocêntrico e o norte-americano, que logo influenciam o pensamento ocidental, possuem modos binários de entender como funciona o mundo, em sua maioria se mostram dependentes do uso de dualismos – pares de conceitos, símbolos, objetos ou sistemas de crenças opostos (Anne FAUSTO-STERLING, 2001). Ao longo desta pesquisa iremos nos debruçar por compreensões distintas de alguns destes binômios como sexo/gênero (Gayle RUBIN, 1975), natureza/criação, humano/máquina (Donna HARAWAY, 1985; 1991), homossexualidade/heterossexualidade (Berenice BENTO, 2017), cisgeneridade/transgeneridade (Paul B. PRECIADO, 2008; 2018), real/construído, performatividade/essência (Judith BUTLER, 1990).

[13] É muito importante situar aos leitores que atualmente há uma forte crítica ao reducionismo que o termo “minoria” acaba por incidir, sob viés de uma pretensa neutralidade numérica, desvaloriza grupos subordinados a uma ordem hegemônica (este grupo confundido como “maioria”), um outro exemplo é quando nos referirmos às mulheres como minoria, uma grande incoerência quando na verdade constituem numericamente a maior parte da população mundial (Berenice BENTO, (2011); Richard MISKOLCI, (2011); Thiago Ranniery OLIVEIRA (2020); Leandro COLLING (2013).

A percepção do “sexo fictício” (Monique WITTING, 1985), dos nomes e ou o seu gênero neutro em objetos inanimados, e que quando se tratam de pessoas os idiomas adotam a marca do gênero reforçando uma divisão dos seres em sexos. Para além da delegação lexical dada aos “seres naturais", o gênero seria muito mais do que identificar linguisticamente papéis socialmente lidos como masculino e feminino.

Foi por este motivo ao perceber que a noção de gênero não é tão inofensiva como parece que as feministas norte-americanas utilizaram gênero como uma categoria sociológica, pondo em relevo que não existe nada natural quando se refere a este termo, já que os sexos foram construídos artificialmente, são categorias políticas e opressivas.

A contrariedade do feminismo sobre interpretação do conceito se manifestou por dois motivos: (1) conceber "gênero" em seu uso e origem como oposição nítida ao que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado. Situando o termo como referência e pensamento em termos de personalidade e comportamento, não ao corpo. Sendo assim, "gênero" e “sexo" são, portanto, compreendidos como distintos. (2) Atribuir "gênero" como referência a qualquer construção social sobre a lógica binária masculino/feminino, considerando as construções de papéis que separam corpos "femininos" de corpos "masculinos" (Linda NICHOLSON, 1990). Foi ao extrapolar o conceito de gênero da gramática, que estudiosas feministas perceberam o indicador linguístico da oposição política entre os sexos e da dominação das mulheres (Monique WITTING, 1985).

Na obra intitulada "*The Traffic in Women*", Gayle Rubin (1975, p.159) inaugura a expressão sistema sexo/gênero, definindo-o como "o conjunto de acordos sobre os quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas".

Iniciativas individuais isoladas ou coletivas de combate à opressão das mulheres em diversos momentos da história compõem um movimento social organizado que é o feminismo, usualmente denominado na história do ocidente nas últimas décadas do século XIX. A primeira onda de feminismo que se intensificou na Inglaterra resultou de manifestações organizadas por mulheres para lutar pelos seus direitos, principalmente a reivindicação para o direito ao voto. Este movimento de maior expressividade foi chamado de “sufragismo” ou a primeira onda do feminismo (Guacira Lopes LOURO, 1997).

Após um tempo de enfraquecimento essas manifestações ganharam força e o desdobramento foi a chamada “segunda onda” - que se inicia no final da década de 1960 - que seria resumidamente uma vertente do feminismo que lidava com as ideias fomentadas pelo sexismo geral de justificação biológica da distinção sexual, que não abrange muito mais além

dos “fatos da biologia” as suas preocupações sociais e políticas, resolveu se direcionar para compreender e produzir as construções teóricas iniciando as problematizações que denotam a emergência do conceito de gênero (Guacira Lopes LOURO, 1997).

Essencialmente no ano de 1968 com marchas e protestos públicos foram um marco da rebeldia e da contestação, observou-se uma efervescência social e política de "minorias" étnico-raciais, de gênero e sexuais, intelectuais negras, estudantes, mulheres, jovens de diferentes grupos. O movimento feminista contemporâneo ressurgindo implicado linguística e politicamente em suas lutas busca lidar com a segregação e as múltiplas realidades segregadas, na virada do século XX frente à discriminação feminina e à expressão de suas mazelas impulsiona a emergência de obras célebres como *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir (1949), *A mística feminina* de Betty Friedman (1963), *Política Sexual* de Kate Millett (1969). É assim que na efervescência social as militantes feministas que participavam também do universo acadêmico mobilizaram o fazer intelectual fazendo surgir os estudos da mulher a fim de denunciar a invisibilidade e segregação social e política.

As constantes transformações históricas empreenderam um novo debate de questões antropológicas, biológicas, sociológicas, psicológicas e políticas, na qual o conceito de gênero se apresenta como fundamental. “Nesta época, que através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex”* (Guacira Lopes LOURO, 1997, p. 21). Propuseram pelas reformulações políticas de gênero ensejadas pelas feministas ocidentais após os anos 1960, passeia tanto pela construção de significações e sentidos, como a percepção das tecnologias de sexo e gênero ações sobre os corpos e acentuando formas de subjetivação (Teresa de LAURETIS, 1990; Donna HARAWAY, 2004).

Nos estudos feministas e nas práticas culturais e pós-colonialistas explodiram a noção essencialista de identidade por volta dos anos 1960 e 1970, a emergência do conceito de gênero se colocava com rejeição ao determinismo biológico implícito nos usos de conceitos como “sexo” ou “diferença sexual” encontrava-se no centro da crítica da representação da releitura das narrativas e no questionamento das teorias. Saindo de uma leitura a partir de uma política assimilacionista que pautava o essencialismo, para uma matriz não-essencialista sobre gênero e sexualidade (Jeffrey WEEKS, 2016), o âmago da teoria *queer*[14]. Elaboravam-se práticas e discursos específicos e criavam espaços sociais, sendo estes espaços “gendrados”, portanto marcados por especificidades de gênero (Teresa de LAURETIS, 1990). Como aponta

[14] A expressão *queer*, em inglês significa estranho, exótico, abjeto, esquisito e costumava ser utilizado de forma depreciativa para referir-se a homossexuais. Ele foi ressignificado pelo próprio movimento LGBT e pelos estudos de gênero, negando a sua conotação negativa inicial e utilizando enquanto potência afirmativa. (Larissa PELÚCIO, 2014, p. 20)

Joan Scott (1995) no uso mais recente do conceito gênero pelas feministas norte-americanas acabava por insistir no caráter fundamentalmente social das distinções de papéis baseadas no sexo feminino em oposição ao masculino tido como categoria universal em uma sociedade androcêntrica (María LUGONES, 2014).

> O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês (María LUGONES, 2014, p. 936).

Por muito tempo as pautas dos movimentos feministas hegemônicos culturalmente arraigados da lógica colonial (de algum modo inconsciente, fora de ser objeto da consciência), tais movimentos em geral liderados por mulheres racializadas brancas de classe média, refletiam seus anseios a partir de seus lugares sociais e, muito mais além do que estes, durante muito tempo foram estes entendidos e reivindicados que diziam respeito à unicidade do que é ser mulher. Todavia, os feminismos negros, enquanto movimentos sociais estão cada vez mais emergindo e se organizando politicamente, começam a questionar justamente essa categoria mulher e sua compreensão equivocadamente unitária, logo destaca-se que pensar o atravessamento das questões étnicas/raciais é uma forma de reconhecer as diferenças em ser lida como mulher negra nesta sociedade, que para além de ser sexista, também é racista (Nzinga MBANDI, 2019).

Ao escolher gênero como uma categoria útil e analítica (Joan SCOTT, 1995), nesta pesquisa é imprescindível, enquanto compromisso da/o pesquisadora/or atentar-se para o fato de que ao buscar compreender na história narrada pelas pessoas oprimidas e a natureza de sua opressão se dá em uma relação, em uma experiência partilhada no campo (Marcus Cézar de Borba BELMINO, 2020), ou seja, as desigualdades de poder e vulnerabilidade antropológica que aqui me refiro não podem ser pensadas sem levar em conta a coexistência estrutural de tentativas de dominação e opressão quanto a inúmeros marcadores sociais como raça, classe, gênero, geração, identidades sexuais e de gênero, etc, são dentro de um "Cistema"[15] estrutural

[15] A autora Viviane Vergueiro Simakawa (2015) que prefere ser referenciada Viviane Vergueiro, por influências de suas leituras a obra "*Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial*" de autoria de Rámon Grosfoguel (2012) que ao apresentar sua tese sobre a necessidade do pensamento descolonial na esquerda transmoderna situa-nos do conceito "sistema-mundo" como organização da sociedade que por sua vez ao ser associado às ideias de Aníbal Quijano (2005), pela autora para ampliar este pensamento para como se dá uma organização da sociedade estruturalmente

(Viviane VERGUEIRO, 2015).

Outrossim, na maior parte dos ensaios e obras ao longo da história, a definição de gênero diz respeito às diferenças sexuais. Recorre-se a quem melhor discorreu sobre a compreensão e usos do saber e do poder como disciplinamento, Michel Foucault (1969) nos pontua que todo o saber produzido pelas culturas e pelas sociedades sobre as relações humanas, no caso específico, as relações entre homens e mulheres foi aplicado ao corpo. Longe de ser uma verdade imutável, este saber não é absoluto, pelo contrário sempre relativo.

É produzido em uma forma complexa no seio das epistemes e têm a sua própria história (quase) autônoma, seus usos e seus sentidos nascem de uma disputa de poder, um conflito político, são os meios pelos quais acontecem a dinâmica de dominação e subordinação exemplificam as relações de poder que são construídas. O saber não diz respeito apenas ao conhecimento, mas à institucionalização e estrutura que mantém estas práticas, ou seja, faz parte da dimensão do saber o modo como se deseja ordenar o mundo e, como tal, não precede a organização social, mas dela é inseparável (Michel FOUCAULT, 2015).

Antes de mencionar que a partir desta noção, o gênero é a organização social da diferença sexual, retomei as ideias da obra *Gênero uma categoria útil de análise histórica* (1995) em que é pontuado as seguintes premissas:

> (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; (2) uma forma primeira de significar a relações de poder. (3) As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (Joan SCOTT, 1995, p.119).

A aquisição de nossa programação sexual e de gênero assemelha-se muito à aprendizagem de nosso sistema cultural ou nossa língua materna. É muito mais difícil aprender novas línguas, ou ter a mesma fluência que temos na nossa primeira língua. Eu diria que é a estrutura da linguagem que revela que os gêneros não-inteligiveis possui gramática diferente da mera transgressão transcendendo os limites de aspectos performativos da linguagem, e do, surgimento do sujeito falante por meio da diferenciação sexual em premissas constituintes da lógica da binariedade em estruturas normativas masculino e feminino, e o modo como a linguagem cria subsequentemente a inteligibilidade e nomeação do gênero (Gayle RUBIN & Judith BUTTLER, 2003).

Não há como negar que o gênero se constitui sobre corpos sexuados por sucessivas e

---

calcada na noção de cisgeneridade por isso o conceito “Cistema-mundo” como forma de descrever com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante.

massivas investidas deliberadas das tecnologias de gênero[16] em uma construção social e histórica produzida sobre a ênfase das características biológicas, "o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (Joan SCOTT, 1995, p. 72). Como diz Robert Connell (1995, p.189), "no gênero, a prática social se dirige aos corpos". O gênero é sempre um arranjo contraditório. Justamente por isso que se faz possível uma dinâmica histórica que impede que a história do gênero seja um eterno retorno, repetindo-se o ciclo das mesmas e imutáveis categorias. A seguir discutiremos como a Teoria *queer* analisa esta prática social de regulação de gênero e quais dispositivos de sexualidade agem sobre os corpos e por meio das relações de poder e saber que são vividas.

3.1 TEORIA *QUEER*: TECNOLOGIAS E DISPOSITIVOS DE PODER, DISCURSOS E REGULAÇÃO DE GÊNERO

Com a acentuada inquietação referente aos estudos feministas e gays/lésbicos entre as décadas de 1960 e 1990 sobre gênero e sexualidade principalmente deslocando-se da distinção biológica como forma de justificativa de papéis masculino e feminino reconfigurou-se para aprofundar-se no "grito" crítico que ecoava por militantes e ativistas sobre o conceito de gênero. Tais estudos de Richard Miskolci (2009) apontaram para uma política pós-identitária e o uso deste exercício de estranhar cunhado por Guacira Lopes Louro (2018) sobre o significante *queer*. Surge a Teoria *queer* nos Estados Unidos no final da década de 1980, como uma forte crítica em oposição aos estudos sociológicos referentes às "minorias" sexuais e gênero (Richard MISKOLCI, 2009).

De acordo com Richard Miskolci (2009) o seu surgimento não aconteceu junto aos departamentos específicos de investigações sociais, pelo contrário, foi através da interlocução com a Filosofia e Crítica Literária que obteve seu reconhecimento a partir de algumas conferências em Universidades da *Ivy League*, na qual o objeto em análise era justamente a dinâmica da sexualidade e o desejo na organização das relações sociais. Tal tensionamento em direção às ciências sociais impulsionou o empreendimento *queer,* recente ao mesmo tempo que um pouco mais tarde firmou um diálogo, porventura uma coleção de livros sobre teoria social contemporânea evidenciou o título *Queer Theory/Sociology* coletânea capitaneada pelo sociólogo Steven Seidman (1996).

[16] Tecnologias discursivas e de ordem prática que produzem e reproduzem o gênero, segundo Teresa de Lauretis (1987).

As primeiras incursões dos chamados estudos sociológicos da homossexualidade nos anos de 1950 e 1960 em dialogicidade com argumentos essencialistas buscavam alcançar uma compreensão mais abrangente, uma etiologia da homossexualidade. O fato de afirmar-se contra o essencialismo e o fervor causal presente nessa sociologia inauguram este estranhamento a fim de entender como a sexualidade pode ser construída sócio historicamente. Pelo menos até a década de 1990, a Sociologia tratava da ordem social como sinônimo da heterossexualidade. Com o surgimento da teoria *queer*, não obstante, uma série de recorrentes exigências principalmente no meio acadêmico, ironicamente, forçam a teoria *queer* a regressar ao quadro normativo das categorizações a que tão afincadamente procura escapar (Richard MISKOLCI, 2009).

Em 1980, a poetisa ensaísta lésbica norte-americana Adrienne Rich (1980; 2010) pensadora que traduz a experiencia lésbica diante das concepções que o feminismo entende do que é ser mulher, já nos fornece pistas da sociedade assentada em uma heterossexualidade compulsória, que é ideológica e normatizadora. Será que já passamos do momento de nos indagar se a heterossexualidade existe mesmo? Ou se vivenciar uma experiência heterossexual como algo opcional?

Tais provocações são extremamente *queer*, surgem nas tramas desnaturalizadas, questionadas pela teoria *queer*. O que denominamos de *queer*, tanto em termos políticos quanto em termos teóricos surge então como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, em consonância com as demandas da década de 1960 e 1970, articuladas com a proposta da contracultura e os novos movimentos sociais (Richard MISKOLCI, 2012).

Impulsionadas pelo rompimento do silêncio às próprias demandas feministas, de imigrantes de ex-colônias, de movimentos negros e homossexuais empregaram energia em empreendimentos científicos que confrontaram as instituições, o discurso naturalizado na sociedade, pondo em xeque formas canônicas de compreender as desigualdades sociais. Esse movimento exigiu a renovação dos estudos culturais o que gerou a necessidade de subdivisões direcionadas ao foco em formas singulares de opressão. A tensão que surgiu entre a filosofia pós-estruturalista e a Sociologia diz sobre a forma como a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea e há mais de uma década sustentam-se em um território de hostilidade frente aos discursos estruturais do sistema centralizador coercitivo, no qual estranhar Gênero e Sexualidade são armas bélicas. A Teresa Lauretis em 1990 cunhou *Queer Theory* para constatar os empreendimentos teóricos dos estudos lésbicos e gays (Richard MISKOLCI, 2009, p. 160).

No entanto, na nossa realidade a teoria *queer* não aportou nestas terras brasileiras pelas reivindicações e movimentos sociais assim como no Norte global, de modo controverso a sua origem aqui no Sul global, adentrou "pela porta da frente" ultrapassou os limites acadêmicos e se propagou na sociedade, porém embebida de críticas das próprias políticas identitárias do movimento LGBT[17], que aponta que parece ser uma teoria alicerçada apenas na produção de conhecimento e ou que estava tentando ser captada pelo *mainstream* da identidades não-hegemônicas, o que caracteriza uma necessidade urgente de transformar o que se sabe em ato (Richard MISKOLCI, 2001; Larissa PELÚCIO, 2014), assim como Gloria Anzaldúa (2009) e Franz Fanon (2008 p.34), "existe na posse da linguagem uma extraordinária potência", nos reiterando de quando tomamos nosso vocabulário, nossa língua a fim de superar a escassez de outras formas de se dizer sobre nós. Então como é possível traduzir *queer?* Que potência a expressão *queer* têm nos trópicos? (Pedro Paulo Gomes PEREIRA, 2012).

É fato que o termo *queer* em diversos países, até mesmo de língua saxônica, é entendido como "uma ofensa que soa mal aos ouvidos" (Larissa PELÚCIO, 2014, p.30), em geral lembramos daqueles insultos que provavelmente você deve ter sido confrontada no espaço escolar quando queriam zoar e zombar com você, mas como a autora afirma parecem soar como voz aveludada cada vez que se pronuncia Teoria *queer,* principalmente nos espaços acadêmicos há uma espécie de orgulho ao se dizer teorique[18] *queer* no Brasil, e quando são raras as pessoas que sabem do que realmente é.

O que se quer dizer quando se afirma ser "*Queer*"? Qual é a potência do *queer* na sociedade brasileira? Na sociedade brasileira não tem nenhum sentido como introduzimos o termo. Pelo histórico de lutas e ativismo *queer* estadunidense vai muito além do que posição teórica, não é para gerar conforto. Ao enunciar as expressões transviado, viado, sapatão, traveco, bicha, boiola, consigo fazer com que meu discurso tenha algum nível de inteligibilidade local, mas em contraponto vivenciamos sem a ressignificação das nossas injúrias e xingamentos adotando-as como identificações de potência. Ao contrário no contexto norte-americano, a potência encontrada advém justamente de fazer um truque[19] na injúria,

[17] A sigla traduz o Movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Conforme Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) fazem uso da sigla LGBTTI, significando lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos. Em espaços de ativismo de outros países é bastante comum o uso da sigla LGBTQIA +, em que o Q significa *queer*, termo pouco utilizado no Brasil. Há também o uso, pouco difundido, da sigla LGBTTT, com o mesmo significado acima. Mas, uma vez, que a palavra "transgênero" engloba diversas experiências transgênero, binárias e não binárias, incluindo vivências *queer* e intersexo. Sobre a atribuição de siglas, ver (Regina FACCHINI, 2005).

[18] Flexões da palavra para uma linguagem neutra.

[19] Gíria comum entre Drag Queens significa ato de "esconder a neca" ou seja esconder o pênis e fazer uma buceta. Optei em usar a palavra justamente para enfatizar o ato operação que se faz

transformando a palavra *queer* (bicha) em algo positivo, em um lugar de identificações. Nas palavras da autora Berenice Bento será possível perceber que este conceito já introduz algo de um pensamento colonizado (Berenice BENTO, 2015).

Decerto que o termo "*queer*" tem viajado muito, mas longe de ter a mesma ressonância em todos os lugares que chega. É preciso conduzir para fora dos muros acadêmicos tudo que é discutido entre muros e trancafiados em teses, dissertações amontoadas em armários e almoxarifados, principalmente é preciso dar um sentido e significação mais próximo da realidade do nosso país e das Américas central e latina, e para dar outros nomes menos autocentrados e colonizados "superando a tradição do silêncio" (Glória ANZALDÚA, 2009, p.306), para nomear em suas línguas maternas o que vem a ser a Teoria *queer*, *cuier* ou que tal *cuir*[20], epistemologias *cucarachas*[21], teoria do cu, epistemologia *del culo* (Larissa PELÚCIO, 2014).

Ao se referir a teoria do cu mais do que uma tradução possível para *queer,* desnuda-se uma tentativa de tornar evidente a antropofagia, se pensarmos no mundo como um organismo possuí tanto uma cabeça quanto um ânus, provavelmente se tomarmos como "regra" a referência atual eurocentrada a elegida teoria mais racional, logo o saber que surge no "centro" e se dissipa nos diversos lugares, metaforicamente o saber sempre colonizado e tomado como padrão se resume na "cabeça" do mundo e é produzido no Norte global, então sendo assim o saber que surge no Sul global, ou melhor, no "cu" do mundo, portanto entre ânus e a produção marginal. "O cu excita na mesma medida em que repele, por isso é queer" (PELÚCIO, 2014, p.10).

A inspiração, claramente, advém dos estudos filosóficos de Paul Preciado, que já aparecem no posfácio à reedição do livro seminal de Guy Hocquenghem, *El Deseo Homosexual* (2009 [1972]) onde retoma algumas ideias vigorosas que se aprofundam em sua obra *Manifesto Contra-sexual* (2002, p.172): "historicamente o ânus tem sido concebido como um órgão abjeto, nunca suficientemente limpo, jamais silencioso. Não é e nem pode ser politicamente correto". Possuímos muitos orifícios, cortes, buracos já existentes ou aqueles que são produzidos com a intenção de ser penetrados, (assim é vagina um exemplo deste que não é via de gravidez, deixando de ser uma "víscera oca" a ser preenchida e assemelha-se ao ânus que não produz nem esperma, nem óvulo, nem reprodução sexual, ou melhor, só produz lixo, detritos). O cu é democrático pois todas temos. Esse mesmo cu (De)Preciado não pode

[20] Através da enunciação de Larissa Pelúcio (2014), conhecemos a pessoa de Felipe Rívas San Martín, um editor da Revista *Disidencia Sexual y Torcida*, de estudos *queer*, ao contar sua experiência tentando explicar para duas estudantes estrangeiras qual era a linha editorial da revista. "'Cuir". Es de teoría 'cuir'".
[21] Ver (Larissa PELÚCIO 2016 p.132)

esperar desse órgão produção de benefícios, nem mais-valia: este é exatamente o ponto de fuga do sistema global sexo-raça-capital, pelo cu marcado como órgão abjeto é desejado, se excreta todo capital que escapa e então só há merda que ao voltar a terra se converte em húmus (Paul PRECIADO, 2002).

No Brasil de 1980 vivenciamos um surgimento da ameaça de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) estereotipada de "peste gay", a forma como midiaticamente pintaram os portadores do vírus HIV, essa ameaça esvaziou e enfraqueceu o movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais). Quando os estudos *queer* começaram a ser referenciados no Brasil foi justamente quando experimentou-se o fortalecimento das políticas identitárias, estas estavam articuladas pelo então movimento LGBT brasileiro, algumas de lideranças e pessoas formadas na militância da luta contra aids, não se demorou para gerar um tensionamento, no entanto foi se criando uma preocupante divisão entre "identitários" e "*queer*" que pouca diferença faz para o resto da sociedade brasileira, mas fato é que a recém chegada teoria que se proclamava como não identitária parecia potencialmente despolitizante. A qual só conhece um único movimento, o atual LGBT, e esta divisão interna, onde ela opera, esconde uma luta entre os estabelecidos que temem perder sua hegemonia e os supostamente recém-chegados que a ameaçavam (MISKOLCI, 2011).

Se faz necessário o exercício de estranhar e (des) construir, uma atitude *queer* cotidiana, e assim pensar uma política pós-identitária comprometida com o ato de estranhar a norma, currículos, regras impostas sobre nossas vidas. Dos armários alguns já saíram faz muito tempo. Mas ainda há muros de concreto que barram a fluência destes *viajantes pós-modernos, como* bem salienta Guacira Louro Lopes (2018), a primeira autora a referenciar a teoria *queer* no Brasil.

Em conformidade com Berenice Bento (2015), pontua sobre os três objetivos que embasam o referencial de teóricos *queer* (ou estudos transviados): em primeiro lugar a negação de identidade como uma essência, pautada pela matriz essencialista; em segundo lugar o confronto direto a fim de combater o suposto binarismo identitário; por último, a interpretação política do corpo como um território de combate e disputas, um lugar que as tecnologias de gênero aprisionam.

É necessário partir também da noção de interseccionalidade proposta por Carla Akotirene (2019) como uma perspectiva instrumental heurística e metodológica, reconhecendo a inseparabilidade entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Afinal de contas essa mesma colonialidade do poder que nunca deixou de existir e que ajudou a erguer

essa hierarquia racializada: que dita uma suposta superioridade "natural" em que brancos (europeus), mestiços e, apagando suas diferenças históricas, culturais e linguísticas, promoveu o genocídio de indígenas e a escravização da população negra, os identificando como sub-humanidade e negativamente (Catherine E. WALSH, 2009). Talvez estes marcadores sejam considerados em relevância apenas como conceitos teóricos, assim pontua Joan Scott (1995): "A litania "classe, raça e gênero" sugere uma paridade entre os três termos que na realidade não existe".

Conforme Nathalie Zemon Davis já dizia em (1975, p.90):

> Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente com o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar apenas e unicamente sobre os camponeses.

O movimento objetivava ofertar pesquisas que significassem uma contribuição pertinente ao campo das ciências humanas e sociais ao oferecer mais possibilidades de construção de conhecimento através de produções literárias, sobretudo de brasileiras negras, indígenas, LGBTQIANP +, latinas e caribenhas.

Remonta-se aqui a lembrança de Paul Preciado (2010), ao afirmar que cresceu com um interesse e fascinação intelectual pela obra de Judith Butler, assim como de hispanófono meus interlocutores privilegiados foram sempre as lésbicas chicanas[22] e latino-americanas. Rememorando sua chegada aos Estados Unidos em 1991, na *New School for Social Research* onde ocupou o núcleo dos estudos gays e lésbicos. Nesta referida entrevista ao professor Jesús Carrillo expondo as dinâmicas de gênero, Paul Preciado enuncia o grande processo de transformação que conduziu a crise do feminismo da "segunda onda" (*second-wave feminism*), um período extremamente intenso, porém crucial para dar lugar à teoria pós-colonial, à teoria *queer*, ao pós-feminismo, aos estudos de transgênero, etc.

São tidas como teorias subalternas pelas críticas que propõe aos discursos hegemônicos na cultura ocidental, tanto a teoria *queer* como os estudos pós-coloniais recebem tal denominação por meio da pontuação de Antonio Gramsci justamente para referir-se àqueles cuja voz não é audível nesse sistema biopolítico centralizado (Richard MISKOLCI, 2009). O que é capaz uma voz silenciada, ou que não é audível?

Eis o grito no silêncio que as identidades tidas abjetas aprenderam muito bem como ecoar. De acordo com Gaytri Spivak (2010), o subalterno não pode falar, pois há uma lógica

[22] Em suas obras que revogam o direito de escolher com quais termos se nomear, a autora Gloria Anzaldua remete às palavras que a situam às suas experiências na cultura chicana e mexicana do sul do Texas.

estrutural na sociedade que circunda o poder, desejo e, por fim, o interesse. Em um discurso crítico que procura influenciar e ou alterar a forma como lemos e aprendemos no mundo contemporâneo. Ao concluir esse questionamento não se detém a analisá-lo e responder de forma simplista, pelo contrário, situa-nos ao fato de que a fala do subalterno e do colonizado é sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicação de algo em nome de uma outra pessoa. Fixando sua tese no uso do poder e de estratégias que criam a posição de subalternos relativos às questões de gênero, raça e classe.

Trago as palavras da artista Jota Mombaça (Monstra Errátik) situando no contexto brasileiro, a presença no ambiente escolar ainda é espaço pode ser um campo de reiterações normativas violentas, contínuas, e por extensão repercutem o silenciamento da diferença. Em *Pode um cu mestiço falar* (2015), a autora supramencionada traz relatos da opressão e do silenciamento colonial reproduzidos no espaço escolar e que se não fosse as suas estratégias de resistência e enfrentamento, provavelmente teria "a mesma sina" (embora não se trate de um destino, mas de uma colisão de variáveis que não tem nada a ver com coincidência), que outras crianças que por não suportarem aquele lugar hostil e violento, evadiram-se desse espaço.

Dentre os teóricos que contribuíram com essas discussões é imprescindível destacar o filósofo Michel Foucault (1987), em suas obras evidenciou o quanto o corpo é esquadrinhado no tempo, através da experiência do poder sobre os corpos orquestrados não tão sutilmente assim, mas é estrategicamente articulado com intuito de docilizar os corpos e mantê-los sob controle e vigilância mediante punição. Afinal, todo corpo é político. No entanto, não há como definir que suas contribuições fundamentaram a origem da teoria *queer*, buscar origens e princípios nem condiz com a proposta deste campo teórico dito pós-estruturalista. Mas sem dúvida alguma, os esforços foucaultianos ajudaram a criar condições de um modo *queer* de ser e pensar (Guacira Lopes LOURO, 2018).

Sucessivas transformações no período clássico nos permitem compreender os dispositivos e tecnologias de gênero que são investidas aos corpos como forma de produzir corpos dóceis provenientes das relações de poder e de dominação. Há na constituição destes enquanto força de trabalho sendo possível se houver um sistema de sujeição, o que sempre há onde se faz da necessidade um instrumento político, cuidadosamente organizado, calculado e utilizado. É por este motivo que "o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso" (Michel FOUCAULT, 1987, p. 28).

Explorando a noção foucaultiana de poder regulador, Judith Butler (2014 p.251), afirma que o gênero é apenas uma parte dessa operação reguladora mais ampla. Sua

argumentação não fica restrita somente a esta afirmativa, a autora pontua a subsunção do gênero ao poder regulador, que "o aparato regulador que governa o gênero é ele próprio *generificado*" (grifo nosso). Sendo assim, este poder regulador não apenas age como também constitui os processos de subjetivação dos indivíduos.

Isso é o mesmo que dizer que o gênero reivindica e institui seu próprio regime de regulação de poder e disciplinaridade específico, o que lhe aproxima da articulação com o conceito de que uma norma, que se distingue de uma regra, e também não seria o mesmo que uma lei, a norma (de gênero) "opera no âmbito de práticas sociais sob o padrão comum implícito da normalização" (Judith BUTLER, 2014, p.252).

Considera-se a constatação de Judith Butler (2014), sobre essas estratégias de regulação em distintas sociedades, subversões, transgressões e trânsitos de gênero manifestando-se nas instituições sociais, tais como família, escola e Igreja. Partindo da desnaturalização do entendimento de categoria estática e imutável que se atribui ao gênero para a sua desconstrução, na verdade não se pode continuar apresentando, enquanto fixo, uma vez que a dualidade entre o dito e o feito denota a capacidade que o gênero têm enquanto norma performativa de imiscuir nas relações de poder e por isso não representa uma homogeneidade histórica, pelo contrário, vem se transformando em uma ideia de gênero atemporal.

Michel Foucault (1997) argumenta que essas economias e tecnologias biopolíticas de corpos são elementos centrais para domesticar corpos e torná-los dóceis e ao mesmo tempo produtivos. Esse saber sob o corpo não diz sobre conhecer seu funcionamento orgânico, e sim um controle de suas forças vitais maiores que a capacidade de subvertê-las. O saber supramencionado constitui esta tecnologia política que inflige controle sob o corpo. Enquanto tecnologia é difusa, clara, formulada em discursos contínuos e sistemáticos, sendo composta por peças ou pedaços. Faz uso de materiais e processos sem relação entre si (Michel FOUCAULT, 1987).

Denomina-se uma microfísica do poder aplicada em uma trama/jogo através de aparelhos e instituições, cujo o campo de validade se amalgam de alguma forma com grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças, sendo que esta supõe que o poder nela exercido não seja compreendido enquanto sua constituição ou como propriedade, e sim como estratégia que com efeito de dominação não seja atribuída como apropriação, logo esse poder mais se exerce do que se possui. Este armamento bélico denomina-se corpo político é composto de um conjunto de materiais e técnicas, de reforço,

por vias de comunicação e que contam com pontos de sustentação para as relações de “poder” que investem sobre os corpos humanos fazendo-os subordinados e objetos de “saber” (Michel FOUCAULT, 1996). A educação seja ofertada ou impedida, segundo o autor configura-se uma destas possibilidade de exercer este poder estratégico:

> A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos, no entanto, que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que estes trazem consigo (Michel FOUCAULT, 1970 p.44)

Quanto a este corpo escolarizado surge do fazer cotidiano da escola que é a mesma que delimita espaços, cria e usa símbolos e códigos, informar os lugares permitidos e proibidos em um grande arranjo arquitetônico pensado para o que convém à instituição escolar. Em todas as instâncias das instituições e destes espaços exercitam pedagogias culturais normativas e docilizadas, mas o foco desta pesquisa é apontado por Guacira Lopes Louro (1999; 2011, p. 64) “aqui nos interessa neste momento, exercitar pedagogias de gênero e sexualidade”.

Ao pensar sobre esta premissa anteriormente pautada por Guacira Lopes Louro (1999; 2011), reporto aos leitores desta pesquisa a fim de refletir tais regulações de gênero no que concerne à História da Educação (Antoniel dos Santos GOMES FILHO, 2015), a fim de inferir que entre as estruturas elementares da constituição dos atos performativos e o seu processo de generificação estão a reproduzir uma estilização repetitiva de atos, de gestos, falas, modos de vestir, andar, etc (Judith BUTLER, 1990; 2018). Tudo isso está registrado em práticas discursivas e corporais, mesmo que parcialmente, em artefatos culturais do contexto histórico, conhecê-los enquanto mecanismos regulatórios nos permite uma compreensão mais aprofundada e desmistificadora das regulações de gênero de outrora e suas influências no presente.

Ao longo da investigação descrita por Michel Foucault (1976), nos tomos teóricos dos volumes da História da Sexualidade, refletem sobre uma determinada identidade sexual em seu primeiro volume, a experiência da homossexualidade, na qual o filósofo analisa a produção da verdade e do conhecimento sobre as ideias de sexualidade que impõe no pensamento moderno um regime confessional que obriga você a responder declinando “*sua*”

identidade sexual. Isso se torna comum a todas as experiências de identidades sexuais e de gênero que não correspondam ao masculino e feminino e em uma orientação para a heterossexualidade.

No entanto, revelam-se instabilidades e precariedades das identidades masculinas e femininas (Judith BUTLER, 1990; Paul PRECIADO, 2008), denunciadas por crises do regime heterossexista diante das tentativas de manutenção destas polaridades opostas e complementares dos gêneros inteligíveis. A norma governa a inteligibilidade social das nossas ações, "não é a sujeição em particular ao processo pelo qual a regulação produz gênero". Em busca de obter o conhecimento histórico sobre a existência de tais estruturas e dispositivos de regulações de gênero, estando conscientes das suas nuances e desdobramentos, parece ser uma ótima estratégia de ressignificação pedagógica viável por meio da crítica ao antigo regime sexual, ao problematizá-la no presente (Judith BUTLER, 2014, p.253).

Não há nada de sutil quando se trata de normas, ainda que permaneçam implícitas e (des)veladas, o que a torna mais difícil de se perceber ou de se obter consciência, uma vez percebidas drasticamente discerníveis os efeitos que produzem e se deixam produzir não podem ser analiticamente separados das suas práticas nas quais estão engendradas o que mostra ser recalcitrante qualquer esforço de descontextualizar sua operação. Tais procedimentos de regulação se dão muitas vezes pela binarização (Judith BUTLER, 2014). O autor e filósofo Paul B. Preciado (2008), afirma que já nascemos todas operadas e vivenciando um pós-operatório com cortes identitários e binários para moldar o corpo sexualmente produtivo. "Os discursos regulatórios que conformam o sujeito dos gêneros são precisamente aqueles que requerem induzem o sujeito em questão" (Judith BUTLER, 2014, p.252).

De acordo com a autora supramencionada Judith Butler (2014; 2016), a dissonância entre o gênero e sexualidade promove duas grandes questões no âmbito da teoria *queer:* (1) primeiro necessário separar sexualidade de gênero, ao passo que ter um gênero não pressupõe que alguém se envolva em uma prática sexual determinada, e ao envolver-se como por exemplo, práticas sexuais que envolvam sexo anal, não pressuponham que o sujeito falante seja de um gênero dado. (2) A segunda bem mais intrínseca à teoria cuir é argumentar que gênero não é redutível à heterossexualidade normatizada e predominantemente hierárquica na sociedade, que gênero é internamente instável, o que nos permite pensar que este toma formas diferentes principalmente se contextualizado pelas sexualidades *queer*, sendo que quanto, ao binarismo não pode ser tomado como dado fora do quadro heterossexual, a existência da população transgênera é evidência da quebra de quaisquer linhas de determinismo e

causalidade entre sexualidade e gênero. É a própria confusão de gênero é “meramente uma função da heterossexualidade compulsória”, e de que sem *status* compulsório, de não saber compreender como uma mulher transgênera pode ser lésbica, já denota o quanto que essa variabilidade de gênero se move além dos binarismos naturalizados, ou seja, o campo dos corpos não seria mais marcado em termos de gênero (Judith BUTLER, 2016, p.141).

A regulação é aquilo que constrói regularidades, ao mesmo tempo que são formas modernas de poder enquanto disciplina e vigilância (Michel FOUCAULT, 2011), não se resumindo ao fato de que constrange e nega, ao passo que é também como toda forma jurídica de poder possui um efeito de produção de processos de subjetivação na qual o ser diante da regulação se vê assujeitado, sendo o que é precisamente pela norma que regulou conferindo uma inteligibilidade ao campo social que se traduz na normalização do que é definido por estes dispositivos de poder e tecnologias da sexualidade. Sendo assim, não ser totalmente masculino ou não ser totalmente feminina passa a ser entendido exclusivamente nos termos da regulação. Gênero não é exatamente o que alguém é, mais precisamente o que alguém tem, é algo que se possui e que estamos sempre *fazendo* o gênero em ato (Judith BUTLER, 2014).

Nestes termos da autora supramencionada o gênero é antes de tudo um aparato, um mecanismo pelo qual se produz a normalização/naturalização do masculino e do feminino e que manifestam com as formas intersticiais, hormônios, cromossomos, incursões físicas e performáticas que este assume. Por isso que se faz que o sexo (inevitavelmente reguladora) não é uma categoria biológica e nem tampouco social, sua distinção do termo gênero se faz enquanto categoria linguística que existe com intuito de promover justamente a cisão entre o social e o biológico.

De modo que a feminilidade cobrada socialmente, compreendida e capturada em perspectivas distintas fazem com que a pessoa transgênera não seja exatamente um terceiro gênero, mas o modo de passagem entre os gêneros, como uma figura intertransicional de gênero que não é assim redutível a insistência absurda da lógica binária normativa de que tem que ser um ou o dois. Portanto, sempre supor que gênero é exclusivamente as matrizes de masculinidade e feminilidade hegemônicos é perder de vista, ficar à deriva enquanto ponto crítico de subversão que essa produção tida como “coerente” e binária é contingente e deve ser mantida a todo custo, quando na verdade se sabe que as permutações de gênero não se encaixam nessa leitura de mundo binária, fazem tanto parte do gênero como seu oposto mais normativo (Judith BUTLER, 2014).

Foi estudando as linguagens artísticas e seus efeitos para a sociedade que Teresa de Lauretis aponta especificamente quanto ao cinema, através de uma apropriação institucional

da indústria cinematográfica da tecnologia de construção dos gêneros que produziu e construiu os gêneros e as sexualidades ao longo do último século. Do mesmo modo outras linguagens artísticas assim como ocorre com a literatura e as demais artes influenciam na construção do gênero através da produção de discursos que fortalecem uma dicotomia sexista e uma visão binária sobre as relações humanas, sobre a vivência da sexualidade (Teresa de LAURETIS, 1987).

Aponta Guacira Lopes Louro (2000), seu convencimento da condição dos filmes exerceu e exerce pedagogias da sexualidade sobre suas plateias. Articulando com o que Michel Foucault (1988), de modo pertinente assinala, que no que concerne à sexualidade perpetrada enquanto um dispositivo histórico, antes de reconhecê-la como dado na natureza é preciso compreendê-la como constructo cultural que atravessa diretamente linguagens, corpos, gestos e rituais. Neste sentido, o cinema assume diversos significados atribuídos às identidades, aos jogos e às parcerias sexuais sendo localizados e disputados historicamente e, ao longo dos tempos, nas produções cinematográficas as posições-de-sujeitos e práticas sexuais e de gênero vêm sendo representadas como legítimas, modernas, patológicas, normais, promíscuas, sadias, impróprias, perigosas, fatais, abjetas e desviantes etc.

Nesse sentido, um corpo alinhado a "uma" heterossexualidade padrão, como produto das normas reguladoras, não é produzido unicamente nas tramas do gênero – como se isso se desse de forma isolada de relações dependentes e contextuais. Há também práticas regionais, por exemplo, que compõem uma contingência normativa flexionada ao corpo, compreende-se que tais normas de gênero não funcionam de modo prioritário em relação a outros meios (regionalizados) de conformação dos sujeitos sociais (Tamsin SPARGO, 2006; Guacira Lopes LOURO, 2007; Joana Plaza PINTO, 2007).

Paul Goodman (2012), pontua em seus escritos que há um lado positivo na vida *queer* pela própria observação e experiência, tem notáveis valores políticos. Que ao seu olhar sempre pode ser profundamente democratizante, pela possibilidade de experimentar a comunidade, estar em um coletivo com todas as classes e grupos minorizados e marginalizados, tal modo de unidade que a heterossexualidade normativa conservadora não consegue. Ironizando até mesmo o estereótipo que constrói sobre a promiscuidade que atribuem a essas identidades abjetas, subalternas, o referido autor enuncia que a promiscuidade pode ser uma coisa linda (mas que seja prudente em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST’s). Ao mesmo tempo em que ironiza a resiliência, em regra, para além de superação o autor nos coloca frente ao projeto do sistema biopolítico capitalista de repressão da sexualidade enquanto uma dimensão criativa do ser:

> eu não acredito em pobreza e sofrimento como uma maneira de aprender nada, mas, no meu caso, as dificuldades e a carência da minha inepta vida *queer* tiveram a utilidade de simplificar minhas noções do que é uma boa sociedade".[...] É danoso para as sociedades reprimir qualquer vitalidade espontânea. Às vezes, é necessário, mas só raramente; e certamente não no caso dos atos homossexuais, que, até onde eu ouvi falar, nunca fizeram mal a ninguém (Paul GOODMAN, 2012).

O projeto goodmaniano era reestabelecer o conflito, ou seja, ampliar a variabilidade experiencial, possibilitando novas formas de se enxergar as situações vividas, fundamentos para a construção de uma proposta de ontologia da diferença. Imagina se ampliarmos para o campo das questões de sexualidade e gênero (Marcus Cézar de Borba BELMINO, 2017). A proposta ontológica de Goodman não tinha intuito de pensar um novo modelo social "perfeito" que pudesse ser alcançado por via da revolução, pelo contrário endereçava críticas a um modelo social gerador de sofrimento e desvitalização social. Corroboro com este autor no sentido de que precisamos minar esse sistema organizado e centralizado fazendo parte dele, ou seja, estando em relação com organismo/ambiente. Então suas críticas eram uma multiplicidade de formas de sempre denunciar a burocratização da vida, o controle da energia do corpo, a sexualidade reprimida, a postura de aniquilação da diferença, enfim, toda a vitalidade, performatividade, criatividade e espontaneidade que eram incômodas ao sistema organizado. Será essa performatividade de gênero que iremos nos concentrar numa tentativa de compreensão do gênero como uma performance constante que se faz em ato.

3.2 PERFORMATIVIDADE E ATO DE FAZER GÊNERO: FABRICAR-SE ENQUANTO CORPOS PURPURINADOS, COM GLITTER, PRÓTESES E O QUE HOUVER NO CAMINHO

"I"m telling the truth now
We're all born naked
And the rest is drag"
/
"Estou dizendo a verdade agora
Todos nascemos nus
E o resto é drag"
RuPaul Andre Charles (2014)

Neste momento ao se dispor a escrita desta pesquisa, enquanto pesquisadore[23] rememora a canção "Rito de passá"[24] que em seu refrão a música faz menção a abrir os

[23] Quando a palavra se refere a enunciação da pessoa será utilizada em uma variação de linguagem neutra da palavra pesquisador.
[24] Faixa dois do álbum de mesmo título da música Rito de passá da Mc Tha (2020).

caminhos, referenciar e dar passagem a algo que esteja por vir-a-ser, ou vir a acontecer. Este processo da pesquisa é de uma intensa imersão na prática acadêmica, nas ferramentas adequadas, na escrita da metodologia que interroga a problemática em questão e atende aos seus objetivos. Dentre os objetivos desta pesquisa reside em uma articulação como uma espécie de bricolagem unindo a compreensão do ato cênico e as narrativas autobiográficas para traçar estes territórios afetivos da experiência da narratividade de si.

É inevitável, não mencionar o novo álbum da cantora Lin da Quebrada (2021), intitulado "*Trava línguas*[25]" tem sido o alimento que nutre, o som que ao mesmo tempo faz-me concentrar e perturbar, tem sido um antídoto para angústia na existência em transição, que auxilia na confusão que se passa em mim no ato da escrita. Na música "*Pense e dance*" há um trecho que diz:

"Eu não sei o que eu sinto
Pra mudar o visual

Fazer algo pós-moderno
Estético e casual
Eu não sei o que eu faço
Eu não sei o que eu sinto
Gente, eu tô falando sério

Vocês sabem que eu não minto
Eu não sei mais *se eu corto*
Mas também não sei *se eu pinto*
Eu corto ou pinto*?*
Dói

Tudo é fabricado, logo essa pesquisa também é fabricada, esse corpus metodológico, eis que esta pessoa que pesquisa é fabricada, nos corpos da população transgênero a materialidade e imaterialidade se apresentam borrando as fronteiras das corporeidades, aquenda[26] as *bombadeiras* que fabricam os corpos são moduladoras da experiência de produção corporal. São esses corpos trans que tensionam o Cistema (Viviane VERGUEIRO, 2015), fazem-se resistência a cisgeneridade compulsória, abalam as estruturas da lógica binária, reinventam-se nas suas feminilidades.

[25] Novo álbum da cantora Lin da Quebrada (2021).

[26] Palavra do pajubá dialeto popular formadas por numerosas palavras e expressões de línguas africanas ocidentais que foram incorporadas na língua portuguesa, sendo assim a palavra Aquenda, na gíria dos gays, especialmente dos travestis, é a palavra usada para chamar a atenção de alguém para algo. Exemplo: "– Aquenda o bofe mona!"

Situo leitores desta pesquisa que todas as pessoas estão submetidas aos dispositivos de sexualidade (Michel FOUCAULT, 2011) que tentam nos moldar dentro de uma falsa ilusão de naturalização em que define normatizado “corpo masculino” e a ênfase na distinção “corpo feminino”, quando penso que a minha experiência enquanto pessoa trans não-binária, ou seja, que politicamente quer ser resistente a estes mesmos processos somato-fisiológicos e políticos que obrigam-me a identificar meu corpo às posições de “homem” ou “mulher”. São discursos biomédicos, medicalocêntricos, psiquiátricos, instituições coletivas que me situam em uma posição patológica, ou de confronto direto com as ficções de corpo alimentadas diariamente, uma vez que para todo “sujeito falante” (Julia KRISTEVA, 1981, p.263) está condicionado a ser lido como homem e mulher pela designação arbitrária que fazem sobre a sexualidade, de todos os seres viventes, dentro de tais ficções, minha corpa não existe. Ainda de acordo com a autora, o sujeito falante é falado pela língua (esta que permite não só expressar como ao mesmo tempo em que limita essa expressão por seu conjunto de regras linguísticas), afirma Julia Kristeva (1981, p. 16), “se forma e se transforma no discurso”.

Reportar a obra de Judith Butler (1990) é assumir uma atitude micropolítica frente a preocupação com estes dispositivos de poder que regulam gênero e sexualidade, na própria obra a autora enuncia logo de início, que não se trata de elucidar “*Problemas de gênero*”, mas sim de criá-los, enquanto subversão da literatura ou como referência ao próprio subtítulo “*Subversão de gênero*”, arte da subversão micropolítica da comunicação proposta por Butler que nos inspira (Judith BUTLER, 2016). Em hipótese alguma, tais questões podem ser compreendidas fora do entendimento “campo contemporâneo do poder”. Igualmente a identidade de gênero é sempre efeito de “práticas de legitimação”, por mérito essas formas precisam pensá-las em uma “genealogia crítica” (Judith BUTLER, p. 23-24).

Este mesmo sujeito falante é atravessado por oralidades, materialidades, gestualidades e visualidades, como gestos corporais, discursos, performatividades, vestuário, imagens, vídeos, repetição dos hábitos pelas crianças, ou de expedientes de espetacularização de alguma construção identitária que seja considerada marcadamente tida como um exemplar de masculinidade e ou feminilidade, mas também resultado de muitas repreensões sociais entre outras formas (Judith BUTLER, 1990; 2016).

A maior relevância da obra de Judith Butler (1990), é a conceituação de performatividade mais aclamada e incorporada nos estudos da Teoria *queer,* parece ser a contribuição fundamental para propor esta micropolítica da comunicação. Como já vínhamos discutindo anteriormente, leitores desta pesquisa podem remontar a uma crítica à metafísica “visão do gênero como substância” (Judith BUTLER, 2016, p. 53), bastante constante em sua

obra: poderíamos tomar “a aparência de uma substância permanente como um “eu” como uma essência imanente, ou então, que este ser possui traços de gênero [...] resultantes da produção pela regulação dos atributos conforme a coerência já estabelecida culturalmente” (Judith BUTLER, 2016, p.55).

Conceber gênero como “produção da natureza” é incorrer sobre o que se critica a epistemologia indígena de Ailton Krenak (2019) não reconhecer a distinção natureza-cultura como uma invenção pós-colonial da visão de humanidade. Além de ser uma imposição sobre a questão de identidade de gênero como se esta não fosse produzida, nem tampouco tenha sido trabalhada e regulada socialmente por uma norma na qual nenhuma identidade de gênero escapa, que dita ‘como se expressar’ em nossos gestos, hábitos motores e linguageiros, atos e performances (Rosane MULLER-GRANZOTTO & Marcos MULLER-GRANZOTTO (2012). “Pelo contrário, essa identidade é performaticamente construída pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (Judith BUTLER, 2016, p. 5).

Remeto-me às ideias de Judith Butler (2016), que refere-se a repetição em uma forma estilizada de atos produzem efeito de ontologização dos gêneros servindo como auto-justificativa a crença e fortalecendo a naturalização da existência do homem e da mulher. Fazendo com que corpos infinitamente diferentes em si acabam resumidos a aparência de gêneros fixos e idênticos, porém não há “agente” por trás do ato, logo, não existe uma estrutura pré-discursiva, este por sua vez é o próprio ato. Quanto às formas em que se estruturam, a repetição imitativa pode ocorrer como paródia, como citação ou como iteração, arranjando os atos performativos em uma ilusão de substância, criando unidade, coerência e identidade. Os corpos abjetos são justamente aqueles que não se encaixam no binarismo homem e mulher, logo também saão todos que fogem o padrão universal “representativo” da humanidade, o homem branco, cristão, cisgênero, heternormativo, etc. Por isso para alcançar uma ontologia de gênero é preciso refletir sobre o desmonte de toda e qualquer identidade que oprime a diferença e seus expedientes estruturais, ou a festa sem fim dos três unicórnios capitalismo, colonialismo e patriarcado (Boaventura de Souza SANTOS, 2020).

Entretanto, ressalta-se que performatividade de gênero e performance não são similares, sendo que esta última expressão pressupõe um sujeito pré-existente que age, pratica a ação. Destarte, Butler não admite um “sexo como pré-discursivo” (Judith BUTLER, 2016). Quanto à noção de performatividade não há a existência de um sujeito *a priori*, ou que esteja fora da inscrição do campo de poder. Contudo, a existência de “regimes muito diferentes de poder produzem os conceitos de identidade sexual”, nos fazem crer que o sexo como pré-discursivo e fora da estruturalidade do sistema que lhe criou seria “experiência

discursivamente condicionada" do indivíduo (Judith BUTLER, 2016, p. 28-30). Não se trata de uma entidade preexistente essencial, mas que é constituída por intermédio dos discursos temporais e espaciais que se inscrevem enquanto linguagem sob o corpo e para o corpo que o sujeito possui, são, portanto, históricas e não podem ser escolhidas livremente, pois já estão postas como um "*script*", um *checklist* ou menu de escolhas restritas e limitadas (Judith BUTLER, 1990; 2016).

Tais pessoas são tidas como subjetividades desviantes que pagam a punição de não exercer sua identidade, de fugirem do *"script"* e autorizar suas próprias ficções identitárias. Neste mesmo sentido, a minha inquietação recorro aos estudos de Judith Butler (1990), sobre o conceito de performatividade expuseram que gênero não é algo que somos, mas sim algo que fazemos, é sempre um ato que nos individualiza[27], ou melhor, é sempre uma sequência de atos. Paul Preciado (2015) disserta que gênero não é algo que somos, ao invés de um substantivo "ser" cabe aqui pensar sobre um verbo, uma espécie de "fazer" constante, algo que fazemos juntos diariamente que delineia processos de subjetivação. Somente nesta última proposição sobre que Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) indagam que estes corpos dissidentes cocriam nas suas experiências uma linguagem, símbolos, códigos e signos necessários para um arsenal do fundo experiencial para o teórico capaz de abrir caminhos para buscar atravessar os discursos dominantes, remontando a indagação de Paul Beatriz Preciado (2009, p 140): "Alguém sabe como se atravessa uma linguagem dominante? Com que corpo? Com que armas?"

No enlace que envolve gênero e sexualidade assume-se a construção do fazer-ser culturalmente, carregando sua historicidade em consideração ao caráter provisório das culturas. É ensinado desde cedo como categorizar gênero feminino e ou masculino, no entanto se aprende a ser heterossexual, homossexual ou bissexual, maneira que se encontra para expressar desejos através de comportamentos e gestos.

Afinal, a própria declaração aparentemente descritiva "é um menino!" ou se "é uma menina!" (Paul PRECIADO, 2015; Guacira Lopes LOURO, 2018) uma vez pronunciadas no ato do nascimento ou na cerimônia ecográfica de descoberta do sexo, ou ainda nos rituais de chá de revelação, que revelam tudo menos a verdade sobre a encenação que a tecnologia social heteronormativa (Paul PRECIADO, 2015) exaustivamente insiste em performar.

Tais invocações performativas dos sujeitos lhe constituem ontologicamente como

[27] Nota de rodapé sobre atos e individualidade é diferente de uma essência da subjetividade, mas diante de essências e ou inatualidades que são públicas em uma relação intersubjetiva as deliberações da ordem doas atos motores e linguageiros é o que nos singulariza diante da experiência.

corpo sexuado, e servirá para determinar da cor do enxoval ao destino fadado a se cumprir como sina, ou hábitos transgeracionais que são herdados em família, são enunciados, fragmentos linguísticos carregados historicamente com o "poder" de demarcar no corpo, os limites anatômicos, históricos, ontológicos, sociais, impostos na diferenciação sexual do masculino e do feminino. Por isso, já estamos todos operados, sancionados pela lei da tecnologia social da heteronormatividade a cumprir com rigor, coerência e eficácia a este sistema fajuto que não se sustenta, por ser falho. A contratranssexualidade é o exercício de denunciar as falhas, pontuar estes espaços errôneos, fazer surgir a incoerência dos enunciados do texto que se reinscreve e reinstitui o sistema heterocentrado (Paul PRECIADO, 2015). Uma vez que se categoriza o que é a norma, naturalizada universal e padrão, aqueles que não correspondem são desviantes, são, portanto, corpos passíveis de serem sancionados e punidos por representarem uma ameaça ao sistema sexo/gênero (Gayle RUBIN, 1975).

O próprio ato de nomear um ser assim que nasce, já inaugura uma longa viagem com destinos determinados em papéis e expectativas sobre a vida. Um nome que é recebido, está dado na realidade e com este o peso de uma identidade que não se teve a chance de escolher. De acordo com Guacira Lopes Louro (2008, p. 18), não há nada puramente "natural" e "dado" quando se discute a perspectiva de identidade de gênero: ser homem e ser mulher constituem-se como um *devir* de cada sujeito no âmbito da cultura.

Situada na obra *Um Corpo Estranho - ensaios sobre a sexualidade e a teoria Queer* da autora Guacira Lopes Louro (2018), referência nos estudos de gênero no Brasil, o termo *queer* mencionado pela autora como estranho, de raridade no sentido de atrair olhares por ser esquisito, no caso pense em como a sociedade denomina o sujeito da sexualidade desviante, será sempre *queer* estranho, raro, esquisito, e também, desvio – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags, entre outras pluralidades sexuais que não sejam "integrados" e muito menos "tolerados". Tudo aquilo que escapa de padrões determinados pelo pensamento binário de entender a sexualidade tão somente como retida ao masculino e feminino logo são descartados e ditos desviantes ou promíscuos, muitas vezes vítimas de violência (Guacira Lopes LOURO, 2008).

Sobre o tempo encontra-se envolto de um longo processo de criação, apropriação, acumulação e distribuição material e de ordem simbólica que favorecem o desenvolvimento das sociedades. Sendo particularmente institucionalizado por instituições coletivas como é o caso da escola para a vida das crianças e dos adolescentes. Como dialogar com a escola e a sua relação de poder recorre-se à obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault (1984), nos

evidencia que tal poder disciplinar promove regras e seu aprisionamento, como forma de esquadrinhamento do tempo, contingencialmente do corpo e o sequestro das subjetividades.

Corroborando com a visão de Berenice Bento (2011, p. 555) tomando nota sobre a dissidência[28] de gênero como marcador da diferença, expõe em seu pensamento que "na escola se aprende que a diferença faz diferença". Referindo-se a este regime político da heterossexualidade compulsória (Adrienne RICH, 2012), a esta de imposição da heteronorma a todo custo que a autora cunhou tais estratégias de dominação do termo "heteroterrorismo", que ao produzir em uma lógica binária no máximo dois gêneros inteligíveis em contraste, acaba por lançar o véu da invisibilidade as outres corpas[29] dissidentes, continuamente as outras formas de diversidade ficam fora desta equação e se destinam a um mundo de exclusão, segregação e violência, do qual a escola não está isenta pelo contrário é uma das principais mantenedoras da sua reprodução.

Neste ponto, reside a ambiguidade de que a escola tem como função ser este espaço de experimentação, de aprendizagem e alcance do conhecimento, que por si só já transformam qualquer indivíduo, ao mesmo tempo que, se mostra incapaz de lidar com a pluralidade e com a diferença, agindo como uma das instituições de policiamento de gênero (Paul PRECIADO, 2003), como agenciamento das tecnologias de gênero de produção de corpos sexuado, este espaço realiza processos de subjetivação recriando discursos com intuito de "educar" sexualmente os sujeitos pela imposição das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. O mesmo autor Paul Preciado será o mote da discussão a seguir sobre um conceito cunhado por suas próprias mãos e em diálogo com a autora Donna Haraway, em busca de experimentações contraproducentes, ou melhor dizendo, formas contrasexuais de se opor ao poder que age sobre nossas ficções identitárias sexuais e de gênero.

3.3 CONTRASEXUALIDADE E MANIFESTO CIBORGUE: TECNOCORPO, BIODRAG, FARMACOPORNOGRAFIA E CIBORGUIZAÇÃO

> Temos o direito de exigir propriedade coletiva e "comum" dos biocódigos de gênero, sexo e raça. Devemos arrancá-los de mãos privadas, de tecnocratas e do complexo de farmacopornas. Esse processo de resistência e

[28] Quanto a expressão "dissidência sexual" foi cunhada pela primeira vez por Gayle Rubin (1984) no seu artigo seminal "*Thinking Sex*".

[29] Ao longo do texto será privilegiado torções propositais na linguagem proposta pelos movimentos transgêneros e transfeministas: para desgenerificar palavras que, na língua (o)culta, são reduzidas ao gênero masculino e, inversamente, adotar designações neutras (**e** e **x**) com o intuito de assinalar a possibilidade de uma não imposição de gênero, por issso corpos/corpas/corpes - outres.

> redistribuição poderia ser chamado de comunismo tecnossomático (Paul PRECIADO, 2013, p.352).

O espanhol Paul B. Preciado[30] é um dos filósofos feministas mais famosos da contemporaneidade por se destacar no cenário dos debates em torno da teoria *queer* e nos estudos de gênero desde o início dos anos 2000. Em sua obra *Testo Junkie: Sex, Drugs, and Biopolitics in the Pharmacopornographic* (2008), descreve seus experimentos de autoadministração de andrógeno sintético testogel - testosterona passando a analisar a terapia hormonal e descrever os efeitos que os hormônios provocam em seu corpo, ao mesmo tempo em que promove ensaios teóricos destas estruturas políticas e de poder sobretudo o sistema sexo-capitalismo-gênero, principalmente analisando as formas capitalistas retratadas pela indústria pornográfica e na era farmacológica e o modo como influenciam as experiências subjetivas das pessoas e a maneira como vive-se o corpo (Paul PRECIADO, 2008; 2013).

Suas experimentações empíricas lhe direcionam o olhar contemporâneo onde se discute a proliferação das tecnologias corporais, principal fenômeno enunciado como uma nova tecnologia de poder e de uma nova compreensão denominada "consumismo tecnossomático". Enquanto isso, surge a medicalização e tratamento das crianças intersexuais, a gestão cirúrgica da transexualidade, a reconstrução e "aumento" da masculinidade e da feminilidade normativas com modificações corporais e cirurgias de vaginoplastias (recomposição do hímen) ou faloplastia (aumento peniano), a regulação do trabalho sexual pelo Estado, o "*boom"* das indústrias pornográficas e a reformulação das vias de acesso às produções amadoras fazem parte da parafernália atual que coloca, cada vez mais, os corpos individuais e coletivos nos cálculos do sexo-política-capitalista. A gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade é o negócio do novo milênio, representa uma nova "governamentalidade" que emerge principalmente das ruínas da Segunda Guerra Mundial onde o investimento no sexo e na sexualidade desencadeou no que o autor designa como "Era Farmacopornográfica" ou o "Biocapitalismo" (Paul PRECIADO, 2013).

Preciado aponta brechas e linhas de fuga, ou modos de resistência em seus mecanismos biopolíticos (âmago da sua teoria que discute a economia pós-industrial está estruturada em torno do produção material de subjetividade sexual por meio de tecnologias

[30] Nascido Beatriz Preciado seu livro Testo Yonki reúne relatos autobiográficos que trazem conceitos e sua experiência com o seu processo de transição e hormonioterapia. Paul Beatriz Preciado é filósofo, autor de numerosos ensaios e dos livros Manifiesto Contrasexual, Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica e O Desejo Homossexual. Atualmente ensina Teoria de Gênero na Universidade de Paris VIII, na École des Beaux Arts de Bourges e no Programa de Estudos Independentes do Museu d'Art Contemporani de Barcelona. Herdeiro muito próxima da filósofa Judith Butler, Preciado bebe em uma fonte anarquista espanhola que molda de maneira diferente sua entrada no debate sobre gênero.

moleculares e multimídia - drogas, biotecnologia, capitalismo e pornografia), em outras palavras ao descrever este 'regime farmacopornográfico' promove deslocamentos da teoria de Judith Butler de performatividade de gênero para abranger as práticas 'bioperformativas' de suplementação hormonal. Um norte é a reapropriação estratégica desses "aparatos biotecnológicos que é possível inventar resistência à revolução do risco" (Paul PRECIADO, 2013, p.344). Em sua ficção somato-política propõe uma auto-teoria em que suas experimentações são tidas como práticas de *biohacking*, ao utilizar em si materiais sintéticos como testosterona por mulheres cis - pode, segundo o autor construir novas maneiras de incorporar o gênero para deslocar o caráter heterossexual rígido sobre a masculinidade e feminilidade (Paul PRECIADO, 2013).

Anteriormente quando discutimos sobre as incursões performativas que atravessam o nascimento de uma criança é possível perceber inúmeros discursos que se fazem presentes e constitutivos, por exemplo, as normas e fixidez presentes no discurso médico que definiria ser menino ou menina seria o fato de que a pessoa nascida com cromossomos XX é geneticamente feminina e o inverso a pessoa que nasce com cromossomos XY é geneticamente masculina, porém, desvios surgem e os casos que desviassem da lógica binária, como as pessoas intersexo eram submetidas a cirurgias e em alguns casos sem a devida informação ou justificativa dos procedimentos aos cuidadores e responsáveis (Paul PRECIADO, 2014). Predominantemente, essa é visão do senso comum de que sexo esteja vinculado à genitália e as outras características secundárias que compõe a materialidade do corpo, tal ênfase dada serve para confundir as pessoas que não compreendem a experiência transgênera.

Retoma-se os dispositivos e tecnopoder relacionado ao sexo, gênero e sexualidade seriam provenientes de dispositivos que inscrevem em um sistema tecnológico e sociopolítico complexo: categorias como "homem", "mulher", "homossexual", "heterossexual", "transexual" que não passam de produtos, instrumentos, redes, conexões, máquinas e fluxos de energia e de informação, alinhados em uma sofisticada tecnologia que possui como movimento os usos e desvios que incidem sobre o corpo justamente a fim de se apresentem como "natureza" (Paul PRECIADO, 2014).

A contrassexualidade ser uma teoria do corpo que se situa fora das oposições binárias e pressupõe a substituição desse contrato social que nomeamos de "Natureza" por um contrato contrassexual (Paul PRECIADO, 2014). Neste sentido, aproxima-se do entendimento de que seríamos corpos de atos motores e falantes, enquanto organismo em constante interação com o ambiente, que o modifica e é transformado por este. Não

possuímos nada além do corpo, nada como sendo algo único e singular, a não ser a dinâmica da função de ego/ato em operar na amarração dessas inatualidades evocadas do passado e ou vislumbradas no futuro que ao atravessar a experiência, isto é, como um feixe de infinitas possibilidades podem ser identificadas ou alienadas dando uma significação do que foi vivido como identidade (Rosane MULLER-GRANZOTTO & Marcos MULLER-GRANZOTTO, 2012). Os corpos não se reconhecerem em si mesmos nem como homens ou mulheres, apenas como possibilidades de aceder a todas as práticas significantes, em posições de enunciação que sócio historicamente determinadas como sendo masculinas, femininas ou perversas.

Diante disso que Paul Preciado (2014) não descarta nem as construções sociais e nem as questões psicológicas do gênero, mas desloca-se para buscar entendê-las além da performatividade de Judith Butler (2016), tomando-as como estratégias tecnológicas, analisadas pela teoria do corpo presente na noção de contrassexualidade que se debruça sobre tais "transformações tecnológicas dos corpos sexuados e generizados". Dentre as expressões de *Testo Junkie* um dos conceitos operacionais relevantes é a noção de '*biodrag*', como uma das produções da era farmacopornográfica que situa estas ficções somáticas de feminilidade e masculinidade (Paul PRECIADO, 2013, p. 191).

Vale salientar que na obra o autor não está colocando *biodrag* como sinônimo de gênero, ou este sendo teorizado explicitamente como uma forma, mas pelo contrário evidencia como os códigos de gênero modificaram ao longo da história inclusive a biofícção produzida com ajuda dos hormônios sintéticos denota novas formas de habitar gênero que se tornam disponíveis. Por isso que pensar gênero também é uma forma de entrar em contato, de organizar o fluxo de vividos em uma configuração de campo que se desdobrou no passado, presente e futuro. Uma vez que une sujeitos falecidos incluindo dissidências, identidades *queer* que não presenciaram uma existência pós-gênero.

Porquanto, em sua escrita denomina-se gênero como sendo a materialização prostética das normas da sociedade. Muito além da noção de performatividade, não advém apenas das práticas culturais e discursivas, mas se manifesta na própria materialidade dos corpos (Paul PRECIADO, 2014). Sobre a ideia de corpo encontramos em uma ótica biológica ficcional Donna Haraway (2000), a noção de um corpo híbrido, ciborgue, prostético, metade máquina e metade humano é emprestado da autora que discute que a medicina atual é repleta de ciborgues, organismos e máquinas que codificam um só corpo (Donna HARAWAY, 2000, p.36).

Em todas as suas obras Paul Preciado se concentra na imanência dos dilemas das suas transições, do caráter de instabilidade e fragilidade dos mecanismos estruturais do antigo testamento (e das tentativas de novo testamento) do regime sexual cisgênero com sua defesa conservadora da normatividade de algo tão ficcional como essencialidade das identidades sexuais e de gênero tidas como estáticas e imutáveis justamente pelos protocolos impostos pelo grande Outro social. Naturalizamos que o corpo humano passa por uma série de protocolos que lhe dizem 'o que é ser humano', 'o que é ser homem?' e o 'O que é ser mulher?', "O que é ser trans?". É uma dimensão ficcional desses protocolos que esconde uma tecnologia de gênero de moldar e replicar atos estilizados a serem reproduzidos sem a consciência dessa deliberação (Judith BUTLER, 2016). São estas categorias concebidas em conjunto com outros marcadores sociais do registro da diferença que são abordados na literatura por Donna Haraway[31] em *Manifesto Ciborgue* (2000) e abraçadas na sua articulação teórica sobre natureza-cultura, humano e não humano, humano e máquina:

> Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade "essencial". Não existe nada no fato de ser "mulher" que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – "ser" mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis (Donna HARAWAY, 2000, p.47).

Ainda que seja uma ficção utópica sobre o feminismo socialista e bastante bem-humorada e irônica, a existência de ciborgues, conforme Donna Haraway (2000, p. 151), encontra-se justamente pela capacidade que estes possuem de serem "extremamente infiéis às suas origens" tanto no militarismo como no capitalismo. Quanto à existência de organismos cibernéticos, uma mistura de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e ficção. Toma-se a realidade social como considerando relações sociais vividas e significadas em uma construção política. O ciborgue não corresponde ao que já existe, é um processo híbrido de fabricação de corpos que estão fora da história de salvação, são criaturas do mundo pós-gênero, sem compromisso com uma simbiose pré-edipiana, uma bissexualidade inconsciente, ou uma desvitalização decorrente de trabalho alienado (Donna HARAWAY, 2000)

Uma vez que sexo e gênero não seriam mais os mesmos, com as fronteiras borradas do gênero (Glória ANZALDUA, 2000), através da indústria farmacêutica se evidencia o

[31] Filósofa feminista-socialista com formação em primatologia, gênero e literatura.

quanto o crescimento nas últimas décadas do uso de hormônios e criação de produtos sintéticos descortina essa nova tecnofabricação dos corpos sexuados. Ao longo da revolução industrial houve em paralelo a expansão do fordismo da indústria sexual, além de pílulas anticoncepcionais, com matéria prima como a borracha e outros produtos captados pelo capitalismo sexual.

Em outros desdobramentos da obra *Manifesto Contrassexual,* são expostas as ideias dessa dita revolução em andamento com base na "arquitetura do corpo que é política". Tal gestão social do corpo acontece em nível corporal, arquitetura, política, íntimo exposto, privado e público, institucionais e domésticas. Conforme Paul Preciado (2014), é óbvio que o dildo precede a existência do pênis, este se originou da mesma lógica do sistema heterocentrado a qual vai trair. O dildo por vezes é tão realista que se aproxima da mentira que é um órgão sexual. O ânus é o primeiro de todos os órgãos a ser privatizado colocado para fora do campo social lhe atribuindo uma escatológica insignificância que subestima o prazer que pode promover. A lógica heteronormativa criou sua própria ruína ao desenvolver o dildo, cada vez mais realístico que chega a denunciar a falibilidade do pênis, a impotência da diferença sexual nos termos do sistema heterocentrado, e por fim descortina toda a mentira sobre o sexo.

Recapitulando Judith Butler (2014), as noções de masculino e feminino são produtos naturalizados do gênero que é o mecanismo ou aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. Por meio de sua análise sexo-política da economia mundial, apontando a testosterona sintética seria a representação da nova construção tecnológica de um novo tecnopoder difuso como a possibilidade de mudança identitária para as pessoas através da experiência transexual. Há uma distinção na sua toxicidade diferenciando dos psicotrópicos justamente pela capacidade de mutação de humores que transitam nas relações generificadas, sua experiência não é tão mental quanto sexual (Paul PRECIADO, 2013). Após estas discussões nos aproximamos das identidades e experiências transgêneras como formas de existência que fogem os domínios da cisnormatividade compulsória, e por isso são imprescindíveis para este trabalho.

3.4 IDENTIDADE E EXPERIÊNCIA TRANSGÊNERA: TRAVESTILIDADE E TRANSEXUALIDADE

Dentro e fora dos domínios da cosmologia cisnormativa (Viviane VERGUEIRO, 2020), que se apropria de mecanismos para classificar, rotular, investigar e patologizar é

extremamente naturalizado como saudável categorizar um corpo como sendo cisgênero desde a sua concepção. Entretanto nos indagamos em que lugar a criança trans reside nessa sociedade, a sua [r]existência poderia ser logo analisada como uma questão contraproducente, sendo tal qual um "desvio" no lugar de averiguação, um corpo que existe e pede passagem para desnaturalizar e desterritorializar a sua infância. Quem disse que existem crianças cisgêneras? Mas é fato que ao considerar uma criança trans é preciso lidar com o risco de pensar uma categoria como produtora de "engendramentos" outros (Teresa de LAURETIS, 1990), ou algo ainda distante da consciência é por que então pouco (ou nunca) se fala sobre a possibilidade de crianças travestis? O que dirá de crianças não-binárias, viadas, intersex, entendidas, pintosas, liberadas, sapatinhos de dentre outras.

Até onde é preciso se questionar ou fazer a seguinte provocação sobre os arranjos que giram em torno da definição de "criança trans", seriam essas crianças trans aquelas marcadas, e, consequentemente, estigmatizadas para serem conduzidas aos consultórios e interpretá-las a partir de suas expressões de gênero consideradas não normativas ou dissidentes? Seriam elas mesmas diagnosticadas uma vez que adultas com disforia de gênero de acordo com Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-5)? Ou então, para se criar um vocabulário nosológico[32] que agora foi rotulada como incongruência de gênero pelo Classificação Internacional das Doenças (CID-11) (Sofia FAVERO, 2020)? Possivelmente estaria em jogo a manutenção e criação de uma farmacopornografia e drogas biotecnológicas que possam modificar seus corpos a custo de movimentação da indústria biotecnológica e do capitalismo sexo-gênero (Paul PRECIADO, 2008).

Retomando a discussão do início desta pesquisa, a manutenção do mundo que conhecemos se deu com uma crescente onda do conservadorismo no Brasil causando uma espécie de recessão ao que diz respeito aos direitos humanos e dos LGBTQIANP+. Testemunhamos diversos discursos opressores vindo em vários segmentos da sociedade, que potencializam a discriminação e a violência contra a população marginalizada. Tais ataques têm base em uma estrutura social e em valores moralistas e conservadores em um país em que a sua grande maioria se autodeclara cristã (católicos e evangélicos) não poderia ser diferente, seus discursos oprimem, limitam a liberdade de ser, expressar-se, sentir, amar e viver genuinamente (Marcus Oliveira de NOVAES, 2021).

Quando se trata de sexualidade, inúmeros líderes religiosos e seus adeptos disseminam discursos preconceituosos direcionados a população LGBTQIANP+. reforçados

[32] um vocabulário nosológico mais atualizado que antes pertenceria ao F 64.0.

pelo modo como o cristianismo privilegiou a heterossexualidade e abominou outras experiências tidas abjetas, referindo a qualquer outro tipo de orientação sexual, aos quais aqueles que julgam e determinam pelo crivo moral o que é aceito e o que não é. Ademais, o heterossexismo opera nesses expedientes em formas de conceber a sexualidade, categorizando-as perversas; e, na pior das hipóteses, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. A homossexualidade já foi entendida como este algo patológico e que por isso necessita de uma cura nos moldes da conversão. A repatologização da homossexualidade inclusie é objeto de muitas discussões em ambito parlamentar, por medidas que representam um retrocesso gravissímo nos direitos humanos e LGBTQIANP+.

Em 1948, na sexta revisão do manual de Classificação Internacional de Doenças – CID, organizado pela da Organização Mundial da Saúde - OMS, o termo "homossexualismo" era denominado de "personalidade patológica". Novamente sendo utilizado em 1965, na sua oitava revisão, nomeando outra vez uma patologia como "desvio de transtornos sexuais", sem alterações em edições posteriores acabou sofrendo inúmeras críticas da categoria médica, psiquiátrica, psicológica e dos grupos e movimentos LGBTIQIANP+.

Movimentos de intensa luta com diversos grupos de militância a favor da livre expressão da homossexualidade se engajaram pela despatologização e contestação a cerca de diagnósticos que categorizam a homossexualidade como "desvio e transtono sexual", com tamanha pressão Grupo Gay da Bahia e o Conselho Federal de Medicina (1985), o parecer de nº 05/1985, denominou a homossexualidade como "outras circunstâncias psicossociais".

Somente em meados de 1990, o reconhecimento internacional da despatologização da homossexualidade pela OMS se concretizou na décima edicação do Classificação Internacional de Doenças – CID-10, que excluiu a homossexulidade do catalogo de doenças mentais. Mesmo com o Conselho Federal de Medicina – CFM, a Organização Mundial de Saúde – e o Conselho Federal de Psicologia – CFP, respectivamente, reconhecendo a homossexualidade como uma variação normal da sexualidade humana, não havendo nada de patológico, estes setores conservadores buscam brechas para levar a frente projetos de lei que discutam a "cura" da homossexualidade. O que fez com que o Conselho Federal de Psicologia – CFP, por meio da resolução nº 001/99 proibisse a realização de tratamentos com a finalidade de reversão conhecidos popularmente por "cura gay" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999).

Mesmo com tantas evidências ainda existem aqueles que se opõem e defendem a "cura gay" patologizando para justificar a necessidade de reversão ou cura. Se intensificaram debates nos ultimos anos posteriormente a essas esferas conservadoras da sociedade e

algumas figuras politicas surgirem invocando pedidos de revogação da resolução que desautoriza a realização de "conversão" da homossexualidade. Como é o caso do despacho de lei PDL nº 234/11 em tramitação novamente no ano de 2013 para sustar os artigos nº 03 e 04 que estabelecem normas de atuação para profissionais de psicologia em relação à questão da orientação sexual. Mais tarde, em 2020, o Supremo Tribunal Federal - STF suspende ação popular que tramitava contra a referida resolução do conselho de Psicologia 01/99 e que abriria margem para procedimentos e tratamentos psicoterapêuticos de reversão ou denominados de "cura gay". (Marcus Oliveira de NOVAES, 2021).

Essa questão do gênero como categoria diagnóstica também foi responsável por pensar a experiência transexual por 28 anos em termos patológicos, desde a década de 1950, em primeiros artigos que dissertam sobre critérios para definir o que seria ser transexual "de verdade", principalmente considerando o nível de relação de abjeção com suas genitálias. O que seria compreendido posteriormente como nível de disforia corporal que conduziu a tendência cirúrgica nas décadas de 1960 e 1970. O termo cunhado por John Meyer como disforia de gênero em 1973, fez da transexualidade uma visão transtornada de uma identidade política em colisão com a visão restrita da sexualidade (Larissa PELÚCIO e Berenice BENTO, 2012).

A transexualidade passou pelo mesmo processo recente de luta em prol da despatologização, vindo a sair do rol de patologias no ano 2018. A transexualidade efetivamente deixou de ser considerada uma doença pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID) que a manteve na condição de transtorno mental por 28 anos, mas o que isso significa na prática, é que além da transexualidade ser despatologizada requerendo atenção à saúde da população transgênera que precisa de cuidados específicos com a sua saúde e principalmente com o processo de transição de gênero por meio da redesignação sexual, e não mais necessitando de tratamento psiquiátrico (Larissa PELÚCIO e Berenice BENTO, 2012).

Conforme Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012), as fronteiras metafóricas e geográficas pontuam espaços marginais que porventura no arguto jogo das visibilidades/invisibilidades, inclusão/exclusão aos quais são desafiados pelos corpos subversivos desses sujeitos nômades. Basta ver que assim como as travestis demandam novas formas de se interrogar o gênero pondo em xeque os cânones das teorias psicossociais existentes, ao mesmo tempo que sua existência produz novos questionamentos e reivindicações tanto para o âmbito acadêmico quanto para a militância política.

Permanecendo invisíveis e silenciadas pouco se sabe sobre as vivências das travestis que são excluídas das políticas públicas de acesso à seguridade social e cidadania, o que ainda vemos é a sua associação ao tráfico, exploração e prostituição. Enquanto que para transexuais o que enfrentam são os enclaves orgânicos, hormônios, as disforias com o corpo, as cirurgias de redesignação sexual. Os hormônios proporcionam o "direito à indiferença" que poderia ser compreendido como o conceito de "passabilidade", ao mesmo tempo que são aliados na conquista com o corpo que desejam, ajudam a invisibilizar-se rapidamente e se unificar aos padrões de "masculino e feminino" (Berenice BENTO; Larissa PELÚCIO, 2012).

Corroborando com esta concepção, Antonio Ciampa (1984, p. 61) afirma sobre o termo identidade, "há mudanças mais ou menos previsíveis, mais ou menos desejáveis, mais ou menos controláveis, mais ou menos... mudanças". Na sociedade se confirma representações identitárias de nós mesmos. Assim como um espelho capaz de refletir, fazer reconhecer o efeito do outro em mim e vice-versa, por conseguinte todos imperativos do Outro Social[33] que nos adjetivam, nomeiam, todas as representações sociais, históricas e culturais da nossa biografia que chamamos de identidade, no entanto esquecemos que somos mudança o tempo todo. Seria então a noção de identidade: algo da ordem da cultura, as nomeações, representações e ficções de nossa historicidade, aquelas que nos são apresentadas a nós mesmos, é sempre na sociedade que nos identifica para os outros ou que os outros veem, reconhecem (identificam) em nós. Como o sistema de atitudes adotadas nas relações interpessoais que repetidas vezes admitimos como aquilo que somos, que serve de fundamento pelo qual poderíamos descrever nosso comportamento a cada vez que somos interpeladas pela indagação: Quem é você? (Rosane MÜLLER-GRANZOTTO & Marcos MÜLLER-GRANZOTTO, 2012). Os autores Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman (1951, p. 188), "A Personalidade é a réplica verbal do *self*". Não há nenhuma identidade estática processo dinâmico em constante transformação.

As duas concepções de identidade são tradicionais, as duas cristalizam o conceito de homem e de mulher, as duas negam as múltiplas formas de ser homem e de ser mulher, as duas negam a possibilidade de uma fusão, de uma reconstrução, de uma invenção, de uma transformação ou trans subjetividade. A concepção pós-moderna é da ordem do devir, do

[33] A noção de Outro Social é escrita e descrita desta forma na obra Clínicas Gestálticas dos autores Rosane Müller-granzotto & Marcos Müller-granzotto influenciados pela leitura que Jacques Lacan (1964) se ocupou em caracterizar o conjunto de instituições, valores, costumes, pensamentos e significantes a partir dos quais os corpos impessoais haveriam de adquirir algum tipo de status de identidade social (ou no imaginário, de acordo com o mesmo). Na compreensão da gestalt-terapia este conceito corresponde exatamente com aquilo que PHG (1951), na fundação da teoria do *self*, denominaram essa função personalidade que sintetizaria os atos de um corpo haveria de ser reunidos em uma identidade objetiva que lhes valesse responsabilidade e moralidade.

trânsito, da aventura, da mudança (Félix GUATTARI, 1981).

Esta pesquisa se propõe a transitar por entre territórios bastante cobiçados na pós-modernidade como as categorias sexo/gênero, identidade, classe, raça, transgeneralidades e educação. Em busca de lançar-se em uma viagem para compreender tal "artifício à deriva" apontado por Judith Butler em sua obra Problemas de gênero (1990), quando ela se esforça para distinguir a relação entre sexo/gênero, neste caso não há sexo que já é e desde sempre seja gênero. Então, se faz necessário refletir sobre as identidades de gênero adentrando a escola. Para compreender em suas histórias de vida como a população transgênero experienciou o processo de escolarização.

Ancorando-se em uma curiosidade histórico-social sobre os dilemas da escolarização, surge a necessidade de compreender as vivências particulares da população transgênero em suas diversas experiências educacionais, não necessariamente ocupando a escola. Neste frenesi, ao realizar uma rápida pesquisa na internet com intuito de alcançar dados sobre o índice da população transgênero na escola, é possível se deparar com o índice de 82% de evasão escolar. Logo, se compreende que há uma série de fatores que dificultam ocupar a escola. Poucas foram as conquistas que consideram os direitos e a cidadania da população transgênero em toda a nossa história por todas as instâncias dos poderes e pela representação governamental escolhida pela população em uma democracia.

Aponta-se que em 2016, uma dessas poucas vitórias em âmbito educacional foi uma lei que a ex-presidenta Dilma Rousseff sancionou o decreto de número 8.727, garantindo o direito ao nome social, que se refere à designação pela qual a população travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida. Anos mais tarde, em 2018, uma portaria do Ministério da Educação e Cultura (MEC) autorizou o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica (ANTRA, 2018). Mas nem se compara às reais necessidades que permanecem invisibilizadas.

Segundo os mesmos levantamentos da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) apontam que a expectativa de vida das pessoas transgêneras não ultrapassa 35 anos e essa expectativa ainda pode ser inferior a depender de marcadores interseccionais raça-classe-gênero. Neste ano de 2021, conforme o levantamento anual da referida associação supramencionada, houve 140 pessoas transgêneras assassinadas no país, a maior parte das vítimas são jovens adolescentes negras com faixa etária entre os 13 aos 29 anos (ANTRA, 2021).

Em sua maioria a população transgênera precisa lidar com a família como sendo a

primeira instituição coletiva que exclui. Posteriormente, as escolas funcionam como lócus de reprodução do preconceito e discriminação. E por fim o espaço urbano, as ruas da cidade que passam ao mesmo tempo a acolher e vulnerabilizar, mas mesmo com os riscos e a insegurança, a rua surge como espaço de pertencimento social. Em um visão estereotipada costuma-se associar a população transgênera à prostituição, sem muitas possibilidades de escolha do lugar de moradia e ou das formas de se sustentar por falta de aceitação do mercado de trabalho, podem ir viver no contexto da população em situação de rua e na noite encontrar na prostituição uma única forma de sobrevivência e na maioria das vezes a única opção que lhes resta é a que as coloca em situação de risco (Rodrigo Gonçalves Lima Borges da SILVA; Waldez Cavalcante BEZERRA; Sandra Bomfim de QUEIROZ, 2015).

Salvo algumas exceções de pessoas transgêneras que mesmo estigmatizadas e excluídas possuem outras circunstâncias de vida, por isso não se enquadram em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, ou por conta de a cor da pele não ser alvo do racismo perpetrado na sociedade. Por último e não menos importante, esta pesquisa compreende que a educação está muito além de qualquer estrutura e ou enquadramento formal, mas que perpassa toda a vida numa sequência infindável de experiências educacionais a serem discutidas logo a seguir.

3.5 EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS ESCOLARES E NÃO-ESCOLARES

A educação se compreendida a partir da noção de experiências educacionais que acontecem a todo instante da vida (Ivan ILLICH, 1981), ou seja, que não se restringem unicamente a escola enquanto instituição, é necessário pensar dentro dos territórios que se constroem a educação como estes contribuem para a exclusão escolar da população transgênero destinando-as tão somente a aprendizagem em níveis informais como única possibilidade.

A partir do enunciado do autor supracitado é necessário se indagar de que tipo de educação estamos falando? Haveria uma educação capaz de mudar o mundo? Privilegia-se nesta pesquisa como uma forma de dialogar sobre este questionamento a gama de possibilidades de educação não-formal tão pouco discutida, visto que a ênfase maior é sempre na educação formal no âmbito escolar. Essa confusão se faz presente com as terminologias formal/não formal/informal, desde os anos de 1960. Como pontua Osmar Fávero (2007) a dificuldade de conceituar a educação não-formal, uma categoria bastante

utilizada com freqüência na área de educação para denominar atividades e experiências distintas que não ocorrem nas escolas, há muito tempo classificadas como atividades extra-escolares que ocorriam à margem das escolas que conduzem a aprendizagem escolar, como é o caso das bibliotecas, do cinema, do esporte, e da arte (Osmar FÁVERO, 2007; Maria da Glória GOHN, 2006).

Em tempos como estes a atual "crise da educação" nos revela um dilema: a invasão dos valores e práticas neoliberais em instituições educacionais desde os anos iniciais da escolarização até a universidade. O atual modelo de educação neoliberal se faz presente em políticas educacionais, projetos de lei e documentos que orientam o planejamento educacional. A lei promulgada a nº 15.415/17 promove uma alteração incluindo artigos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/96, caracteriza o Novo Ensino Médio, que destaca a não obrigatoriedade de disciplinas e áreas de conhecimento (Biologia, Química, Física, História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Arte), além da autorização para profissionais com "notório saber" atuarem na formação dos estudantes com o objetivo de atuarem em postos do mercado de trabalho (BRASIL, 2017).

Analisando os impactos desta Lei 15.415/17 em certa medida essa iniciativa se aproxima da concepção bancária de educação nos moldes da educação tradicional que está em desmonte, ruindo. Atualmente o "novo" ensino médio é um representação dessa educação neoliberal de outro, não muito diferente da educação tradicional em período de redemocratização Lei 5.692/71, após a ditadura militar quando o ensino médio era direcionado para o ensino profissionalizante (BRASIL, 1971). Por muito tempo na estruturação da realidade educacional brasileira vinculamos erroneamente a educação como meio de adentrar o mercado de trabalho, mesmo que a função da educação esteja muito além da qualificação profissional, continua sendo investida desse intuito ainda que a crise educacional atual que indica o aumento de profissionais pós-graduados (mestres e doutores) desempregados, nos provem o contrário.

A crítica que faço é justamente entendendo que há semelhança entre a educação bancária e a educação neoliberal, nosso país estava habituado ao modelo de escola no formato republicano com intuito de formar cidadão da Democracia até então destituído e o que assume o lugar, são essas reformas tanto no ensino médio como na base curricular com molde de educação neoliberal. Mais uma vez o foco dessa educação é formar mão-de-obra barata enquanto que as universidades ficam restritas às financeiras econômicas. Não tão diferente de algum espaço-tempo em que a elite tinha acesso ao debate de produção de ciência como

estavam habituados, e para a população mais vulnerável economicamente restava a única opção fazer um curso técnico quem já sempre fazia, esse é um projeto de governo, de sociedade e que dificilmente salvará o Brasil.

Em tempos de crise na educação passam a valorizar as atividades e experiências não-escolares, não só as ligadas à formação profissional, mas também as que se referem à cultura em geral. É o momento da defesa da educação permanente, que cobriria todas as idades e todos os aspectos da vida de uma pessoa e mesmo de uma coletividade, como uma forma de resistência ou de alcance aqueles que não tenham acesso às experiências formais (Osmar FÁVERO, 2007; Maria da Glória GOHN, 2006).

Dentre autores que comungam das ideias sobre experiências educacionais escolares e não-escolares destaca-se Ivan Illich (1985), que aponta a necessidade de novas saídas educacionais, o que ele nomeou de teia educacional uma oportunidade de pensar a educação democrática para todos. Como afirma Paul Goodman (1964a), a educação pode vir-a-ser um instrumento social de mudança, defendia que ao invés de uma educação estritamente focada no professor, a educação deveria haver a participação ativa de todo e qualquer membro da comunidade, percebendo esse lugar como mediação constante deste processo de aprendizagem.

A escola para John Dewey (1973) não pode permanecer alheia às profundas transformações suscetíveis de acontecer na sociedade, afinal não deve haver nenhuma separação entre vida e educação, por isso que tal concepção é o que fez de sua teoria da experiência uma proposta do intelectual mais sensível ao papel ativamente político da pedagogia na educação, vistas com chaves mestras de uma sociedade democrática. Se vida e educação estão imbricadas e são inseparáveis, quem ousa dizer que pessoas transgêneras (do ponto de vista de identidade as travestis e transsexuais) mesmo estando fora da escolarização, ou seja, foram expulsas e não adentraram a educação formal por inúmeras tentativas discriminatórias e violentas não podem aprender. Por isso, que intenciona a partir das narrativas autobiográficas compreender como se deram suas experiências educacionais da população transgênero percorrendo a cidade. Todavia, só se chega ao fim do aprendizado quando morremos, então quão insuficiente se dá o aprendizado de pessoas com estimativa de expectativa de vida inferior ou igual a 35 anos?

Mas não se engane ao dizer que tal ideia é mais um modelo importado norte-americano, aqui apontamos outros esforços dessa pedagogia, como a influência direta das ideias de John Dewey (1973), sobre o pensamento do seu mais antigo discípulo, o prof. Anísio Teixeira. Como afirma Dermeval Saviani (2013), embora seguindo Dewey, estava

atento às condições e a realidade brasileira e não transplantar sem consciência o sistema americano, que o ensino público de qualidade possui uma condição *sine qua non* para o processo de inovação, modernização e transformação da sociedade que assim denominava de processo revolucionário.

A pedagogia é um saber sempre alinhado, mas que deve alinhar-se pela emancipação, pela libertação das pessoas, individual e coletivamente das opressões de raça, classe e gênero. Por isso acredito que na pedagogia da desescolarização de Ivan Ilitch, Paulo Freire e Paul Goodman encontramos de modo mais explícito a necessidade de desescolarizar a sociedade para afastar a aprendizagem e a formação das pessoas em diversas gerações da ideologia do poder e reportar tais processos de dentro da instituição para toda a sociedade, dando vida a uma pedagogia e uma aculturação alternativas daquelas operadas pela escola capaz de favorecer a independência de jovens e um melhor possibilidade de descoberta.

Sobre essa perspectiva da desescolarização se faz necessário pontuar uma distinção de motivações entre os autores supramencionados Ivan Ilitch (1985) e Paulo Freire (1977) sustentar esse mote entre as formas de propor uma desescolarização, partindo das ideias de Ivan Illich pautava uma desescolarização da sociedade, enquanto que Paulo Freire, por sua vez, defendeu como via pela desescolarização da educação, mas ambos possuem como objetivo a libertação dos sujeitos oprimidos, excluídos do sistema capitalista de produção.

Na obra *Sociedade sem escolas* de autoria Ivan Illich (1985) é enunciada a ideia principal desta obra o conceito de teia educacional que nos ajuda a ampliar a visão da educação para experiências educacionais que aumentam a oportunidade de viver cada instante da vida transformando em um instante de aprendizado, de participação, diálogos, cuidado. Conforme Ivan Illich (1970) pensava que seria necessário criar redes pedagógicas de comunicação capazes de aproximar os homens e estimular a troca de conhecimento em um ambiente "convivial" e produtivo. Isso porque, para ele, a escola atual está a serviço do mercado, produzindo consumidores destituídos de crítica e de autonomia, portanto, carentes de liberdade.

Por sua vez, aquele que defende uma educação libertária, refiro-me às ideias de Paulo Freire, a quem compreendia que os círculos de cultura seriam uma alternativa de substituição da escola, muito mais além estes espaços serviriam como um intercâmbio de saberes e de saber-fazer, um ambiente de construção da autonomia e da liberdade. Em sua concepção Freire percebe a educação como comunicação, a dialogicidade presente em seu pensamento educacional ganha contornos existenciais, ético-políticos e antropológicos. O encontro das pessoas que desejam alcançar a razão dos acontecimentos (gnosiológica) só é viável pelo diálogo. Ademais, para ele, a educação é diálogo ou não é educação (Paulo FREIRE, 1977, p.

77).

Ainda sobre a visão do educador Paulo Freire sobre a relação entre cultura e educação, pontua que a atitude de conhecer é uma atitude frente ao mundo, por isso une o conceito de educação ao de cultura, que resultam em ação criativa do ser humano, da práxis humana (Paulo FREIRE, 1971). Há uma relação estreita entre a educação e a cultura, uma junção dialética e prática. Paulo Freire (1981), acredita no ser humano (livre), enquanto criador de cultura, que possui a capacidade de construir novos saberes na práxis pedagógica fundada na dialogicidade: "O educador não é aquele que somente ensina, mas aquele que, durante a ação educativa, é também educado pelo diálogo com o educando" (Paulo FREIRE, 1977, p.68).

E por onde se inicia a libertação, talvez comece pela libertação da escola, mesmo que essa liberdade seja tida como utópica parte do ato de estimular a ação educativa capaz de transformar a vida das pessoas, ajudando a mudar a visão de si e do mundo. Mas esta ação não se resume a nenhuma instituição formativa, mas muito além destes espaços está fundada na palavra, no ato de conhecer o mundo e mudar a realidade. Denomina-se essa ação educativa libertadora para Paulo Freire (1977), e essa mesma ideia aparece como teia educacional de Ivan Illich (1970), pela via do diálogo, gestada na palavra, quanto pessoas oprimidas devem aprender a "dizer, ler e escrever o mundo [...] educação libertadora, fundada em problemas, é a ação de conhecer – de nascer com" (Paulo FREIRE, 1977, p. 68).

A aprendizagem fundada na palavra possibilita não só a libertação dos sujeitos excluídos do sistema capitalista de produção, buscando ler e refletir sobre o mundo decifrando os códigos utilizados pelo poder de dominação dos opressores a fim de dominar, por isso inquietam aos opressores essa possibilidade de libertação lida enquanto utopia a se realizar: "a palavra tem duas dimensões: a reflexão e a ação. Assim, a verdadeira palavra é práxis da liberdade" (Paulo FREIRE, 1971, p. 72). Nesse formato a única práxis pedagógica capaz de ajudar as pessoas excluídas a não se subordinarem à opressão é a ação educativa fundada no diálogo, ninguém ensina ninguém, as pessoas se educam uns com os outros na vida.

Portanto, Paul Goodman também defende a desescolarização necessária vislumbrando algum modo da comunidade educativa vivencial, uma partilha de experiências comunitárias de aprendizagem. Ao ponto que disserta sobre uma solução mista, pelo menos em parte essa institucionalização que cerca a escola seria desinstalada, se refere ao perigo de institucionalização estatal da educação e a adoção dela por uma sociedade civil que não estaria atomizada, ou seja, buscar rever as formas de apoio da educação para além do domínio do estado, e mais integrada à dinâmica da sociedade e educação, da união coletiva das

pessoas. Goodman era mais partidário que Iván Illich das escolas alternativas ou paralelas. Propor a descentralização da escola em espaços menores como as unidades ou casas – clube, sem exigir uma obrigatoriedade, propondo a conexão do colégio com as associações, cooperativas economicamente deficitárias, organizações não-governamentais (ONG's), onde as crianças e jovens tivessem oportunidade de frequentar alguns meses ao ano.

Por fim, a educação que compreendemos dissertar nesta pesquisa não diz respeito a essa visão cômoda de que as pessoas costumam responsabilizar um determinado modelo de educacional em uma posição de salvação do mundo, a máxima freiriana "a educação não transforma o mundo, as pessoas educadas que mudam o mundo", por isso pensar numa educação permanente e democrática para educar todas as pessoas, só assim elas vão mudar em uma maneira bem humanizada, Paulo Freire (2000), por exemplo a fome atrapalha o processo de aprendizagem, essa situação de ausência que nos desvia da leitura, portanto de modo algum deve separar-se a luta para comer da luta pela educação.

4 AKUENDAR AS (TRANS)NARRATIVAS: ENTRE ITINERÁRIOS DA PESQUISA E FABRICAÇÃO DO *CORPUS* METODOLÓGICO AUTOBIOGRÁFICO

Tarefa árdua é pensar em como fabricar uma metodologia que possa se fazer resistência e tensionar estruturas e dialogar tão bem com os objetivos desta pesquisa. Nessa pesquisa que reúne diálogos entre as referências aos quais pontuam que se impede que você fabrique suas questões reunindo elementos de qualquer lugar, e pelo contrário, as colocam para você, forçosamente não tem muito o que dizer. A menos que recorremos à arte de criar problemas para só então encontrar a solução. É preciso inventar-se um problema, ou qualquer uma posição de problema, antes de se encontrar a solução. Esta pesquisa sabe que não tem como apontar uma única solução para uma problemática interseccional envolvendo as questões de classe, raça e gênero.

Para compor a escrita deste texto é necessário suscitar uma discussão sobre a necessidade de estar orientada, como saber o caminho mais ético e coerente em uma pesquisa, principalmente quando se trata de seres humanos, ou seja, são vidas expostas a serem compreendidas enquanto fenômeno. A pesquisa é como uma dança em que pesquisadores estão sendo conduzidos por seus colaboradores, logo as participantes da pesquisa, por isso a delicadeza de se deixar ser conduzido em um gesto genuinamente humano de estar de mãos dadas, ou de não soltar a mão de ninguém. O encontro com o inesperado está em paralelo com anseio por “aportar com segurança faz com que corremos o risco de restrição do potencial da viagem” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p.161). Por isso, quero me colocar na postura de quando se esbarrar com elementos, pessoas, temas, afetos e demais atravessamentos desta pesquisa não simboliza que houve um acidente, mas sim, um encontro.

Todas as questões, as problemáticas indicam ou para o passado (quer seja como gênese) ou em direção ao futuro (que solução, o que nos espera), enquanto permanecemos tentando elucidar como será o futuro, há devires que operam em silêncio quase imperceptíveis. De modo que os devires são a geografia, apontam a direção, são orientações, desvelam entradas e saídas de emergência. Entre as infinidades de devires cabe aqui conceituar que devir jamais é um fenômeno de imitar, nem de fazer ou ajustar-se a um modo, pois na mesma medida em há uma mudança em algo ou alguém, o que este se torna muda tanto quanto em si própria. “Os devires são uma dupla captura em evolução não paralela, mas

entre dimensões, já não há máquinas binárias: do tipo pergunta-resposta, masculino-feminino, homem-animal, etc" (Gilles DELEUZE; Claire PARNET, 1998, p.02)

Nutridas com as ideias de Sara Ahmed (2006), em sua fenomenologia *queer* depara-se com as reflexões sobre as questões de gênero e quanto a [des]orientação dos nossos desejos. Mas como saber se estamos orientados? Principiando a discussão sob a questão da orientação, retornamos à ideia inicial da canção supramencionada de como alcançamos, chegamos a encontrar um caminho em um mundo que é sempre outro a partir das formas e das escolhas que orientam novas formas de se ver o mundo que se desvela, que intencionalmente se busca dar passagem a este desviante. O estranho que se faz presente na relação, que também afetará ambos a partir do encontro de pesquisador e participante da pesquisa o sujeito que narra sua experiência, que nos mostra o mundo pela sua ótica. São elas/eles as/os participantes da pesquisa que possuem outras rotas, outros caminhos, uma outra possibilidade de orientação.

Nesse processo de construção da pesquisa ganha corpo, que se relaciona tanto com o corpo do pesquisador como também dos corpos interditados das pessoas em errância e dissidência de gênero, ou seja, que não se enquadram na heteronorma. Em consonância com autores sobre a pesquisa autobiográfica descortinam-se uma variabilidade de modos instrumentais, constituída por narrativas orais (entrevista narrativa, ateliê biográfico, grupo de discussão), narrativas escritas (memorial, documentação narrativa) e narrativas imagéticas (fotografia) (SOUZA & MEIRELES, 2018). É preciso akuendar o processo operacional desta metodologia e não se render a um excesso de racionalizações sobre o método.

4.1 AQUENDANDO A METODOLOGIA: DAS MONTAÇÕES DA PESQUISA

> "Diário aberto, viajo mais de dez anos no tempo. Uma pena eu ter escrito tão pouco...uma horinha e lá se foram todas as páginas duma história que estava sepultadérrima na memória. Coisas, quase todas, que eu não me lembrava mais e que sinceramente não consigo nem entender como é que eu poderia esquecer caso as tivesse mesmo vivido! (Amara MOIRA, 2016).

Este fragmento dos textos reunidos na obra "E se eu fosse puta" são de autoria da escritora travesti, professora de literatura, doutora em letras e profissional do sexo Amara Moira em que faz relatos autobiográficos sobre a diversidade de suas experiências com a transição de gênero e a prostituição sob sua perspectiva trans. Estes intensos relatos aguçam a percepção para as narrativas das experiências de vida que se dão no cotidiano, e também para

o poder das palavras, a força que as palavras têm, assim como lembrar-nos que o discurso é também mecanismo de subjetivação.

As palavras determinam nossos pensamentos, porque pensamos com palavras, e não a partir do intelecto ou dos pensamentos, então são, portanto, indissociáveis das palavras. Nos primórdios da filosofia antiga Aristóteles já denominava que o ser animal-humano de *zôon lógon échon* se diferencia dos demais animais por ser “dotado de razão” ou “animal racional”. O desejo de conhecer é inato aos seres humanos ideia apresentada nos primeiros parágrafos do livro I - *Metafísica.* Nas palavras de Jorge Larrosa Bondía (2002, p.21) essa concepção do ser humano ganha seu sentido mais amplo: somos "viventes dotados de palavras".

As pessoas são viventes pensantes, está tecido de palavras, rodeadas e as usam para significar sua realidade, transmitir a cultura que é herdada por gerações descendentes em um processo transgeracional. É por meio das palavras que atribuímos sentido ao que é, ao que lhe acontece e, desta maneira, se põe, ou melhor, se "ex-põe" diante do mundo (Jorge Larrosa BONDÍA, 2002).

Inicialmente antes mesmo da qualificação do projeto de pesquisa havia um interesse em utilizar uma técnica de amostra não probabilística denominada *snowball.* A pesquisa teria como ponto de partida uma visita ao conselho municipal LGBTQIANP+ da cidade e uma outra visita a uma ONG denominada Casa da Diversidade Cristiane Lima, ambas instituições da cidade de Juazeiro do Norte. O objetivo era a partir deste contato localizar os possíveis participantes da pesquisa.

No meio do caminho deste deslocamento, o contato frustrado com ambas as instituições e com seus representantes inviabilizou o início de localização das/dos entrevistados/as. Depois da qualificação em conversa no ato da orientação optamos por outra forma de alcançar as pessoas transgêneras, o que fez com que abandonassem a técnica *snowball.* Após este contato com as instituições que se mostraram relutantes em realizar a pesquisa em um destes espaços, a dificuldade se interpôs a possibilidade de convidar a população transgênera que quisesse contribuir para este estudo, há um entendimento por parte da pesquisadora sobre os motivos que dificultaram este processo da pesquisa, questões políticas, ativistas e de ordem da militância das causa da comunidade LGBTQINAP+ se mostram resistentes a qualquer estudo que foque em uma população que permanece invisibilizada todo o resto do ano, e após a conclusão da pesquisa que não possui nenhuma espécie de retorno direto e posterior ao trabalho.

Assim sendo, houve uma mudança na direção em que precisaria seguir para alcançar

a população transgênera a fim de participar da pesquisa. Foi quando divulguei nas redes sociais que estaria na Universidade Regional do Cariri em busca de participantes que desejassem participar do estudo. Além de ter auxílio de docentes do departamento de pedagogia e ciências sociais que me indicaram alguns contatos. A cada contato que recebia fazia uma série de ligações e interações por meio do Whatsapp para agendar um dia de entrevista. Nesta etapa tive sérios problemas pois muitas das entrevistas foram canceladas em cima da hora, pessoas desmarcaram e ou desistiram do processo.

Consegui com muita insistência manter três entrevistas previamente agendadas. Revela-se uma espécie de mapeamento por meio dos “diários de bordo” desta pessoa pesquisadora tanto sobre a sua implicação no campo da pesquisa como as variáveis que podem surgir, optou-se dentre as formas de construção de dados a riqueza das entrevistas autobiográficas favoráveis ao contexto da pesquisa-{trans}formação. Munida de seu diário, um pequeno caderno, uma caneta esferográfica de cor azul, um gravador portátil e algumas garrafas de água, a pesquisadora foi em busca de encontrar seus participantes mediante agendamento prévio pelo celular. Os encontros referentes a cada entrevista aconteceram em salas do bloco de economia e enfermagem da Universidade Regional do Cariri que estavam disponíveis nos horários agendados.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, com alguns enunciados que resgatem a história de vida e outros que podem surgir na necessidade de construção historiográfica e da memória dos fatos. Percebe-se que enquanto instrumentos, a narrativa autobiográfica permite uma maior profundidade da pesquisa por caracterizar-se pela escuta das histórias de vidas, o registro das experiências marcadas no discurso das pessoas transgêneras (travestilidades e transexualidade).

O caráter dialético das histórias de vida é que são sempre compreendidas como inseridas em um sistema, ao passo, que consistirá em "fazer surgir" biografias, autobiografias, em planos históricos ricos de significado, em que afloram, inclusive, aspectos subjetivos. Tal como em uma viagem, mapear as narrativas de espaço, afeto e história de vida destas subjetividades tidas ‘desviantes’ fará deste um pesquisador desviante, estrangeiro, impelido a desviar do que está proposto é dado como naturalidade. O itinerário metodológico da pesquisa transitou entre lugares que discutem gênero, sexualidades e educação, mirando em narrativas autobiográficas da população transgênero a partir de deslocamentos territoriais na cidade de Juazeiro do Norte, interior do Ceará.

O movimento delineou este estudo será de cunho qualitativo que se inicia a partir de

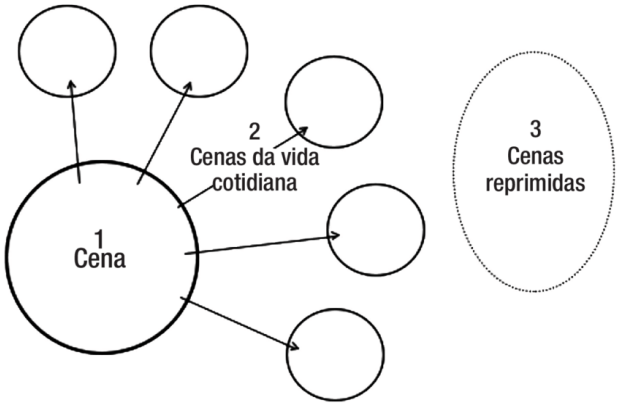
objetivos exploratórios, interessa-me no meio deste trajeto escutar as narrativas de vida compreendendo historicamente como a população transgênero viveu possíveis experiências educacionais de toda ordem formal ou informal na cidade de Juazeiro do Norte.

Optamos por esta metodologia de análise de dados em pesquisa autobiográfica com a qual vimos operando em consonância com os objetivos da pesquisa alinhados ao programa de pós-graduação em educação referente ao Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA.

Neste momento focando na análise das narrativas, portanto, será necessário informar sobre os procedimentos de compreensão cênica a incidir sobre cada narrativa estabelecendo cenas em mútua relação que se estabelece entre elas. Conforme o autor as narrativas são analisadas em três conjuntos de cenas apresentadas: a cena 1 (C1), é aquela composição de imagem em uma cena que reúne narrador e entrevistado motivada pela escuta plena que suscita a palavra dada, diz dessa aproximação de ambos e do que emergem enquanto fenômenos do íntimo do narrador, bem como contextos sociais e das circunstâncias que os envolvem.

A cena 2 (C2) são as cenas que se referem ao cotidiano de quem narra, os múltiplos fatos e vivências da vida corriqueira do entrevistado. A qualquer instante o emissor e receptor podem retornar a C1 para atualizá-la com os novos elementos discursivos que surgem. Em um jogo vivido entre as cenas 1 e 2 que é possível ver emergir a cena 3 (C3), que por sua vez revelam as cenas que denotam elementos reprimidos e ou algo que pode ter sido esquecido, isto é, segundo o autor a dimensão do não dito, aquilo que pode ter sido reprimido. A seguir, a representação desse modelo (Figura 1), segundo José Miguel MARINAS (2007).

Figura 1: Modelo da compreensão cênica José Miguel Marinas (2007)



Fonte: (José Miguel MARINAS, 2007, p.118)

A prática metodológica evidenciada por José Miguel Marinas (2007) no modelo

representado na Figura 1, é reformulada pela autora Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2014) que constrói uma nova apresentação gráfica da compreensão cênica na qual o conjunto de cenas é compreendido conforme cenas que se configuram segundo tempos e espaços biográfico-narrativos e interrelacionado se fertilizam para uma compreensão sistêmica mais orgânica do fenômeno em atenção. Conforme a autora, as três cenas constituem um conjunto sistêmico, em que o sentido do vivenciado/narrado é compreendido em conformação com espaços/tempos que lhe dizem respeito. Nesse sistema, as cenas esquecidas têm representação juntamente àquelas que possam ser entendidas como tendo sido reprimidas pelo narrador.

Conforme entendimento destes autores são mantidas as respectivas representações das cenas em três planos da compreensão cênica, sendo eles: primeiro refere-se ao contexto vivido no passado, incluindo as evocações resgatadas da memória do que foi vivido, ou seja, em que contexto os fatos aconteceram, em segundo lugar ao contexto do presente inclui o modo como as pessoas compreendem e ressignificam no momento em que se dá a narrativa, e por último o contexto da narrativa que é o ato da narração e a escuta são indispensáveis, pesquisadores e narradores afinam suas percepções em um diálogo de reciprocidade, acolhimento e para ampliação da consciência, por meio da reflexão da palavra dada. A interpretação das histórias e seus enredos em tessitura revelam as dimensões da construção do sujeito, das histórias de vida aos processos plurais (Cristina SANTAMARINA; José Miguel MARINAS, 1994).

Claro que sim, é de conceber que tal dificuldade interferiu na fluidez e construção da pesquisa, no meio do caminho foi necessário reavaliar o material que já tinha sido gravado e verificar se poderíamos optar pela consideração das únicas três entrevistas realizadas, ao invés de quatro, como tinha sido demarcado na submissão ao comitê de ética. Mas mesmo na imensidão do vazio das manhãs semanais em que estive disponível para escutar essas histórias de vida, três delas se tornaram material de análise pela ótica da compreensão cênica de José Miguel Marinas (2007).

Neste sentido as primeiras cenas reveladas são as cenas que demarcam a fronteira e a fazem interagir, perante o encontro entre narrador e espectador ouvinte dessas histórias. A cada entrevista realizada estava munido de um pequeno caderno que seria como um diário para realizar as anotações referentes às cenas que emergiram durante a escuta da narrativa autobiográfica, além de um gravador portátil e algumas folhas de papel em branco. Atenta a cada momento em que uma cena saltava esta pesquisadora\or registrava o que surgiam durante a narração da história de vida, que aqui será referenciado a partir da conceituação de

narrativas autobiográficas.

Como foi difícil enquanto pesquisadora/or se lançar em territórios ávidos pelo encontro com as/os coautores desta pesquisa, a substituição do contexto da cidade para as estruturas de um espaço de ensino já se configura bastante à revelia dessa mudança e a inquietação que estava por vir. Aqueles inúmeros e extensos corredores da Universidade Regional do Cariri foram intensamente cruzados em busca destes interlocutores, que com muita resistência em conseguir encontrar uma disponibilidade favorável, é de toda ciência deste pesquisadore que imprevistos podem acontecer. Mas também ficaram as indagações sobre tantas entrevistas desmarcadas, encontros adiados, não seria um dado sobre a participação das/ dos coautores na construção desta pesquisa.

Ao iniciar a entrevista realizei toda a leitura dos documentos referentes ao sigilo e confidencialidade da pesquisa, era exatamente 10h:07 na sala do bloco de enfermagem da Universidade Regional do Cariri, quando estava diante do primeiro co-autor. Neste momento, conferindo-lhes a intenção das narrativas autobiográficas é se debruçar sobre o ato de narrar a sua história de vida, cabe aqui situar o leitor que o primeiro ato cênico da narrativa escolhido, é pedido para os participantes contarem sobre suas vidas, suas trajetórias, suas famílias e como esses processos de aprendizagem aconteceram dentro e fora do espaço formal de escolarização.

4.2 ENTREVISTA POR NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Nesta pesquisa para a construção dos dados empíricos optou-se pelas narrativas autobiográficas como instrumento metodológico conforme referencial de Marie-Christine Josso (2004; 2007), Christine Delory-Momberger (2008), Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bauer (2002) e outros aportes teóricos que dissertam sobre as narratividades como potencial elemento transformador de si. A narrativa autobiográfica considerando aspectos apontados por Marie-Christine Josso (2007), ao afirmar que narrar a história de vida está ligada a nossa necessidade de se comunicar, de perpassar uma mensagem, transmissão da cultura, porém, muito mais além as narrações da história de vida revelam e desnudam múltiplos sentidos da existencialidade singular-plural, tanto como mediação da busca de sentido à própria existência como em busca de alcançar o crescimento e à construção de nossa identidade.

As narrativas autobiográficas têm sido ferramentas significativas na área da educação, corroborando com Marie-Christine Josso (2004, p. 19), “as histórias de vida se tornaram um material de pesquisa muito requisitado nas ciências do humano”. No sentido da formação de

professores quer seja inicial ou continuada assumem um papel preponderante como método de investigação-formação.

No processo civilizatório que constitui a humanidade coaduna com o ato de narrar histórias, o que faz da repetição que vivenciamos uma permanente transmissão dessas narrativas que nomeamos de cultura, com alguns enunciados da nossa memória coletiva de fatos da história oficial. Por isso que alguns enunciados que resgatem a história de vida e outros que podem surgir na necessidade de construção historiográfica e da memória dos fatos. Percebe-se que enquanto instrumento, a narrativa autobiográfica permite uma maior profundidade da pesquisa por caracterizar-se pela escuta das histórias de vidas, o registro das experiências marcadas no discurso das pessoas trans* (travestilidades e transexualidade) que na maior parte das vezes são silenciadas, segregadas, marginalizadas da história oficial. Um processo intenso em que as participantes de pesquisa experienciam apropriação da própria história narrada, isto é, o ato se faz no gerúndio ao mesmo tempo que se doam memórias, lembranças se está narrando uma vida (Christine DELORY-MOMBERGER, 2006).

Em relação às técnicas para construção dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais, para tanto estarei munida de um gravador de áudio e do meu caderno e caneta para anotações complementares como diário de bordo desta pesquisa.

Mas não se engane, relatos autobiográficos não são neutros, ao narrar a história de vida seleciona certos episódios enquanto outros são ignorados, quem conta não se dá conta dessa seleção, e o que uma vez foi eleito é retratado sobre uma claridade tendenciosa e uma espontaneidade que se cabe desconfiar, o que me fez contar este fato? Como eu me senti ao contar este fato sobre minha vida? Outra característica comum das narrativas autobiográficas é aparecer nos relatos um ideal de eu elogioso e ou uma explicação dos acontecimentos com um viés de engrandecimento que talvez se voltássemos ao momento vivido percebemos de outro modo. É nesta fonte que nos interessa por que pode conter segredos, sigilo, enaltecimento da protagonista da história de vida, um ponto central da percepção dos conflitos ao qual foi submetido enquanto narra o que viveu e se formou ao longo da vida (Marie-Christine JOSSO, 2010).

A autora supramencionada Marie-Christine Josso (2012) é uma das referências quando se trata de narrativas autobiográficas, utiliza algumas expressões como “aprender pela experiência” e “caminhar para si” que pressupõe que cada participante da pesquisa ao tomar a si mesmo como objeto de reflexão opera em um processo que simbolicamente representaria uma hermenêutica de si, através do trabalho que somente a reflexividade biográfica consegue

alcançar. Neste processo, as narratividades possibilitam aprendizagens por meio da reflexão na qual se insere em um só campo pesquisador-participante em uma realidade fronteiriça, na qual significações produzidas e ressignificação não acontecem apenas para quem está contando sua história, mas também para aquele que se coloca disponível para ouvi-la.

Há muitas grafias, tal como territórios que habitam e podem ser habitados no processo de biografização, outras ferramentas para compor linguagens podem servir como horizonte da pesquisa e das práticas de formação: como por exemplo fotobiografias, autobiografias, videobiografias, blogs, redes, sites. Tais elementos são frequentemente utilizados em várias perspectivas metodológicas adotadas em pesquisa autobiográfica como principal referência metodológica, usos como dispositivos de pesquisa, vão desde as entrevistas narrativas, aliadas ao trabalho com fotobiografias, ateliês biográficos, memoriais, documentação narrativa de experiências pedagógicas, grupo de discussão e pesquisa documental, entre fontes orais e escritas na construção das narrativas de si. Optei pela narratividade autobiográfica das experiências da população transgênero mediante entrevistas (SOUSA & MEIRELLES, 2018).

Na perspectiva da pesquisa autobiográfica os caminhos que conduzem a escrita de si ou sob a ótica de narrar a história de vida não diz respeito ao foco único e exclusivo no passado, mas sim em uma busca por uma direção e coerência nos vividos atualizados no presente refletindo sobre o futuro (PASSEGGI & SOUSA, 2011). O que nas palavras de Christine Delory-Momberger (2012), denomina de que esses atravessamentos no tempo e no espaço se dão na experiência de contar os vividos é a instauração da temporalidade biográfica. Não há como buscar uma verdade preexistente no ato de biografar-se para a construção de conhecimento necessária para esta pesquisa desejo enfatizar segundo Marie-Christine Josso (2007, p.435) que “o mapa não é o território”, ou seja, há uma polissemia de formas e sentidos quando se está frente das colaboradoras se deparando com os fatos da vida que uma vez tenha sido narrada afirma Christine Delory-Momberger (2006, p.41), “a vida contada não é a vida”.

Em um sentido antropológico faz parte da nossa condição humana enquanto seres gregários, experienciar a transmissão da cultura por meio da linguagem, esta por sua vez também nos remete a outra, das dimensões constitutivas do ser ôntico que é a capacidade do ser humano de representar narrativamente a existência e de biografar sua experiência que é ao mesmo tempo singular-plural, emocional, objetiva-subjetiva, histórico e social (Christine DELORY-MOMBERGER, 2012). Este é o princípio que orienta a pesquisa autobiográfica

que toda experiência humana pode ser enunciada sob a forma de narrativas desde a origem das civilizações, o ser humano encontrou maneiras de contar histórias.

Nesta forma de pesquisa entende-se que as colaboradoras/os falam de si e de seus processos a partir do detalhamento deste caminho traçado em riqueza de detalhes, nada passa despercebido aos ouvidos atentos da pesquisadora, por isso requer disponibilidade de ambos os lados. Afinal, sabe-se que será um processo intenso de despir-se, rememorar e vivenciar a catarse emocional de contar fatos de sua existência. A partir da construção dos dados realizada e das narrativas transcritas, um processo que se centra nas trajetórias e experiências educacionais das participantes levando em consideração aspectos históricos e subjetivos que surgem na reflexividade biográfica e nas análises construídas por cada pessoa sobre seu ato de lembrar.

A análise das narrativas representa um desafio no campo das pesquisas autobiográficas por almejar compreender as singularidades dos itinerários biográficos, percebendo-se o quão complexas e diversas as possibilidades de interpretar e analisar uma história de vida. "Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis implicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social" (Sandra JOVCHELOVITCH,s & Martin W. BAUER, 2002 p. 91).

Destarte que pesquisadores narrativos buscam esta virada hermenêutica, ou seja, realizar uma profunda análise dos sentidos que são postos nas narrativas, nesta perspectiva vislumbrar os sentidos que são dados pelos próprios narradores, enquanto pesquisador não estou ali para interpelar com produção de discursos e interpretações sobre a narratividade do outro, essa é uma questão de alteridade no sentido da filosofia de Emmanuel Lévinas (2005). Do mesmo modo que o trabalho analítico das formas linguageiras não se ocupa em interpretar o evento biográfico enquanto transitório, pelo contrário se interesse em compreender-interpretar a sua significação (Paul RICOEUR, 1976).

Há ainda o modelo que difundiu-se na década de 1980 na Alemanha, que foi a entrevista narrativa improvisada proposta por Schutze (1992), denominada assim por ausência de cerceamentos e direcionamentos das narrativas em entrevista estruturadas, privilegiando a livre e contínua exploração de relatos dos entrevistados sem qualquer tipo de interferência por parte do entrevistador, na sua visão cabe ao pesquisador encorajar a narração livre e o mais espontânea possível sem a interrupção ou qualquer solicitação que atenda à demanda do entrevistador mas que pode constranger e ou evitar o sistema narrativo espontâneo.

Outra forma bastante comum no Brasil é apontada por Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bauer, de que a análise da entrevista narrativa, tem como a questão crucial a atividade deste pesquisador narrativo que consiste, no momento da análise, traduzir questões exmanentes[34] em questões imanentes, ancorando as primeiras na narração e fazendo uso exclusivamente da linguagem do entrevistado (Sandra JOVCHELOVITCH; Martin W. BAUER, 2002, p.63).

Para análise das narrativas autobiográficas há muitos caminhos possíveis apontados por Marie-Christine Josso (2010) que assumem seu espiral retroativo de buscar o caminho para si que opta pela compreensão em três níveis pensados em conformidade com a sua finalidade: nível 1 – evidencia o processo de formação; nível 2 – o processo de conhecimento; nível 3 – os processos de aprendizagem. Todos os níveis contemplam a experiência humana desde o ter experiência, fazer experiência e pensar na experiência.

De acordo com os objetivos desta pesquisa em comparação com os níveis supramencionados o que mais se adequa ao entendimento desta pesquisa é buscar compreender os processos de aprendizagem e as temáticas nelas inseridas, por isso elegi o nível 3 para analisar os fenômenos observados e as narrativas colhidas. Dentre os níveis de análise das narrativas sobre a reflexão da formação esta é sem dúvida a mais complicada pela dimensão intersubjetiva de resgate da biografia para analisá-las e interpretá-las dão acesso a um conhecimento de si fonte de invenção possível de seu vir-a-ser (Marie-Christine JOSSO, 2012).

Em resumo a análise do trabalho biográfico neste nível se dá em algumas etapas: (1) Tomada de consciência das suas estratégias nos três gêneros de aprendizagem. (2) Tomada de consciência das suas posturas de “aprendente”; (3) Tomada de consciência dos recursos afetivos, motivacionais e cognitivos que podem mobilizar uma aprendizagem e as competências que podem ser também mobilizadas; (4) Tomada de consciência das escolhas de níveis de e dos processos e etapas da aprendizagem;

4.3 COMPREENSÃO DO ATO CÊNICO E AS NARRATIVAS AUTOBIOGRAFICAS DE TRANSGÊNEROS

[34] As questões exmanentes referem-se às intenções e as questões da pesquisa ou interesse da pessoa pesquisadora, suas formulações e linguagens surgem a partir da aproximação com o tema em estudo, e deve ser transformadas em questões imanentes (temas e tópicos que surgem durante a narração trazida pelo informante) (MUYLAERT et al, 2014).

Neste capítulo comentamos a análise das entrevistas semistruturadas que realizamos com a escuta das narrativas autobiográficas de transgêneros sobre suas experiências educacionais formais e informais como pesquisa que compõe este programa de pós-graduação em educação, a serem interpretadas à luz da compreensão cênica (José Miguel MARINAS, 2007; Cristina SANTAMARINA; José Miguel MARINAS, 1994). Operar a análise destas entrevistas com a compreensão do ato cênico relacionado às teorias que fundamentam a pesquisa por meio das narrativas autobiográficas, em especial com a perspectiva da (auto) biográfica em educação, reforçando nosso entendimento a autora Christine Delory-Momberger (2008, p. 56): "A narrativa (auto) biográfica instala uma hermenêutica da 'história de vida', isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo".

A preocupação metodológica com o método biográfico advindo de obras etno sociológicas com foco nas narrativas autobiográficas é evidenciada pelo autor Daniel Bertaux (2010), que aponta a necessidade de pensá-las ao que escapam a qualquer tentativa de estruturação, que não tenha como intuito aprofundar-se no que é dito/não dito. A despeito da relevância da sua presença no contexto da entrevista cabe aos entrevistadores manterem-se minimamente presentes. Valorizando a ambiência da entrevista que precisa reproduzir um espaço da cotidianidade, configurar-se como os encontros rotineiros, as conversas despretensiosas.

Nessa busca por alcançar um espaço de reconstrução de acontecimentos, não estamos desconsiderando a presença do entrevistador ou incentivando a esconder-se e também ocultar os objetivos da pesquisa – e não deve mesmo, jamais –, mas um convite a como se inserir, no modo que for possível, sem perder a espontaneidade, no dia a dia de seu entrevistado/sua entrevistada. Segundo Daniel Bertaux (2010, p.47):

> Para narrar bem uma história é necessário delimitar os personagens, descrever suas relações recíprocas, explicar suas razões de agir, descrever os contextos das ações e interações e até mesmo formular julgamentos (avaliações) sobre as ações e os próprios atores. Descrições, explicações, avaliações, mesmo não sendo formas narrativas, fazem parte de toda narração e contribuem para construir significados.

Conforme este autor e outros que referenciam este estudo o caráter de legitimidade das entrevistas autobiográficas reside justamente na sutileza e eficácia em ser realizada, ao mesmo tempo, que é instrumento de coleta de dados e interpretações prévias, não perder em

descaminhos o que futuramente emerge enquanto os sentidos expostos por quem narrou. Adotar este enquanto método de coleta de narrativas depende muito do que se pretende alcançar em um estudo. Com a possibilidade de quebrar paradigmas, as entrevistas narrativas passam a ser parâmetro psicológico, sociológico e linguístico que permite compreender a identidade que se constrói na narrativa (Daniel BERTAUX, 2010; Antonio BOLÍVAR, 2012, 2016).

É sobre o modo como o ser humano passa a se compreender pelo exercício que demanda esforço interpretativo, e o modo como faz isso para se interpretar é por meio das narrativas. As ambiências narrativas possibilitam que as pessoas envolvidas neste processo, sejam produtoras de sentidos múltiplos, observadores que atentam-se a imensidão de imagens, pluralidades de discursos, criando sentido e significado para suas escolhas e motivações, inclusive quando se discute as reflexões de (auto)formação (Antonio NÓVOA, 1992; 2010; Marie-Christine JOSSO, 2002), “tornando visível o processo de individuação e de formação pelo qual o sujeito constrói seu ser social singular” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 291).

Como uma ferramenta potente pela qual as pessoas ao narrar suas trajetórias e suas vivências constituídas de múltiplos sentidos, a narratividade de suas histórias de vida são como um olhar aprofundado para si apresentam-se em diversos níveis: pessoal, familiar, escolar, profissional. Ao eleger esta opção metodológica, como já mencionado optou-se como uma forma de modo operacional de análise, a compreensão do ato cênica (José Miguel MARINAS, 2007; SANTAMARINA; José Miguel MARINAS, 1994), que de acordo com os referidos autores demonstra ser uma alternativa possível de construção de sentido mais orgânica das narrativas em estudo. Neste texto, propomo-nos a apresentar a análise de três narrativas autobiográficas de pessoas transgêneras entrevistadas na Universidade Regional do Cariri - (URCA), no período de agosto a novembro de 2022.

É importante frisar que existem neste processo questões implícitas que permeia as narrativas, fazendo jus uma leitura cuidadosa, criteriosa e reflexiva a ser realizada, mediante observar processos vividos, angústias geradas, adaptações, sucessos, fracassos, gratificações, evidenciadas no conjunto de cenas que são acessadas pelos pesquisadores, buscando identificar o que foi dito e o que ficou reprimido, não revelado, apenas pontuado como algo que aconteceu. O aporte teórico escolhido para dar conta de compreender os fatos revelados ou implícitos nas narrativas, elegemos os estudos de José Miguel Marinas (2007, 2014) e de Santamarina e José Miguel Marinas (1994).

José Miguel Marinas (2007, p.68) pontua quatro polos na sua descrição da

compreensão cênica, – o dizer do todo, o silêncio, a palavra plena e a palavra vazia – em uma dinâmica de movimento nas entrevistas podemos denominá-las de palavra dada e escuta, ambos elementos constituintes da anunciação do dito\não-dito que emergem no ato de narrar. Para melhor compreender estas quatro dimensões da análise pela compreensão cênica utilizaremos como referência a expressividade.

Nessa descrição o autor supramencionado, continua a dissertar sobre a dimensão do dizer, mesmo no que é da ordem do dito, o próprio silêncio revela mais do que se imagina, o silêncio comunica e revela o que os participantes desta pesquisa, enquanto colaboradores com palavra dada, pensam, sentem, fazem, e até o que dizem e não dizem. A base psicanalítica dos estudos de José Miguel Marinas (2007) fortemente denota a dimensão reprimida no campo do discurso e a presença do inconsciente que escapa na linguagem. Ou seja, a palavra plena é manifesta da pulsão de vida, e se faz plena de sentido, enquanto a palavra vazia "não cabe nomeação, não tem significação", ao mesmo tempo que ambas denotam a existencialidade, do espaço e das ambiências que elaboram internamente as vivências, sentimentos e a vida (José Miguel MARINAS, 2007).

Particularmente foi possível perceber o quanto esta metodologia de análise dos dados atribui um valor importantíssimo à noção de escuta que é atribuída pelo autor àquilo que possibilita a palavra dada, enunciá-la e até redimensionar o vivido uma vez que foi instigado pela palavra que o outro dá ao se narrar. Em suma a ambiência criada no espaço é como um circuito que abraça o narrador e o ouvinte, enlaçados pelo encontro da palavra dada e pela escuta atenta, no qual a narrativa de vida partilhada e repensada como um relato que os participantes fazem sobre sua experiência de vida, pela oralidade e de modo espontâneo (Daniel BERTAUX, 2010).

De acordo com o autor, que é a principal referência dessa metodologia a qualidade da escuta constrói esse espaço de valorização de uma história de vida, mesmo que não seja extraordinária e ou tenha algo de espetacular, mas que seja tão comum como outras, mas nunca deixará de ser única, sendo demarcada por "lugares comuns, de redundâncias, mas também de surpresas e de iluminações" (José Miguel MARINAS, 2007, p. 42).

Partindo dessa concepção a narrativa colhida é concebida a partir de um repertório de cenas, nas quais os relatos autobiográficos são plenos de material explícito e implícito. Concebe-se à escuta a principal ferramenta apontada pelo autor: "escutar é não obstruir, não interromper, nem com saber (sobre o tema), nem com interpretação (de quem fala). Porque quem está falando concede uma palavra dada cujas dimensões e implicações não conhece em sua totalidade" (José Miguel MARINAS, 2007, p. 20). Entendemos que neste processo da

compreensão cênica das narrativas, o narrador pode estranhar o próprio narrado, diante de tudo que pode surgir, que aparece na palavra dada pelos participantes, desde os fatos e feitos.

A escuta não se centraliza apenas no que está sendo falado, mas também no que está escrito. Equivale a dizer que se a palavra dada se resume, algo compartilhado ao sujeito que escuta. Em nosso entender, escutar é semelhante a afirmar que a palavra não se encerra em si porque foi dita, pois nela se revelam uma existência, uma presença e saberes compartilhados ao longo da vida. Há um compromisso que garante o circuito do narrar: "isto é, que garanta a relação significativa entre narração e escuta, visto que aquele que narra sua história se vê interpelado por ela, não só pelo que José Miguel Marinas denomina núcleo do feito, mas, igualmente, pelas dimensões periféricas do que aconteceu" (Maria Helena Menna Barreto ABRAHÃO, 2014, p. 62).

Ainda conforme José Miguel MARINAS (2007), ao optar por entrevistas narrativas como fonte de dados ou escolher trabalhar com esta metodologia de histórias de vida ou história oral, é imprescindível cuidar da relação entre o conteúdo narrado e o que foi registrado, por isso exige um tempo singular e um processo de escuta e elaboração no qual intenciona-se que "investigamos não para verificar, mas para descobrir" (José Miguel MARINAS, 2007, p. 108).

A compreensão cênica visa não eliminar o conflito, pelo contrário, pelo entendimento de que a dimensão conflitiva faz parte da existência, buscamos incorporar o conflito. Reconhecendo que em cada narrativa autobiográfica o ato de elaborar não lhe reduz a uma mera transcrição linear de eventos que são evocados e recordados. No ato da enunciação é vedado se policiar a fala e ou tentar interferir, apenas deixá-la acontecer espontaneamente. Ainda que a pessoa pense no que irá narrar, sempre na sua enunciação alguns dos fatos e situações se interponha a qualquer tentativa de planejamento. Neste sentido, até a narrativa que parecia ser disfarçada pode acabar denunciando o que a pessoa não pretendia dizer (José Miguel MARINAS, 2007).

4.4 DAS ANDANÇAS, ROLÊS DA PESQUISA - POR ONDE COMEÇAR O BABADO?

A pesquisa foi realizada incide sob o território do município de Juazeiro do Norte que se situa no sul do Estado do Ceará, no Vale do Cariri, sob as coordenadas geográficas 7°12'47" de latitude sul e 39°18'55" de longitude oeste, e possui uma área de 258,788Km2. Está inserido na bacia hidrográfica do Salgado e apresenta como principais drenagens o riacho

dos Macacos e o rio Salgado. Possui como fonte hídrica direta ou indireta o manancial subterrâneo, que representa a única fonte de abastecimento de água. É considerada a maior cidade do interior cearense em aspecto de desenvolvimento, estima-se que atualmente possui uma população de 278.264 mil habitantes, densidade demográfica de 1004,45 hab/km². Apresenta um comércio bem desenvolvido e festas religiosas que atraem romeiros e turistas do Brasil e do exterior em média anual de, aproximadamente, dois milhões de visitantes (IBGE, 2021).

Nas ruas de Juazeiro do Norte que se encontram participantes da pesquisa: pessoas transgêneras, colaboradoras mas por que não afirmá-las como coautoras desta pesquisa, tais pessoas perambulando pelas ruas e suas práticas cotidianas de resistência e sobrevivência - indivíduos que trabalham, habitam, se expressam ou simplesmente se deslocam nas ruas da cidade em uma maneira marginal (ou marginalizada). Um atravessamento que sempre me conduziu enquanto pesquisador para refletir sobre a educação e a população transgênera surge com um recorte já feito pela cinematografia caririense que sempre me chamou atenção por retratar um grupo maior de pessoas anônimas e ordinárias, tais habitantes invisibilizados, percorrem espaços e temporalidades desta cidade. Em *Também sou teu povo*[35] (direção de Orlando Pereira e Franklin Lacerda, 2006) é um documentário que retrata como experienciam as noites de romaria pelo olhar das protagonistas travestis religiosas que vivem ou estão de passagem pela cidade, em uma das noites de romaria na cidade de Juazeiro do Norte tida como terra santa e rumo de peregrinação e devoção religiosa a figura do Padre Cícero[36]. Assim como outros documentários que potencializam a discussão sobre a invisibilidade, o anonimato da população transgênera. Tão devotas quanto quaisquer outros romeiros, as travestis reconfiguram o olhar do espectador para pensar a dualidade entre o sagrado e o profano, entre os sonhos e a realidade, entre desejar e a essência.

O início do documentário é marcado por símbolos que marcam apenas uma dimensão do sagrado valorizada nesta região, ao mesmo tempo que se recita um cordel sobre a volta de meu "Padim Ciço" como em uma espécie de juízo final, depois ao longo das imagens dos romeiros em trânsito, surge a voz de uma das travestis também em trânsito de representar a si

[35] *Também sou teu povo* (direção de Orlando Pereira e Franklin Lacerda, 2006) é o primeiro documentário que traz travestis religiosas como protagonistas no interior do Ceará, na cidade de Juazeiro do Norte.

[36] Cícero Romão Batista (Crato, 24 de março de 1844 — Juazeiro do Norte, 20 de julho de 1934) foi um sacerdote católico brasileiro. Na devoção popular, é conhecido como Padre Cícero ou Padim Ciço.[1] Carismático, obteve grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa do Ceará bem como do Nordeste. Cidade Sagrada do Padre Cícero - Assim ficou conhecida a história deste Santo Católico popular que operou um milagre e impulsionou o crescimento de um vilarejo para a cidade. Destino de peregrinação e romaria após o milagre que ocorreu junto a beata Maria de Araújo, sendo que nesta história não foi reconhecido e muito menos atribuída à figura feminina da beata. Porventura este fato trouxe o desenvolvimento econômico fazendo de Juazeiro do Norte uma das cidades mais relevantes do interior do Ceará (LACERDA, 2006).

mesma ao entendimento do telespectador. Esse documentário é um dos únicos registros que descreve a experiência das travestis na cidade. A cidade de Juazeiro do Norte que representa o centro de turismo religioso, cresce pela forte influência do Padre Cícero, aqui chegaram muitos romeiros de outras regiões do Nordeste que aqui resolveram fazer moradia e assim a cidade cresceu em termos plurais e populacionais.

No interior do Ceará, na região do Cariri, segundo a descrição do historiador Lira Neto (2009) em *Cangaceiros, tempera cachaça com os beiços do inimigo morto. O que falta para o fim do mundo?*[37] Percebe-se uma forte ligação com a religiosidade por parte dos cangaceiros. A brutalidade e tamanha naturalidade do comportamento dos cangaceiros e jagunços é pretendida como uma virtude em uma terra em que prevalece o culto à coragem, valentia e a louvação à honra pessoal, essa é a visão que foi naturalizada pela cisheteronormatividade sobre as pessoas que aqui residem, o sangue familiar se lavava obrigatoriamente com sangue. Se acontecesse de um homem chorar seria de raiva e ou ódio. Mas não se considera a sensibilidade e a afetividade como condição humana.

Sabe-se que na região Nordeste há uma forte representação de uma masculinidade hegemônica na figura do "*cabra macho", forma* rude e bruta de fazer uso do exercício de poder ao qual lhe é atribuído em uma cultura machista e patriarcal. O que faz com que sejamos impregnados por representações, discursos, atitudes, gestos e articulações hereditárias que remontam a masculinidade essencializada e padronizada apontada em figuras como Lampião e a figura dos temíveis cangaceiros, como este tipo de indivíduo respeitado ou admirado pela sua valentia. É importantíssimo salientar que o cangaceiro é tipicamente um personagem nordestino, pois o cangaço é um acontecimento que não ocorreu em outras regiões do Brasil, foi um fenômeno único da realidade climática do semiárido, sendo histórica, social e política peculiar do Nordeste brasileiro. Sem dúvida alguma, o cangaceiro é o tipo masculino que tradicionalmente melhor caracteriza a masculinidade do nordestino (FURTADO, 2018).

Figura 02: Fotografia de matéria Diário do Nordeste (2021)

[37] Capítulo que descreve fatos do período que vai 1914-1916 do livro Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão. Lira Neto (2009).

Fonte: Fotografia Kid Junior em matéria no jornal Diário do Nordeste mensagens de artista cearense, no ano passado, questionaram a memória travesti em outdoors em ruas de Fortaleza (JUNIOR, 2021).

Na territorialidade desta cidade Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, que acolhe a pesquisa a ser desenvolvida busca compreender as outras formas possíveis de identidade que são tidas como subalternas, abjetas e desviantes, símbolos de resistência em uma territorialidade que enfatiza o poder do "macho", traz uma masculinidade essencializada e heteronormativa e consequentemente apresenta casos de transfobia. Esta mesma violência e cultura machista fazem do Nordeste o segundo estado que mais comete violência e assassinatos por transfobia, atrás somente de São Paulo. A violência gratuita e naturalizada é direcionada contra todas as pessoas que expressam o gênero como transcendência a uma visão binária cisgênera e ou sua identidade de gênero é em contraposição ao gênero designado no nascimento, e que serão consideradas/os nesta pesquisa. É de se lembrar exaustivamente a subnotificação e ausência de dados governamentais. O que é possível apontar sobre os levantamentos anuais da ANTRA sobre o perfil das vítimas não é especifico por estados, mas levando em consideração o mapeamento nacional mostra que dos 175 casos do País, 78% eram travestis/mulheres trans negras pretas; 72% atuavam como profissionais do sexo; 75% não conheciam os suspeitos; 56% tinham entre 15 e 29 anos (ANTRA, 2020).

4.5 INHÁI, AMÂPO? CONHECER OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA

> "Com 13 anos, ela foi espancada até a morte. A lagartinha que queria ser borboleta. Menine que era menina, o rosa do azul. Ela tinha sonhos. Tímida, era a felicidade em vida. Sonhava em ser livre e famosa. E por querer ser livre levou

> pauladas, chutes e pontapés. Sexualizaram sua existência e vandalizaram sua alma. Teve seu corpo deixado em um terreno baldio, com o mesmo ódio e crueldade que levou a Dandara e outras. A polícia? Como sempre, descartou ser um crime de ódio. [...] Quem protege as crianças LGBTQI? Quem será a próxima?" Bruna Benevides autora do texto no dia 03 de Janeiro de 2020 quando uma criança Trans de 13 anos assassinada no Ceará (Bruna BENEVIDES, 2021).

Desde o ano de 2016, que a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) se articula para exigir de autoridades responsáveis a inclusão de questões relacionadas à população LGBTQIA + por meio de dados estatísticos no censo que seria realizado em 2020 (posteriormente adiado para o referido ano de 2021), tentando articular com a Defensoria Pública da União (DPU) e o IBGE, sem estes dados o Brasil vai continuar desconhecendo as demandas e reais necessidades da população LGBTQIA +. Presume-se que este mapeamento é possível em aproximação junto a entidades governamentais ou não-governamentais que assegurem a qualidade de vida da população transgênero, como é o caso do Conselho Municipal LGBTQIA +, da ONG Casa da Diversidade Cristiane Lima da cidade Juazeiro do Norte, permitindo identificar inicialmente os lugares onde encontro o público-alvo da pesquisa.

Foram incluídos/as nesta pesquisa os/as toda a população que se (auto)identifica-se enquanto identidade de gênero vivendo alguma das experiências das transgêneras, ou seja, ser uma travesti, uma pessoa não-binária e ou pessoa transexual - perspectivas das transexuais femininas e ou transfemininas (MTFs) e dos transexuais masculinos e ou transmasculinas - (FTMs)[38]. Quanto aos critérios para inclusão das/os participantes na pesquisa serão os seguintes: ser travesti ou transexual, maior de 18 anos de idade e ser munícipe do local de estudo na cidade de Juazeiro do Norte - Ceará. Estabelecendo alguns critérios de exclusão em trânsito no município ou em deslocamento para outra localidade no momento da construção dos dados.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

[38] As siglas MTF (Male to female) e FTM (Female to male) são frequentemente alguns teóricos dividem as pessoas transexuais em FtM (sigla vinda do inglês [Female to Male - Fêmea para Macho]) para designarem pessoas que quando nasceram foram registradas como alguém do sexo feminino, porém a pessoa se identifica/apresenta como homem; e MtF ([Male to Female - Macho para Fêmea]) para designarem pessoas que quando naceram foram registradas como do sexo masculino, porém se identificam/apresentam como mulheres (JESUS, 2012).

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri (URCA), em concordância com as Resoluções 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. A realização da pesquisa depende deste parecer de aprovação da pesquisa por princípios éticos como condição *sine qua non* que viabilize sua condução por se tratar de uma pesquisa com seres humanos. Além disso, alguns documentos essenciais para este processo estão dispostos nos apêndices desta pesquisa como o formulário para solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C) para assegurar a integridade e o respeito ao uso dos dados coletados nas entrevistas, tendo sido garantida, dessa forma, mediante documento que será assinado no dia da realização das entrevistas a participação voluntária dos/as participantes e também a liberdade de recusa ou de retirar o consentimento a qualquer momento.

Esta pesquisa fez uso de uma abordagem metodológica intitulada de Narrativa autobiográfica com abordagem qualitativa. Optou-se pela definição da população por pessoas transgêneras - travestis, transexuais e não-binárias. A quantidade dos sujeitos, se justifica por considerarmos que são quatro experiências diferentes, infelizmente pela dificuldade de acesso ainda existente o contingente da população transgênera presente nos espaços escolares é minoritário como é o caso da universidade.

Com dificuldades de encontrar pessoas disponíveis para participar do estudo, reduziu-se para uma amostra de três pessoas. De modo que todas as participantes serão acessadas mediante buscas na internet, contato telefônico, mídias sociais e ou indicação de terceiros, e o local da entrevista será no lugar mais acessível e viável para as colaboradoras da pesquisa. Por ventura todos os participantes foram universitários que optaram por realizar a pesquisa na Universidade Regional do Cariri - URCA.

Quanto aos riscos físicos, vale salientar que ainda que estejam sendo retomadas algumas atividades presenciais é preciso lembrar que a pandemia de covid-19 ainda não acabou, para evitar a transmissividade e ou contágio da doença consideramos as medidas adotadas pela Organização Mundial de Saúde - (OMS), distância mínima e segura, uso de máscara em ambientes fechados, não aglomeração, manter higiene pessoal lavando sempre as mãos, e uso do álcool gel 70o nos espaços que forem ser realizadas as entrevistas.

O(s) procedimento(s) utilizado(s) sendo entrevista poderiam trazer algum desconforto que foi respeitado e garantindo-se o sigilo dos dados confidenciais. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo, como - Invasão de privacidade; - Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade; Não serão divulgados nenhum dos dados confidenciais (registrados no TCLE), mediante o comprometimento ético e profissional da

pesquisadora, através de confidencialidade da pesquisa; - Minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, com total sigilo das informações coletadas e atendimento individualizado em sala específica; - Assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata. Os resultados da pesquisa serão analisados e contribuíram para pesquisas futuras a nível nacional e internacional para a promoção e avanço da ciência e da pesquisa em temáticas da educação

5 DA COMPOSIÇÃO DE CENAS AO PROCESSO DE BIOGRAFIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

5.1 Ato cênico I - Cenas I - (C1): Infâncias roubadas: crianças são tudo menos livres

Inicialmente permitam-me apresentar Belchior (primeiro participante): nascido e residente em Juazeiro do Norte - Ceará, Belchior, compartilhou através de sua narrativa que cresceu familiarizado com territorialidade do bairro Socorro na cidade de Juazeiro do Norte interior do Ceará, um jovem homem transexual, com 27 anos de idade, estudante universitário de Economia e solteiro. Mora com a mãe e a avó e um irmão com diferença de idade de sete anos. Seu pai separou-se de sua mãe quando ainda tinha um ano de idade. A escolha do seu nome não é aleatória, cabe aqui uma justificativa da escolha do nome Belchior, estava diante de alguém que pelo modo como narra a sua vida me remete ao trecho da canção de Belchior: “Eu sou apenas um rapaz latino americano”. Posteriormente ao momento da narrativa de vida, que só depois constatei, o co-autor da pesquisa é DJ que também se apresenta em eventos de movimentação da União Nacional dos Estudantes - UNE que é uma organização estudantil Brasileira.

Na incessante busca sobre o que realmente sou e como desejo estar nesse mundo adentramos ao contexto das cenas cotidianas que revelam a vida como uma grande travessia, aqui situamos sobre transitar, compreendendo como se deu esse processo. Ao redimensionar estas narrativas encontramos na história de vida dos participantes uma busca transcender o corpo, que requer adequação de condutas, comportamento e performatividade da pessoa.

Era outra sexta-feira quando realizei toda a leitura dos documentos referentes ao sigilo e confidencialidade da pesquisa, eram exatamente 9h:22 em uma sala do bloco de enfermagem da Universidade Regional do Cariri, quando estava diante do segundo co-autor. Inicialmente permitam-me apresentar Patativa (segundo participante): nascido e residente em Juazeiro do Norte - Ceará, Patativa é o primogênito de uma família de três filhos, compartilhou através de sua narrativa que sempre cuidou como responsável dos dois irmãos menores, com 8 anos já possui atribuições e responsabilidade enquanto que seu pai e sua mãe trabalhavam fora de casa, conflitos familiares afetam a relação familiar. Um jovem homem transexual, com 27 anos de idade, estudante universitário de Ciências Sociais e solteiro. Por sua vez a inspiração do nome ficticio é o fato que estive a frente de um poeta para compor a sua experiência da narrativa de vida, tal qual Patativa do Assaré grande poeta no interior do Ceará da cidade de Assaré, que dominava as palavras mesmo sem saber da sua grandeza

como uma das maiores referências da literatura cearense sem a necessidade de qualquer diploma de escolarização formal, para validar seus poemas e sua escrita extremamente sensível e que toca em questões delicadas de ser que se é.

Era outra sexta-feira quando realizei toda a leitura dos documentos referentes ao sigilo e confidencialidade da pesquisa, eram exatamente 9h:18 em uma sala do bloco de enfermagem da Universidade Regional do Cariri, quando estava diante do terceiro co-autor. Inicialmente permitam-me apresentar Camus (terceiro participante): nascido e residente em Juazeiro do Norte - Ceará, Camus é filho único, compartilhou através de sua narrativa que não possui muitas lembranças da sua infância, que com 3 anos de idade seus pais se separaram. Um jovem homem transexual, com 21 anos de idade, estudante universitário de História e solteiro. Ao iniciar sua narrativa de vida o participante trouxe referente aos sentimentos que o acompanham na sua transição a sensação de ser estrangeiro, algo que remeteu ao autor e filósofo da obra com o respectivo nome "O Estrageiro" de Albert Camus, que traz em sua filosofia o quanto que o ser humano manifesta sua felicidade em condições absurdas, só existe um problema filosófico que é o suícidio: quando se julga se vida vale a pena ou não ser vivida. Então não foi complicado eleger um nome para manter sigilo sobre sua identidade.

Indaguei a um dos entrevistados que receberá o nome fictício de Camus, convidando-o a rememorar a tua existência, a tua história de vida desde o nascimento. "Quando se pergunta essas coisas, a gente fica sem memória, se indagando afinal quem sou eu. Eu nasci no antigo hospital Clínica São José, que agora é um outro hospital. Minha mãe tinha a mesma idade que eu tenho agora e meu pai tinha 26, ou 27, se não me engano. Ambos se divorciaram quando tinha 3 anos de idade, mas eu não lembro muito desse período. Foi quando fui morar com meus avós maternos".

Após este momento faço em que faço um breve convite a rememorar a sua própria existência, recorrendo a sua história de vida, ao ser indagado sobre sua infância, um dos entrevistados que receberá o nome fictício de Belchior afirma que não haveria um fato marcante da infância ou mesmo que se denota uma ruptura ou trama vivido que fosse decisivo para a formação da personalidade.

> E eu acho que no ano que eu nasci, assim na parte que foi a minha infância não se tinha muita essa concepção do que seria algo transgênero, não tinha até mesmo acredito que pesquisas em cima de determinado assunto, nas escolas eu acredito que ainda é muito ausente, que os profissionais são leigos no assunto, até mesmo hoje em dia, que não sabem como como lidar com uma coisa simples. Por que não é nada demais, não é um bicho de sete cabeças, não é

> uma coisa de outro mundo, você percebe que existem crianças trans, porque elas existem" (NARRATIVA DE BELCHIOR).

É interessante pontuar que a justificativa do participante uma vez que intencionalmente a acessar as primeiras memórias, resgatar as histórias do tempo de criança favorecendo a criação de uma atmosfera propícia ao acesso destas lembranças mais antigas é justamente tocar em lugares de desconforto e que por vezes são carregadas de momentos satisfatórios e outros momentos de vulnerabilidade e sofrimento a que são submetidas às crianças durante a infância.

No entanto, seguidamente Belchior pontua que *"tive uma infância boa! Ah, nada extraordinário, mas também nada que tenha um impacto total, tipo assim que mudou a história de vida por decorrência desse fato. Porém, eu acho que todas as pessoas que são transgêneros, elas sempre sabem que são transgêneros, elas sempre sentem que tem alguma coisa diferente dentro delas"*.

Cito Sofia Favero (2020, p.21), quando diz que sua própria infância mesmo não sendo compreendida como fora do campo da transexualidade não implica considerar que seja uma realidade comum sobre outros pares e suas infâncias trans. "Certamente existem travestis e pessoas trans capazes de nomear suas infâncias por meio da categoria de gênero ou não. Até porque o que está em jogo é a própria condição de criar possibilidades, não restringi-las".

Levando em consideração as narrativas autobiográficas como memórias, que o passado se constrói discursivamente as experiências individuais do colaborador desta pesquisa como transgênero, denunciam aspectos preservados na memória que podem surgir como resultado de reflexões atualizadas no momento presente, ao mesmo tempo que podem disparar mecanismos de controle dos atos presentes (Megg Raynara Gomes OLIVEIRA, 2020).

> E tem sempre aquela coisa que a gente não gosta, tem sempre brincadeiras, que a gente prefere outras, tem sempre coisas que a gente se identifica mais, só que a gente não entende o que está acontecendo". (NARRATIVA DE BELCHIOR).

Importante pontuar sobre a existência de crianças transgêneras e a dinâmica presente em suas existências desde as formas de privação, controle, assujeitamento, como também seus opostos polares, a [re]xistência, enfrentamento, formas criativas de sobreviver, entre outras. Ao longo de suas narrativas de vida é evidente o quanto a cisnorma determina o que é considerado saudável para o desenvolvimento de uma criança dentro da nossa sociedade cisheteronormativa. Qualquer tentativa de crianças experienciaram o "contrário" do que é posto como padrão normativo é concebido como ameaça, ao mesmo tempo é extremamente

controverso pensar que a criança cresce pela experimentação, são as suas experiências e descobertas que consolidam suas aprendizagens. Conforme Paul Preciado (2013; 2019):

> E me revolto hoje em nome das crianças que esses discursos falaciosos esperam preservar. Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança *queer*, bicha, sapatão, transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero? (p.68-69).

Ademais Paul Preciado (2019), afirma que pessoas e partidos tradicionalistas e conservadores da sociedade de modo geral que levantam uma bandeira em defesa da infância e da família, na verdade apelam à família política que eles mesmos constroem, se mostram defensores de perigos irreais e imaginários pelos quais uma criança que se considera de antemão heterossexual e submetida à norma de gênero como forma de prevenir um "desvio" no sentido de um erro ou falha.

> "[...] Elas sempre sabem que tem alguma coisa errada. Sempre tem alguma coisa que incomoda a gente, sempre tem uma determinada vestimenta que a gente não gosta, e que na verdade é taxada como sendo anormal, aquela vestimenta tem que ser aquela que a gente tem que usar". (NARRATIVA DE BELCHIOR).

Neste mesmo texto, Paul Preciado (2019, p.69): "Quando uma criança é privada de qualquer forma de resistência, qualquer que seja as possibilidades de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais. Essa infância que eles afirmam proteger exige o terror, a opressão e a morte". Na narrativa de Belchior, assim como a de Camus é notado o quanto que a ideia de falha e erro estão presentes cotidianamente, por toda a vida e como essa ideia é reforçada e mantida por instituições coletivas, com a família, a escola, a igreja e a sociedade de um modo geral sendo reiterada com a gama de aprendizagens cotidianas.

> "Eu morei com eles até uns sete anos e foi uma época boa, apesar de que desde que eu era criança, quando a gente nasce o povo bota a gente numa caixinha, né? Você nasceu com esse corpinho então você está inserido nessa caixinha aqui, você só pode vestir rosa, você só pode brincar de boneca, panelinha, tem que usar vestidinho, sentar de perninha cruzada e me inseriram nessa caixinha, eu odiava essa caixinha com todas as minhas forças". (NARRATIVA DE CAMUS).

A própria escrita desta pesquisa não se propõe a ser linear, normatizada, homogênea, ela precisa ser criativa e espontânea para dar contorno ao que é narrado espontaneamente pelos colaboradores da pesquisa. Em tese este trabalho é inteiramente atravessado por dispositivos de controle pautados nos racismos, transfobias, LGBTFobias diárias se propor a discutirem essas resistências é muito provável que diversos instantes essas autobiografias se refiram às situações de negação, de controle, de interdições, porém precisamos pensar possibilidades de revelar estratégias que questionam a eficiência da multiplicidade de dispositivos que estão a serviço da norma e da normatização (Megg Raynara Gomes OLIVEIRA, 2020).

“O dispositivo tem uma função estratégica em prol da dominação, sempre inscrito nos jogos de poder, manipula as relações de poder suportando tipos de saber e sendo por elas suportadas” (Michel FOUCAULT, 2014, p.45). Por isso que as crianças a serem protegidas pela sociedade já são em si o resultado terrível dos múltiplos dispositivos pedagógicos, são estes perigos irreais e fantasmagóricos que se inventam o lugar, a justificativa perfeita que permite com que adultos naturalize a norma, que o estado a reproduza nacionalmente.

> "Minha avó tentava me vestir de rosa, eu ficava com ódio e durante muito tempo da minha vida eu até tinha uma aversão a essa cor”. (NARRATIVA DE CAMUS)

Neste sentido podemos inferir a partir desta discussão que o currículo oculto como um dispositivo compreendendo que este tipo de suporte se refere aos saberes e aos poderes, estrategicamente são o alvo do desejo da norma através do dispositivo-curricular (Alexsandro RODRIGUES, Ileana WENETZ, Marcio CAETANO, 2020).

As crianças passam a maior parte do tempo, ou melhor, a maior parte da vida dentro da escola, desde a recente construção da ideia que se tem de infância e suas particularidades que a diferenciam do adulto (Phillipe ARIÉS, 1981). Há de se considerar também a relevância da organização social do tempo, categoria importante no desenvolvimento civilizatório, apontada como elemento de enorme valor e passível de ser convertida a um valor de troca, e, portanto, uma mercadoria pelas ideias Marxistas em relação à exploração do trabalho. Antes de frequentar espaços escolares formais a criança lida com as aprendizagens informais transmitidas na cultura, um destes exemplos é a instituição familiar.

> “mas, apesar disso eu tinha em contrapartida eu tinha o meu avô né, o meu avô Gabriel que sempre me deixou muito livre para brincar da forma que eu quisesse, então dentro de casa eu tinha esse choque né, a minha avó querendo botar lacinho e me dar boneca, me vestir

> de rosa e o meu avô que só queria me deixar muito feliz e brincando, é tanto que teve uma vez, é uma das minhas primeiras memórias inclusiva" (NARRATIVA DE CAMUS).

Na narrativa de vida de um dos participantes Camus narra sobre a experiência de ambiguidade em uma compreensão sistêmica da dinâmica familiar, seus responsáveis cuidadores tinham posicionamentos contrários e caminhos diversos para a aprendizagem quando se trata da vivência de qualquer criança com a descoberta do que gosta de fazer, brincar, se vestir, etc. Essa ambiguidade está em muitos lugares, para além do ambiente familiar, presenciamos na escola tanto o que já está disponível implícita e explicitamente nos materiais, cartilhas, livros didáticos, mas fora destes na normas dispostas nestes espaços.

Sobre o tempo encontra-se envolto de um longo processo de criação, apropriação, acumulação e distribuição material e de ordem simbólica que favorecem o desenvolvimento das sociedades. Sendo particularmente institucionalizado por instituições coletivas como é o caso da escola para a vida das crianças e dos adolescentes. Como dialogar com a escola e a sua relação de poder recorre-se à obra *Vigiar e Punir* de Foucault (1984), nos evidencia que tal poder disciplinar promove regras e seu aprisionamento, como forma de esquadrinhamento do tempo, contingencialmente do corpo e o sequestro das subjetividades.

Trago as palavras da artista Jota Mombaça (Monstra K-trina Erratik) situando no contexto brasileiro, a presença no ambiente escolar ainda é espaço de reiterações normativas violentas, contínuas, e por extensão repercutem o silenciamento da diferença. Em *Pode um cu mestiço falar* (2015), a autora supramencionada traz relatos da opressão e do silenciamento colonial reproduzidos no espaço escolar e que se não fosse as suas estratégias de resistência e enfrentamento, provavelmente teria "a mesma sina" (embora não se trate de um destino, mas de uma colisão de variáveis que não tem nada a ver com coincidência), que outras crianças que por não suportarem aquele lugar hostil e violento, foram levadas a abandonar a escola, por isso é tão limitador falar em evasão escolar, quando ao invés disso poderíamos afirmar que na verdade se trata de expulsão, que essa não atinge todas as crianças.

Corroborando com a visão de Berenice Bento (2011, p. 555) tomando nota sobre a dissidência de gênero como marcador da diferença, expõe em seu pensamento que "na escola se aprende que a diferença faz diferença". Referindo-se a este regime político da heterosexualidade compulsória (Adrienne RICH, 2012), a esta de imposição da heteronorma a todo custo que a autora cunhou tais estratégias de dominação do termo "heteroterrorismo", que ao produzir em uma lógica binária no máximo dois gêneros inteligíveis em contraste, acaba por lançar o véu da invisibilidade as outres corpas dissidentes, continuamente as outras

formas de diversidade ficam fora desta equação e se destinam a um mundo de exclusão, segregação e violência, do qual a escola não está isenta pelo contrário é uma das principais mantenedoras da sua reprodução.

> "hoje em dia eu adoro rosa, eu uso rosa direto, é uma das cores que eu mais gosto, mas eu durante muito tempo eu tinha muita aversão a essa cor, que quando eu nasci me colocaram dentro de uma caixinha em que essa cor era algo que me representava e que eu tinha que sair vestido e expressando um gênero com o qual eu não me identificava, nunca me identifiquei e.. mas, apesar disso eu tinha em contrapartida eu tinha o meu avô né, o meu avô Gabriel que sempre me deixou muito livre para brincar da forma que eu quisesse, então dentro de casa eu tinha esse choque né, a minha avó querendo botar lacinho e me dar boneca, me vestir de rosa e o meu avô que só queria me deixar muito feliz e brincando, é tanto que teve uma vez, é uma das minhas primeiras memórias inclusiva" (NARRATIVA DE CAMUS).

O que definiria uma criança ser realmente livre? Partindo do pressuposto que todas as crianças possuem uma necessidade de descoberta que subentende que ela tem ser "livre" para experimentar o mundo, mas este direito não é vivenciado por todas as crianças, como é o caso da experiência transgênera na infância (FAVERO, 2020).

"A ideia de precaução em relação à transexualidade infantil é tributária a uma herança médica que compreende o desvio da norma como um tipo de perigo. E por que não vemos como igualmente ameaçadora a identificação dentro da cisgeneridade?" (Sofia FAVERO, 2020, p. 21).

Repensamos a frase do filósofo Paul Preciado (2019, p.70): "A biopolítica** é vivípara e pedófila". A norma ronda os corpos considerados ingênuos e puros, fazem da ideia constituída da criança artefato biopolítico que precisa garantir a normalização futura do adulto, é sobre esta que a polícia de gênero atua, vigia o berço dos que ainda estão para nascer, espreitam o momento da revelação do sexo nos chás de revelação, intimida a possibilidade de experimentar trânsitos e brincadeiras diversas, tudo isso para transformá-los e mantê-los heterossexuais.

Em nossa sociedade, tamanha naturalização e introjeção inconsciente da norma não nos permite estranhar que uma criança se diga hétero também como algo ameaçador (Sofia FAVERO, 2020).

Segundo informações obtidas na entrevista autobiográfica Patativa afirma que por volta dos 15 anos alegou que passou a questionar mais a realidade que se apresentava para si, inclusive relacionando-se a cobrança por determinadas vestimentas e calçados específicos ou que são normalizados como femininos ou masculinos, foi então que começou a sentir-se desconfortável. *"Dentro desse meio as pessoas já olhavam para mim de um modo diferente,*

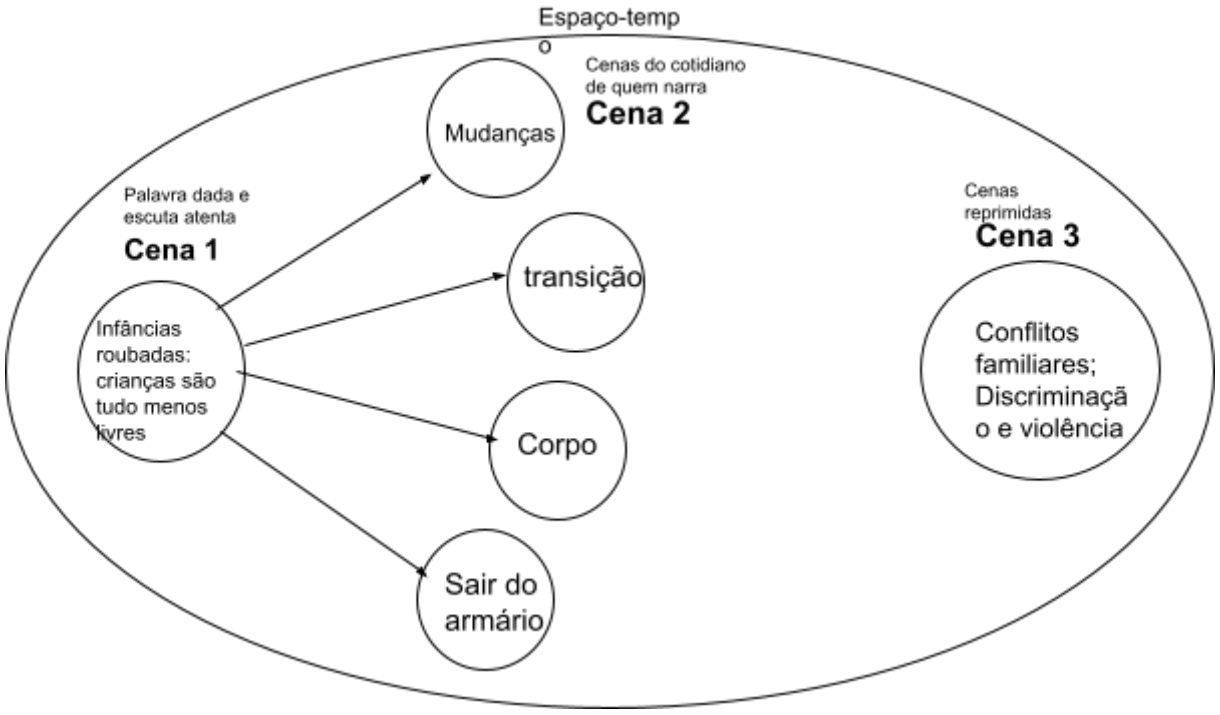
foi quando percebi que estava estranho, que aquele não era mais o meu lugar".

Qualquer pessoa que fuja da normatização da heterosexualidade como padrão, é a morte que pode ser temida como destino ou sina. Este mesmo policiamento de gênero exige, atua, dá formas para qualidades diferentes do que se espera de meninos e das meninas. Da escola até o Estado é preparada a reprodução da norma, inclusive a transformando em um discurso comercial aproveitado pelo capitalismo (Paul Beatriz PRECIADO, 2019).

Neste ponto, reside a ambiguidade de que a escola é incapaz de lidar com a pluralidade e com a diferença, agindo como uma das instituições de policiamento de gênero (Paul Beatriz PRECIADO, 2019), como agenciamento das tecnologias de gênero de produção de corpos sexuados, este espaço realiza processos de subjetivação recriando discursos com intuito de "educar" sexualmente os sujeitos pela imposição das normas de gênero e produtora da heterossexualidade.

Como veremos a seguir na Figura 2 que representa o modelo de compreensão cênica elaborado por José Miguel Marinas (2007) e adaptado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2014), nesta cena inter-relacionada com a cena 1 da escuta atenta à palavra dada, podemos perceber a ideia de erro ou falha que estaria dentro de si.

Figura 3: Modelo de análise baseado em José Miguel Marinas referente às narrativas obtidas mediante entrevista



Fonte: Elaborada com base na referência de (José Miguel MARINAS, 2007).

Nesta trama binária engendrados papéis da masculinidade e da feminilidade que é perpetuada na cosmologia cisnormativa (VERGUEIRO, 2020), evidenciando estratégias de dominação dadas na materialidade eminentes num limitado vocabulário (FAVERO, 2020). O direito à liberdade que somente as crianças lidas socialmente como cisgêneras experimentam, enquanto crianças transgêneras tidas como desviantes experimentam a [r]existência distante do ideal que se faz da infância romantizada. Essa provavelmente é uma criança vista como problema que precisa ser "tratada" (FAVERO, 2020).

Essa visão romantizada da infância desde sua invenção que é atravessada por signos e símbolos de pureza, espontaneidade, fantasia e inocência são elementos incorporados e mantidos pelas estratégias da cisgeneridade. São essas as crianças que a sociedade deseja salvar e proteger.

Mas quando se é uma criança que expressa traços e trejeitos tidos como dissidentes, desviantes, parece que tudo muda de figura, o enquadramento dado dificulta a possibilidade de ampliação da consciência, para respeitar, amar e proteger a vida da criança travesti e demais crianças que experienciam trânsitos para além da norma. As crianças *queer* quem as defende? (PRECIADO, 2018).

Uma criança precisa ser "livre" pois necessita "experimentar" o mundo, ela tem direito de "descobrir" e aprender por meio dessas descobertas, mas e, quando precisa ser lida enquanto criança trans, reconhece-se uma trama da masculinidade e da feminilidade tem é perpetuada na sociedade de cosmologia cisnormativa (VERGUEIRO, 2020), esse jogo é um dado da materialidade que se dá através de um limitado vocabulário (FAVERO, 2020).

Ademais as crianças lidas como cis também experimentam, são livres e descobrem coisas em sua vida em fruição, ao longo de toda a infância, enquanto que quando se considera a [r]existencia de crianças transgêneras por si só parece que o interesse diminui e uma postura defensiva das pessoas pelo ideal que se faz da infância "imaculada, pura".

Essa concepção romantizada de Infância atravessada por signos e símbolos de pureza, espontaneidade, fantasia, inocência são elementos incorporado e mantidos pelas estratégias da cisgeneridade, que dificultam a possibilidade de ampliação da consciencia, para respeitar, amar e proteger a vida da criança travesti e demais crianças que experenciam trânsitos para além da norma, parece que ao referir-se a esta possibilidade, faz com que ela seja menos criança uma vez que a travestilidade traz uma herança latina, racialmente marcada, e que faz conexão direta com o trabalho sexual como princiapal esteriotipo que atravessa e limita enxergar a travestilidade (FAVERO, 2020).

5.2 Ato cênico 2 - Cenas II (C2): “Sair do armário” quantas vezes for necessário

Na narrativa dos participantes fica evidente a necessidade de pontuar que a transição de gênero é como uma travessia, que por vezes é sinuosa, possui sofrimento, mas ao mesmo tempo inúmeras satisfações com cada conquista e mudança percebida em sua imagem corporal. Por este caminho que introduziremos as cenas 2 ou a dimensão das cenas que pontuam sobre o processo de transição e o cotidiano dos três homens transgêneros que foram entrevistados.

> Comecei a fazer acompanhamento com endócrino, a fazer acompanhamento da hormonioterapia. O início foi muito empolgante para mim porque finalmente consegui me enxergar parte de um meio, começaram todas as mudanças tanto no corpo como de perspectiva de como enxergava as coisas ao redor”. (NARRATIVA DE PATATIVA).

A orientação religiosa de seu núcleo familiar era católica, ainda que sua família se intitula-se muito religiosa não era habitualmente assídua na igreja, mas que a gama de aprendizados desta outra instituição coletiva que é a religião aparece como elemento que dificulta a aproximação da família com o processo de transição que envolve a transsexualidade.

Entretanto, por questões de aprendizado, o participante da pesquisa informou que já havia sido catequista e que sempre frequentava a igreja, até certo ponto, que não se sentia bem acolhido neste espaço. *“Comecei a questionar muitas coisas assim como a sexualidade. Eu sempre fui muito aberto com minha mãe. Com o passar do tempo nossa relação foi ficando mais fragilizada e com alguns conflitos”.* Em sua narrativa torna-se evidente que até hoje sente falta do carinho e da afetividade na constituição familiar, principalmente se referindo a sua mãe.

> Elas são pessoas boas, porém com uma mentalidade dentro de uma caixa. lá em casa até hoje não tenho meus pronomes respeitados, meu nome em si, ainda sou chamado pelo nome de batismo. Fui aprendendo a lidar, o afastamento é uma proteção. Por mais que aquilo possa ferir, eu encontrei uma forma de filtrar apenas por serem elas, a sociedade não (NARRATIVA DE BELCHIOR).

Em todas as narrativas os participantes da pesquisa relatam suas memórias de quando eram crianças, e que os interesses por determinadas brincadeiras e as vestimentas sempre se

sobressaiam nas relações familiares como algo incompreendido. De acordo com Berenice Bento (2009, p.99), “ninguém nasce menino ou menina, o tempo iria separando-os”. Ambos participantes relatam suas vivências inclusive conectadas a instituições como escola e igreja, nos quais os corpos estavam sempre escondidos, privados de ser o que se é.

> Estava ciente do que eu queria, a pandemia influenciou pela aproximação com a finitude, a qualquer momento posso morrer sem nunca chegar a ser quem realmente sou”. (NARRATIVA DE PATATIVA).

Para todos os coautores desta pesquisa, as mudanças no corpo foram significativas não só na imagem corporal, mas também nas atitudes comportamentais, e na possibilidade de alcançar um sentido para sua própria existência até então moldada em caixinhas, mas nunca um processo de se autorizar a ser.

> “Antes já me entendia como pessoa não-binária, e o que era passado sobre ser uma pessoa trans era um nível de disforia corporal, era uma pessoa que não gostava de determinadas partes do seu corpo. E que tinha que ter um abalo”.(NARRATIVA DE PATATIVA).

Para os transexuais masculinos, a menstruação e os seios que são denominados de intrusos, podem representar graus diferenciados de disforia de gênero. Mas este aprendizado se dá numa ótica da cosmovisão cisheteronormativa predominantemente como uma norma compulsória em que não há outra possibilidade a não ser o naturalizado como normalidade. Quantos aprendizados sobre “o que é ser homem?” e “o que é ser mulher?” precisam ser desaprendidos.

> Comecei a fazer acompanhamento com endócrino, a fazer acompanhamento da hormonioterapia”. (NARRATIVA DE PATATIVA).

Com administração de hormônios referentes a hormonioterapia, como é o caso da testosterona algumas mudanças iniciais (geralmente a voz, pele e libido) podem ocorrer em poucas semanas ou meses, enquanto que a maioria das outras mudanças (aparecimento de barba e pêlos corporais) podem levar até mesmo anos para ocorrer.

As mudanças físicas revelam desejos de adquirir barba, ter os músculos, mais energia e a experimentar outras formas de masculinidade e não, prioritariamente, fixar-se na disforia órgãos genitais reprodutores. Muito mais além existe uma preocupação em não reproduzir o que lhes foi ensinado na cultura sobre masculinidade tóxica.

Um homem transgênero tanto pode notar as mudanças rápidas em determinadas áreas e transições mais lentas e outras que demoram mais e acentuam a ansiedade recorrente na

transição de gênero. Lidar com estes anseios se torna mais dificil com a discriminação e preconceito da sociedade priva-os dessa liberdade e evidenciam uma certa impossibilidade de se tornarem homens que, por outro lado, reside na forma como a sociedade pauta distinção definitiva dos mundos dos gêneros a partir dessas diferenças calcadas na genitalias (Téhh QUEIROZ, 2018).

A transexualidade já foi compreendida como uma patologia, com diagnóstico e tratamento específicos, e a grande movimentação para despatologização das identidades trans desencadeou essa revisão na área da saúde mundial. Berenice Bento (2008) ao contextualizar a transexualidade lhe descreve como uma experiência e não como uma identidade única, fixa, sedimentada.

Portanto, a fluidez de realizar um processo de produção de si que não se encerra com modificações estruturais e orgânicas no corpo, pelo contrário, se faz diariamente numa transição que implica não só um conjunto de transformações corporais e sociais, como também formarão experiências de produção de corpos e subjetividades.

> "Na pandemia foi o ápice para mim, todo mundo precisou parar a correria para si, assim como eu precisei me enxergar mais sobre o que eu estava sendo e refletir o que eu desejava ser. Nesse período eu busquei a psicoterapia, para ter como expressar mais meu gênero além da sexualidade, porém a profissional que me acompanhava se mostrou resistente em dialogar sobre o processo transexualizador, percebi certa resistência em encarar a transição que me gerou desconforto" (NARRATIVA DE PATATIVA).

Em uma das passagens de sua narrativa autobiográfica Patativa fala sobre se reconhecer em constante mudança e fluidez de sua performatividade de gênero, chegando a afirmar que já performou uma experiência lesbica, depois passou a se identificar e compreender como uma pessoa bissexual, depois alcançou o entendimento de sua experiencia transgênera e por fim sucessivas vezes "saindo do armário", agora se compreende como uma pessoa não binária. E que possam ser vividas inúmeras vezes possibilidades de sair de armários, prisões, etc. De acordo com Berenice Bento (2008):

> Prefiro referir-me à "experiência transexual", pois a transexualidade não é a pessoa. Quem vive esta experiência tem outras identidades que povoam suas subjetividades: trabalha, namora, pode ter religião, é membro de comunidades sociais múltiplas (família, grupos de interesse), como todo ser social (BENTO, 2008, p. 145, grifo da autora).

Nas análises da autora Judith Butler (2008, p. 48), quando se discute gênero “[...] é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra". Isto significa que se faz a partir de atos performativos, logo, não existe a priori, ou seja, o gênero é feito e refeito no cotidiano, através da citação contínua e por meio da reiteração performativa de normas regulatórias.

> “Quando eu tive essa concepção de ser uma pessoa transgênera, a primeira coisa que me ocorreu foi como ou abordar esse assunto com meus familiares. Não que eu precise fazer, pois nunca cheguei para a minha mãe e avó para falar sobre algo particular” (NARRATIVA DE PATATIVA).

No fragmento narrado acima evidencia uma angústia que não é vivenciada por pessoas cisgêneras que precisam “assumir” algo para os outros, quase como se estivesse assumindo um “crime” ou um “erro, uma falha”, essa compreensão implícita nos aprendizados se dá em nossa cultura pelos hábitos apreendidos. Ao longo de nossa existência somos ensinadas a aprender exatamente o que é ser uma menina ou um menino, por isso é um ato de citação contínua. Neste sentido, processual de constituição dos atos performativos de gênero que [re]produzem os corpos generificados e assumem esse gênero em interpretações temporais (Judith BUTLER, 2000).

As normas regulatórias moldam discursos e práticas que têm seus efeitos de poder e criam posicionamentos também para a transexualidade. São produtos da matriz de inteligibilidade cultural que fabrica, constrói corpos, define sexos, molda gêneros e produz os desejos que é através da heterossexualidade que concede qualidade de viabilidade aos construtos produzidos no interior da norma. Quanto à transgeneridade, jamais se encaixam nestas relações de poder que envolvem e enredam os dois sexos ou os dois gêneros, nem almejam se aproximarem da cisgeneridade (Judith BUTLER, 2000).

> “Foi num certo dia que estava acontecendo um movimento de colocar na “bio” do instagram, na biografia da rede social, quem se identificava homem e ou mulher trans, mais no sentido de dar maior visibilidade”. (NARRATIVA DE BELCHIOR)

A experiência transexual por se materializar pela ambiguidade, funda essa crise produtiva no interior da heteronormatividade ao inventar-se meios para que performances subversivas de gênero aconteçam. As experiências transexuais por localizarem-se na fronteira acabam por “borrá-las” (Gloria ANZALDÚA, 2000), denotam o ambíguo e “entre” os gêneros e os corpos possíveis e viáveis, são ininteligíveis, evidenciam outras feminilidades

em corpos masculinos ou vice-versa, a ambiguidade impensável que aponta para compreensões diversas do que é considerado feminino e masculino.

Tal ambiguidade destas experiências que desestabilizam algumas das certezas produzidas pelas redes de poder-saber, principalmente se referindo à diferença sexual e a prática heterossexual naturalizada. Se for somente a partir da diferença sexual, a transexualidade torna-se perturbadora.

Dentro da sociedade heternormativa inclusive sendo nomeadas como aberrações, abjetas e endossam as estatísticas de crimes de transfobia, e as subnotificações de crimes aos quais há uma ausência de importância nas investigações policiais, passam a ser vidas não passíveis de luto por não se encaixam nos padrões da heteronormatividade, ou em outras palavras, da heterossexualidade como norma (Berenice BENTO, 2008).

5.3 Ato cênico 3 - Cenas III (C3): É a porta da escola que a separa do mundo: muito além de espaço-tempos escolares e não escolares

Para contextualizar a terceira dimensão de cenas reprimidas, esquecidas, posteriormente a apresentação dos três participantes, inicio esta seção com as palavras de Camus sobre sua ausência de reminiscências da infância: *"Quando pergunta essas coisas a gente fica sem memória, de quem sou eu"*.

Teria este esquecimento relação com a separação dos pais vivenciado por uma criança tão pequena com apenas três anos, esta é uma hipótese, assim como outras que podem ser confabuladas a partir das cenas que não teremos uma confirmação, pois nem para os próprios participantes da pesquisa estão evidentes.

> "Minha mãe viu, e ambas vieram me questionar e de forma bem tóxica, inclusive se você me perguntar daqui a 60 anos eu vou lembrar de tudo e da forma como aconteceu". (NARRATIVA DE BELCHIOR)

Mesmo com os conflitos familiares, segundo informações colhidas nas narrativas, é possível perceber um contexto sinuoso de conflito nas relações e dinâmicas familiares, e a necessidade de ser amado e cuidado por seu núcleo familiar. Tantas menções sobre esquecimento, dificuldade de situar no tempo e no espaço, alguns fragmentos narrados parecem mais ocultados do que esquecidos.

> "Com oito anos já levava meus irmãos mais novos para escola, arrumava a casa, fui orientado para "cuidar" do lar e dos irmãos, eu já fui responsabilizado desde muito cedo, e não vivi a infância que tinha por viver." (NARRATIVA DE PATATIVA).

Assim como os aprendizados formais e informais que surgem conectados a outras cenas mas sem a exatidão de poder reconhecê-los. No caso do participante Patativa que situa que aprendeu enquanto experiência educacional informal com seus responsáveis cuidadores que é importante *"batalhar, ser determinado, alcançar um lugar no mercado de trabalho".*

Em nossa sociedade há um entendimento por parte do senso comum que associa a educação apenas como forma de alcançar a profissionalização, e ou um lugar no mercado de trabalho. Mas quando se trata da profissionalização e do avanço no sistema de ensino a população transgênera sofre uma série de desafios, exclusões sistemáticas, discriminação e violencia. É imprescindível abordar em discussões estes obstáculos no acesso e na permanência nas instituições de ensino da população de pessoas trans do país. Compreendendo todas as pessoas que apresentam alguma não conformidade entre o gênero que vivenciam e o que lhes foi atribuído em seu nascimento de forma inflexível e imutável, a saber: transexuais, travestis e transgêneros (André Lucas Guerreiro OLIVEIRA, 2018).

O modelo neoliberal de educação vislumbra a profissionalização e faz do ambiente escolar, uma grande escola de futuros empreendedores, mas será que realmente é desse tipo de empreendimento que o mundo precisa? Precisamos de uma escola capaz de fomentar um currículo significativo, disposta para a efetividade dos processos de ensino e a aprendizagem, proporcionando proposta político-pedagógica que esteja alicerçada a uma pedagogia histórico-crítica, incentivando o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica a qual está inserido, quanto ao educador, na concepção de freiriana, seja aquele que "ensina os conteúdos de sua disciplina com rigor e com rigor cobra a produção dos educandos, mas não esconde a sua opção política na neutralidade impossível de seu que-fazer" (Paulo FREIRE, 2000, p. 44).

> "Acredito que no mesmo ano que eu nasci, sobre a infância e essa concepção do que seria alguém transgênero era ausente, acredito que não haviam pesquisas falando sobre determinado assunto. Nas escolas, os profissionais são leigos no assunto e até mesmo hoje em dia não sabem lidar com algo que deveria ser simples, não é nada demais, um bicho de sete cabeças, ou uma coisa de outro mundo. É preciso perceber que crianças trans existem" (NARRATIVA DE BELCHIOR).

O esvaziamento das disciplinas no novo ensino médio e a forma como são pensados os itinerários formativos e o tal projeto de vida torna essa criticidade e ou temas importantes como as questões de gênero e sexualidade tornam-se inexistentes. A função social que se espera da escola que possa redimensionar o seu funcionamento, pensar e reformular suas ações pela compreensão do que a comunidade escolar (entendida aqui os alunos, pais,

professores, equipe pedagógica, direção, funcionários) apresentam como necessidades urgentes conforme sua realidade. As discussões reiteradas em uma educação neoliberal e âmbitos formais não privilegiam identidades que se encontram à margem, como é o caso da população transgênera. Quando se trata de mercado de trabalho sabemos que é extremamente alinhado ao machismo e a heteronormatividade, outras identidades dissidentes e estas discussões são consideradas marginalizadas. Conforme André Lucas Guerreiro Oliveira (2018), às violências e discriminações de toda ordem infelizmente também são produzidas nos espaços escolares.

> “quando tinha cinco anos fui para a escola, aquele primeiro contato com coleguinhas, tem professores que não sabem interagir quando se tratam de crianças que têm essas determinadas preferências, porque eles acreditam que seja uma coisa que não é para ser feita, não é natural, que não era para ser assim. Acabam que não sabem instruir e nem ensinar, porque na minha visão acima de tudo mesmo essa é a função que acredito ser da escola” (NARRATIVA DE BELCHIOR).

Se alinham as suas ideias o que descreve Luma Nogueira de Andrade (2012) sobre a escola, sendo na maioria das vezes um lugar tão hostil quanto toda a sociedade, tornam-se motivos frequente da desistência precoce dos estudos, isso acontece porque no ambiente escolar também se aprende e ensina como reproduzir preconceitos e desrespeito às diferenças.

> "Foi muito, muito difícil. Quando eu mudei de escola no ensino fundamental, o meu jeito, minha origem, meu sotaque carregado, tudo parecia ser um motivo, eu sofri muito bullying. Cheguei a presenciar uma cena de violência horrível. Já no ensino médio foi mais tranquilo até certo ponto, apesar de minhas lutas internas, era um espaço tranquilo que fiz com minhas duas grandes amigas”. (NARRATIVA DE CAMUS).

Pontua-se que o interesse recente pela diferença e o campo da educação em discussões que amparam as temáticas de gênero pode ser averiguado tanto pela inserção do movimento social institucionalizado nos espaços de controle social que disputam as questões educacionais como também pela intensa atividade da própria comunidade de pessoas transgêneras em atos de resistência e persistência no espaço escolar/universitário bradando como um espaço a ser frequentado dado que se trata de locais de relações de poder (Alexsandro RODRIGUES, Ileana WENETZ e Marcio CAETANO, 2020).

Ainda era muito restrito para sua vivência na adolescência no espaço da escolar abordar a sexualidade e ou discussões que giram em torno da temática. Ao mesmo tempo existem exceções presentes no avanço do tempo e na forma como os próprios discentes se

relacionam com o avanço das gerações e da tolerância à diferença, acolhimento e compreensão da sexualidade. Pelo menos é nítido no relato de um dos participantes Belchior:

> "Na universidade eu comecei a visualizar outras vivências, eu enxergava que era possível também viver o que gostaria de viver, porque até então eu era só uma decepção, e não poderia ser eu" (NARRATIVA DE BELCHIOR).

Neste fragmento da biografia narrada às vivências partilhadas dentro da universidade ajudaram a se identificar como homem trans, para além das didáticas e de todos os conteúdos rígidos, outras pessoas e outras vivências eram dinâmicas fazendo acreditar ser possível ser quem se é.

Menines[39] performando no intervalo da escola, meninos de cabelo rosa, orelhas recheadas de brincos, com roupas agênero que é muito além do que unissex, tatuagens de chiclete ou de desenhos rabiscados de caneta para ver como ficam quando se tornarem adolescentes, sem restrição de futebol para meninas, tensionar infancias e juventudes (adolescências) presentes da escola como um campo povoado de corpos ingovernáveis (Rafael M. LIMONGELLI e Silvio GALLO, 2020). São estas infâncias e juventudes (im)possíveis que fazem gemer a escola ou destruir a cosmologia escolar e de seu currículo oficial e excludente da diversidade.

A educação é um campo de disputa política, os currículos são ferramentas que não são fechadas, ao contrário são dimensões em aberto suscetíveis ao conflito de saberes e modos de pensar distintos em relação aos conhecimentos. É preciso saber o que está em jogo nessa disputa? Quais os projetos de sociedade que vem das deliberações a nível de Estado e sem o conhecimento do que realmente está sendo pensado na escola?

Deve-se questionar os conhecimentos ocultos, rejeitados e escolhidos da matriz curricular e que estão em consonância com propostas exigidas pelo (des)governo do ex-(des)presidente J. Messias Bolsonaro, cito o alinhamento da Base Nacional Comum Curricular - BNCC-formação[40] que está prestes a alterar os rumos da formação de profissionais da educação (FARIAS, 2019; ARROYO, 2011).

É preciso atentar-se ao perigo de uma única história (Chimamanda Ngozi ADICHIE, 2018) ao refletir sobre os currículos como narrativas insurgentes, que contam as histórias que

---

[39] Variação da palavra para uma linguagem neutra ou não-binária.

[40] Proposta para Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica (BRASIL, 2018)- Texto elaborado pela gestão do ex-presidente Michel Temer, encaminhada ao Conselho Nacional de Educação (CNE) em dezembro de 2018.

não chegam a ser contadas mas que estão mais presentes na escola.

Espaço este que não sabe lidar com a diferença, imprimindo ações institucionais sob o viés de policiamento de gênero (Paul Beatriz PRECIADO, 2003), articuladas a noção de agenciamento que as tecnologias de gênero realizam para produzir corpos sexuados (Teresa de LAURETIS, 1990; Judith BUTLER, 2016), a escola é responsável por acentuar processos de subjetivação em nome de "educar" sexualmente os sujeitos que acarretam na imposição das normas de gênero e produtora da heterossexualidade compulsória (Adrienne RICH, 1985).

A escola representa uma destas dimensões, que regulam, normatizam e que vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas mais variadas formas de experienciar os prazeres e os seus desejos, buscando até mesmo compreender que existem masculinidades e feminilidades, ao contrário do que a sociedade considera padrão, não há somente uma única forma padronizada de concepção do masculino e do feminino.

Esta discussão parece ser intolerável, desconfortável e por isso estas pessoas encontram-se marginalizadas, a margem da sociedade, alguns movimentos sociais (o movimento feminista e os das minorias sexuais) compreenderam, desde logo, que o acesso e o controle dos espaços culturais, como a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, os currículos das escolas e universidades, eram fundamentais (Guacira Lopez LOURO, 2008).

Pensar e problematizar as relações estabelecidas no "chão da escola" é crucial, assim como a rede de saberes que se estabelece e incide sobre a formação docente (Alexsandro RODRIGUES, Ileana WENETZ e Marcio CAETANO, 2020). Quanto ao movimento da formação docente continuada ou contínua, tão pouco importa, além do nome dado queremos discutir é o que tem se constituído como autonomia política da categoria.

Mesmo diante das graves crises e ataques aos direitos, eis que o movimento pedagógico dentro das salas de aula nas escolas e redes vem contribuindo para pensar docentes mais criativos, mais autores e senhora(és) de seu trabalho como profissionais do conhecimento (Miguel ARROYO, 2011).

É preciso se atentar para os discursos que se fazem acontecer neste espaço nos exercícios diários de (des)aprendizagens (Alexsandro RODRIGUES, Ileana WENETZ e Marcio CAETANO, 2020). preciso refletir sobre estas experiencias e como a escola é espaço de insegurança para alunes trans e travestis, alvos de discriminação e exclusão (Thiffany ODARA, 2020).

Muitas dessas crianças ao se tornarem adolescentes uma vez que experenciando a travestilidade, são radicalmente marcadas pelo esteriotipo que as atravessa com conexão

direta com o trabalho sexual (Sofia FAVERO, 2020).

O âmago reside em problematizar o conhecimento inscrito, minar e desestabilizar binarismos, e toda e qualquer verdade construída sobre gênero, sexualidades, raça e classe. Tomando o currículo tal qual o coração da escola, entende-se que envolve assim os espaços-tempos de interação destes sujeitos nas ações escolares e culturais que se desenvolvem e são renovadas as tecnologias são empregadas.

Um dos primeiros locais em que estudantes negras/os podem entrar em contato com a visão prejudicial sobre a cor da sua pele: é a escola. Por isso que precisa ser interseccionada, visto que neste espaço meninas/meninos são expostas as brincadeiras, reforços de senso comum, xingamentos e críticas sendo excluídas de diversas práticas sociais devido ao marcador corporal e os significados a eles relacionados, além de questões de gênero e de classe (Paulo Melgaço da SILVA JÚNIOR e Antônio Flávio Barbosa MOREIRA, 2020).

Portanto a necessidade urgente de refletir um currículo que seja capaz de suportar tais experimentações vividas na escola, afinal os currículos como são vistos enquanto totalizações, são tidos como disciplinas que se articulam na produção de um todo, com intuito comum visam uma adequação que todos precisam se reconhecer num padrão. Por isso, reivindicá-lo é algo que nos interessa por fazer explodir os currículos que não suportam transdisciplinaridades apenas toleram disciplinas e quando muitos seus jogos inter/trans/disciplinares (Rafael M. LIMONGELLI e Silvio GALLO, 2020).

5.4 PRODUTO EDUCACIONAL: CARTILHA DE INSTALAÇÕES PEDAGÓGICAS DE ORIENTAÇÃO E ACOLHIMENTO ÀS VIVÊNCIAS TRANSGÊNERAS NA EDUCAÇÃO

Esse material, foi apresentado como Produto Educacional, e é parte integrante de nossa pesquisa intitulada Narrativas autobiográficas da população transgênero sobre experiências educacionais, desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA), sob orientação do Professor Doutor Glauberto da Silva Quirino.

Nosso produto educacional consiste em uma Cartilha educativa de atividades em formato digital intitulada “Narrativas autobiográficas transgêneras e educação: cartilha de instalações pedagógicas de orientação e acolhimento às vivências de pessoas transgêneras em espaços escolares”, sendo desenvolvido por meio desta pesquisa que versa sobre as experiências educacionais da população transgênera colhidas em suas narrativas

autobiográficas e analisadas mediante a compreensão do ato cênica, entendendo a educação como a vasta possibilidade de viver experiências educacionais.

Ao passo que a pesquisa estava em andamento, ao mesmo tempo, conciliava com minhas atividades profissionais tanto como docente na universidade, quanto psicoterapeuta em consultório clínico, fazendo jus ao Programa de Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA), que privilegia profissionais em plena atuação profissional. Neste período estive a frente como docente de duas disciplinas que compõem a matriz do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri (URCA), são elas as disciplinas de Seminário Temático I e II e também ministrei a disciplina de Temáticas atuais: Gênero, Raça e Classe nos processos Educativos, uma experiência desafiadora estar enquanto de modo síncrono enquanto docente e pesquisador.

Essa experiência me possibilitou melhor compreensão das necessidades que a pesquisa me conduziu a refletir atentamente para como estes jovens universitários de diversos cursos são acolhidos dentro da universidade, em suas complexas identidades sexuais e de gênero. Às entrevistas me possibilitaram entender que o ambiente universitário público tem em suas problemáticas além das questões institucionais e burocráticas da própria gestão e manuntenção do espaço, uma ausência enorme de sensibilidade e respeito e acolhimento a diferença, a universidade não pode ser uma extensão da sociedade ao que concerne na segregação, discriminação e violência em relação as diferenças de gênero, raça e claase que se interssecionam enquanto marcadores numa só existencia. Pressupõe que a universidade tem uma dupla natureza: acolher e orientar em busca do conhecimento, e formar profissionais críticos e transformadores.

Eis que depois de tantas indagações, o momento de resolução da questão problema desta pesquisa encaminha-se para possíveis caminhos de reflexão sobre a formação docente quando se trata de discutir as questões de gênero, como é o caso das identidades transgêneras, transexuais e travestilidades. Então, retornando para a organização das disciplinas que mencionei, elas são de apenas um crédito, equivalente a uma aula por semana, durante as disciplinas que possuem ementas distintas optei em realizar quatro aulas uma vez ao mês para facilitar tanto a conclusão da disciplina, como também por entender que d[nem todos os alunos podem estar em vários horários de contraturno, justamente por não conseguirem conciliar com atividades laborais. Resolvi utilizar a metodologia de oficinas e ou instalações pedagógicas e desenvolvi todas as oficinas que estão reunidas neste produto educacional e que foram aplicadas durante o semestre.

Em meio as orientações e análises obtidas ao longo do percurso de construção da pesquisa, breve inferimos que será de grande valia para a educação de modo geral e em específico para os componentes curriculares de todo o departamento de educação, curso de pedagogia e os demais cursos de licenciatura e toda a comunidade acadêmica, ter um material pedagógico em formato de cartilha de instalações pedagógicas que versam sobre a temática de gênero, sexualidade e transexualidade ampliando a perspectiva da educação sexual a fim de obter uma aplicabilidade na formação inicial de professores e professoras.

Este produto educacional foi produzido com base na revisão de literatura, porém, leva em consideração as questões específicas do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, tendo em vista que a proposição está fundamentada também nas experiências e nas falas dos interlocutores da pesquisa, os quais reconhecem essas lacunas existentes nesse neste lugar da formação de professores. É importante situar que a cartilha de instalações pedagógicas serve como material para ser utilizado em formação continuada de professores e em aulas que versam sobre a temática que pode servir como base para se pensar um currículo.

A partir do contexto pesquisado, ou seja, valorizamos a perspectiva de que esta cartilha irá somar aos diversos produtos educacionais que compõem o programa de Mestrado Profissional em Educação da URCA, bem como será responsável pela gestação de outras pesquisas inclusive vislumbrando a continuidade no doutorado em educação.

6 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: UM ATÉ BREVE!

Essa dissertação partiu inicialmente de um problema atual sobre a possibilidade de encontro com narrativas autobiográficas da população transgênera, na qual foi necessário rever este percurso e alinhar aos objetivos. Anteriormente a busca por compor esta pesquisa estava fixada na territorialidade da cidade, mas após um momento de aferição e da qualificação, houveram mudanças no caminhar. Confesso que tive muitas inseguranças neste processo enquanto tornar-se pesquisadore, afinal de contas não tinha uma experiência com o desenvolvimento de uma metodologia. Hoje posso afirmar que posteriormente a estes desafios têm uma grande afinidade com a ferramenta metodológica da entrevista por narrativas autobiográficas a quem utilizo não só no âmbito educacional, mas ampliei para minha atuação enquanto psicoterapeuta.

Tornou-se um questionamento presente sobre as experiências educacionais quer sejam elas escolares e não-escolares, talvez todo o meu esforço era para me afastar da escola, quando na verdade é dentro dela que a realidade se modifica, esta pesquisa não tinha como interesse focar inteiramente seu olhar sobre a escola e a experiência transexual, mas a iminência da presença de travestis e transexuais nas universidade públicas reivindicando seu direito à educação.

O contato com as narrativas de pessoas transgêneras enquanto universitárias possibilitou uma ampliação de minha consciência e o quanto estar enquanto docente me remete justamente aquele lugar que relatei no início da minha narrativa, o desejo de explodir a escola ganha novos contornos, reconheço não mais esse desejo mas o impulso de implodi-la estando dentro da mesma, compondo junto com a comunidade escolar a mudança que se almeja para a formação de professores. Neste sentido surgiu as oficinas e ou instalações pedagógicas como a oportunidade de usar minhas referências de processos grupais e manejo com grandes grupos em atividades de cunho experiencial, como oficinas artísticas, experimentações, que até então só tive a oportunidade de conduzi-las ao âmbito clínico.

Pelas narrativas analisadas é possivel perceber que mesmo com todas as formas de aniquilação e insegurança, medo, discriminação e violência que tornam estes espaços inseguros, mesmo com a manuntenção da heteronormatividade reforçada em alicerces estruturais, muitos deles, conseguiram reagir e enfrentar um direito negado no passado devido ao preconceito e à discriminação.

Essa poderia ser uma conclusão, mas na verdade será um “até breve”, diante da forma inconclusiva de conceber tais narrativas de vida, como uma obra nunca finalizada, a muitos aspectos que vão se modificar ao longo do tempo, tanto em relação ao pesquisador como também em relação aos participante. Pretendo dar continuidade a pesquisa e ampliação do produto educacional em pesquisas futuras, tanto publicando este material e a dissertação, como desenvolvendo uma nova pesquisa de doutorado em breve.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta atenta, compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica:** fontes e questões. Curitiba: CRV, 2014. p. 57-77.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Prefácio. In: FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; PORTO, Gilceane Caetano (Org.). **Diálogo entre a formação inicial e continuada através da escrita e autoformação** 1. ed. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013. p. 9-11.

ADICHIE, Chimamanda. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. tradução Denise Bottmann.1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

ALMEIDA, Djanira Soares O; COSTA, Raphaela Leoni da; SILVA, Tais Mateus da. **Chega de tabu!** A sexualidade sem medos e sem cortes. 2005. Disponível em <www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf>. Acesso em: 09/10/2017.

ANDRADE, Luma Nogueira de. Travestis na escola : assujeitamento e resistência à ordem normativa / Luma Nogueira de Andrade.Área de Concentração: Educação. Orientação: Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales.**Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará**, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

ANTRA. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020** / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 02 nov. 2021.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. Geral e Brasil. SãoPaulo: Moderna, 2006. (3ª ed. rev. ampl.).

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas. Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens.** Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Currículo, Território em Disputa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

BENEVIDES, G. B. NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019** / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020 80p

BENTO, B. e PELÚCIO, L. **Vivências Trans: Desafios, Vivências Trans: Desafios, Vivências Trans: Desafios, Dissidências E Conformações Dissidências E Conformações**.Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos.** 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 167 p.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. **A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração.** Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n. 19 [Acessado 30 Novembro 2022] , pp. 20-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Epub 19 Abr 2011. ISSN 1809-449X. https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003.

BUTLER, Judith. – **Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003**.**

_____ **"Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory"**. In: Theatre Journal, Vol. 40, No. 4, (Dec., 1988), p. 519-531. Republicado em Sue-Ellen Case (org.). Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990. p. 270-282.

BRASIL. Lei N° 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**.Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL.Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE)**.Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2001a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. Lei Nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. **Institui o Programa Universidade para Todos -PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior**; altera a Lei Nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências.Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 jan. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 10 mar. 2021

CECCARELLI, Paulo Roberto . **Psicanálise, Sexo E Gênero: Algumas Reflexões**: in *Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade*. Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.) Florianópolis: Ed. Mulheres, 269-285, 2010

CIAMPA, A. C. **Identidade**. (1984). In: Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.) Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismos queer.** Salvador: EDUFBA, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Parecer Nº 05/1985,** de 29 de janeiro de 1985. Consulta referente à orientação para a correta aplicação da CID, questão a que interessa o pleito formulado pelo auto-denominado"GRUPO GAY DA BAHIA". Fortaleza: CFM, 1985. Disponível em:https://bit.ly/2T7kf4z. Acesso em: 1 abr. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP Nº 001/99**,de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão Orientação Sexual. Brasília, DF:CFP,1999. Disponível em: https://bit.ly/3AWScWy. Acesso em: 3 abr. 2023.

CORAZZA, Sandra. Pesquisar o acontecimento: estudo em XII exemplos. In: TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola (Org.). **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

COSSI, R. K.; DUNKER, C. I. L.. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, n. Psic.: Teor. e Pesq., 2017 33, p. e3344, 2017.

Costa, A. de P. O. ., & Giordano, D. X. F. . (2022). **O novo ensino médio: reflexões a partir da perspectiva freireana.** Colóquios - Geplage - PPGED - CNPq, (3), p.161–172. Recuperado de https://www.anaiscpge.ufscar.br/index.php/CPGE/article/view/1036

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

DAVIES, N. A política educacional nos governos do PT: continuidades ou descontinuidades em relação aos do PSDB?. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 67, p. 39–52, 2016. DOI: 10.20396/rho.v16i67.8646087. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8646087. Acesso em: 3 nov. 2021.

DELEUZE G, *A imanência: uma vida.* **Educação e realidade.** 27(2):10-18 jul./dez. 2002

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 3**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 1**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34/1995, 4ª reimpressão, 2006.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 2.São Paulo: Ed. 34, 1995b.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997b.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Tradução de Alberto Pozzer. Revisão científica: Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos.** 2013. 53f. TCC (Graduação) - Curso de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/93246. Acesso em: 21 jan. 2020.

DE BEAUVOIR, S. (1949); **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

DE NOVAES, M. O. (2021). "Cura gay": psicologia, política e religião, perspectivas em torno da problemática. **Revista Periódicus**, 2(16), 113–125. https://doi.org/10.9771/peri.v2i16.36905 Acesso em: 10 Abril. 2023.

DINIS, N. F. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual.** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. São Paulo: Garamond, 2005.

FÁVERO, Osmar.. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. Educ. Soc., 2007 28(99), p. 614–617, maio 2007.

FERIGATO, Sabrina Helena e Carvalho, Sérgio Resende.Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2011, v. 15, n. 38 [Acessado 2 Outubro 2021] , pp. 663-676. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000037>. Epub 23 Set 2011. ISSN 1807-5762. https://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000037.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **Em defesa da sociedade.** Curso no Collège France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Os anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FRANCO, M. A. S. (2022). Por uma didática decolonial: epistemologia e contradições. **Educação E Pesquisa**, 48(contínuo), e240473. https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248240473

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: FREUD, S. Obras completas. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

GOODMAN, P. (2012). **Being Queer**. In: *Bagoas - estudos gays: gênero e sexualidades,* v.06, n. 07, p. 32-41.

_____. **Compulsory Miseducation**. U.K.: Horizon Press: 1964.

_____. **La des-educación obligatoria**. Fontanella, Barcelona, 2ª edición.1976.

GRIMM, Raíssa Éris. **Heteronormatividade e transfobia: sobre a invisibilidade trans lésbica.** 2017. Disponível em <https://sapaprofana.wordpress.com/2017/02/01/heteronormatividade-e-transfobia-sobre-a-invisibilidade-trans-lesbica/> Acesso em 19 mar. 2019.

GOHN, M G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Revista Ensaio – Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, Fundação Cesgranrio, v. 14, n. 50, p. 17-38, jan./mar. 2006.

GROSFOGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 80 | 2008, publicado a 01 outubro 2012, consultado a 30 novembro 2022. URL: http://journals.openedition.org/rccs/697; DOI: https://doi.org/10.4000/rccs.697

GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. **O diabo em forma de gente: (r)existencias de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** 1º edição/Salvador - BA. Editora Devires, 2020

_____. **Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero.** 1º edição/Salvador - BA. Editora Devires, 2020.

hooks, bell.**Ensinando a transgredir:** a educação como prática da Liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Ain't I a woman: black women and feminism**. London, Pluto Press, 1982.

ILLICH, Iván. **La sociedad desescolarizada**. Barral, Barcelona. 1974.

_____. **Educação e liberdade**. São Paulo: Ed. Imaginário, 1990.

_____. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo quotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **A Experiência de Vida e Formaçã**o. 2 ed. ver. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro XI**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAURETIS, T.. **A tecnologia do gênero**. Indiana University Press, 1987.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa:** o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Editora. Boitempo. 2019, 326p.

LÉVINAS, E. **Entre nós. Ensaios sobre a alteridade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 2005.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Revista Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

_____. **O currículo e as diferenças sexuais e de gênero**. In: COSTA, M.V. (Org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 85-92.

_____.(2013). **Pedagogias da sexualidade**. In: Louro, G. L. (org.) *O corpo educado – pedagogias da sexualidade,* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 3a edição, p. 7-34.

_____. (2004). ***Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer,*** Belo Horizonte: Autêntica, 92p.

_____. (2014). **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Editora Vozes, 16a edição, 183p.

_____. (2001). **Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação**. *In: Revista Estudos Feministas.* v.9 n.2 Florianópolis.

LIRA, G.V. **Avaliação da ação educativa em saúde na perspectiva compreensiva:** o caso da Hanseníase. 2003. 260 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2003.

LIMONGELLI, Rafael M. e GALLO, Silvio. Cor nenhuma serve! A experiência ingovernável da juventude e as possibilidades de uma trans-indisciplina curricular In: RODRIGUES, Alexsandro (Orgs.) **Queer(i)zando currículos e educação: narrativas do encontro.** Alexsandro Rodrigues, Marcio Caetano, Maria da Conceição Silva Soares (Orgs.). 1º edição/Salvador - BA. Editora Devires, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018, 71 p.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017, 250p

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes. 1994

MISKOLCI, Richard. **A Teoria queer e a Sociologia-** O desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182

MOMBAÇA, J. **Pode um cu mestiço falar?**. 2015. Disponível em: https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mesticofalar-e915ed9c61ee

MULLER-GRANZOTTO, M. J; MULLER-GRANZOTTO, R. L. (2007). **Fenomenologia e Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus.

MULLER-GRANZOTTO, M. J; MULLER-GRANZOTTO, R. L. (2012a). **Clínicas gestálticas: o sentido ético, político e antropológico da teoria do self.** São Paulo: Summus.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]**. 2014, v. 48, n. spe2 [Acessado 24 Março 2022] , pp. 184-189. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Epub Dez 2014. ISSN 0080-6234. https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027.

NUNES DA ROSA, Aline. **Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos** - [manuscrito] : Narrativas a partir de deslocamentos territoriais / Aline Nunes da Rosa. - 2015.Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV) , Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2015

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação**. Salvador, Devires, 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. As políticas educacionais no governo Lula: rupturas e permanências. **Revista de Política e Administração da Educação**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 197-209, mai./ago. 2009.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. No meio do mundo, aquendar a metodologia: notas para queerizar a pesquisa em currículo. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa , v. 11, n. 2, p. 357-373, ago. 2016 . Disponível em

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092016000200357&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 out. 2021. https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.11i2.0003.

NÓVOA, António. **Professor imagem do futuro presente.** Lisboa, PT: EDUCA/Instituto de Educação, 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan"ideologia de gênero". In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PERLS, F. HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. (1951). *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the human Personality.* Delta Book. Perls, F. Hefferline, R.; Goodman, P. (1997). **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus.

PERLS, F. 1942. Ego, Fome e Agressão. Trad. Georges Boris. São Paulo: Summus, 2002.

PRECIADO, Beatriz. **Entrevista a Jesús Carrillo.** In: Cadernos Pagu. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007. v.28. p.375-405

_____. **Manifiesto contrasexual**, Madrid. Opera Prima. 2002.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11, jan. 2011. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100002/18390>. Acesso em: 23 ago. 2020. doi:https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002.

_____. **Um Apartamento em Urano. Crônicas da travessia.** 1ed. Editora: Zahar, 2020.

_____. **"Cartografias 'Queer': O 'Flâneur' Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia 'Zorra' com Annie Sprinkle"**. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017. ISSN: 2316-8102.

QUEIROZ, T. (2018). **A vida de um transgênero**. Brasil: Viseu.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAMÓN GROSFOGUEL. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais:** Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global», *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 80 | 2008, publicado a 01 outubro 2012, consultado a 30

março 2022. URL: http://journals.openedition.org/rccs/697; DOI: https://doi.org/10.4000/rccs.697

REICH, W. (n.d.). **Irrupção da moral sexual repressiva** (S. Montarroyos & J. S. Dias, trads., revisão de T. M. C. Estevaleto). São Paulo, SP: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1932)

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?.** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais). **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 25, n. 54, p. 361-366, Aug. 2019

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFGRS, 2016

RICOEUR, Paul. Teoria da interpretação. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. **Do uso da violência contra o estado ilegal.** O que resta da ditadura: a exceção brasileira. Tradução . São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. . . Acesso em: 11 abr. 2022.

_____. Bem-vindo ao Estado suicidário. N-1 edições. Disponível em: https://n-1edicoes.org/004. Acesso em 29 abr 2020.

SANTOS, Boaventura dos. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 2002.

SAEZ, J; CARRASCOSA, S. **Por el culo: Políticas anales**. Barcelona-Madri: Egales, 2011.

SOUZA, Alysson Amâncio. **Danças de enfrentamento:** redes de ocupações e resistências no interior do Ceará - Fortaleza. Expressão Gráfica e Editora, 2021.

SOUZA E. C, MEIRELES M. M. - **Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação** - Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 15, n. 39 (2018)

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SILVA, R. G. L. B. da, Bezerra, W. C., & Queiroz, S. B. de. (2015). Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, *26*(3), 364-372. https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p364-372

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analysis" in: Gender and the politics of history, New York, Columbia Univ. Press (ou na tradução: **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. 16 (2), jul-dez 1990, pp. 5-22.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEDESCO, Silvia Helena, Sade, Christian e Caliman, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia** [online]. 2013, v. 25, n. 2 [Acessado 2 Outubro 2021] , pp. 299-322. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>. Epub 11 Set 2013. ISSN 1984-0292. https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006.

TRIVINHO, E. (2008). **A condição transpolítica da cibercultura.** Revista FAMECOS, 13(31), 91–101. https://doi.org/10.15448/1980-3729.2006.31.3399

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias; RIBEIRO, Edla Freitas. **A entrevista de narrativa de vida: uma abordagem que revela um gênero**. Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli, Crato (CE), v. 9, n. 4, p. 209-224, out./dez. 2020.

VERGUEIRO SIMAKAWA, V. **Considerações Transfeministas sobre Linguagem, Imaginação e Decolonialidade: A Identidade de Gênero como Categoria Analítica: A Identidade de Gênero como Categoria Analítica.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 452–471, 2020. DOI: 10.26512/les.v21i2.35169. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35169. Acesso em: 30 nov. 2022.

VERGUEIRO, Viviane. **Por Inflexões Decoloniais de Corpos e Identidades de Gênero Inconformes: Uma Análise Autoetnográfica da Cisgeneridade como Normatividade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_Bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto. Acesso em: 21 jan. 2020

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual.** Trad. Javier Sáez e Paco Vidarte. Madri: Egales, 2005.

APÊNDICE

APÊNDICE A
Entrevista Semi-Estruturada acerca da pesquisa

"Narrativas autobiográficas da população transgênero sobre suas experiências educacionais" , vinculada ao Mestrado Profissional em Educação - MPEDU da Universidade Regional do Cariri - URCA

Roteiro Direcionado

Nome fictício:
Data de nascimento
Logradouro:
Bairro aonde reside:

1. Se eu te convidasse a me contar um pouco da sua história de vida (desde o nascimento, relação familiar e um pouco da infância/adolescência, sua vida e seus aprendizados ao longo desta.

2. O que você considera que aprendeu nesta vida? Quais aprendizados você pode compartilhar, como eles aconteceram? Quais pessoas foram importantes neste processo?

3. Houve dificuldades nesse processo? Quais foram as dificuldades encontradas? (Atentar-se para questões emocionais, medos, limites, resistências).

4. Se considerarmos a vida como uma grande travessia. Quais pontos importantes e as mudanças que ocorreram a partir deste processo de transição ou de se transicionar? 1. (sentimento, satisfação, sexualidade, oportunidades) 2. (relação com o corpo, intervenções e identidade de gênero) 3.(como vivenciou esse processo) 4.(aceitação social, trabalho, as redes de apoio).

5. Se você pudesse transmitir tudo o que aprendeu na vida, o que você passaria adiante para outras pessoas? Quais ensinamentos você gostaria de compartilhar? Quais conselhos você daria a si mesma se você pudesse encontrar com você em qualquer momento da sua vida?

_____

Assinatura da/o Pesquisadora/or

APÊNDICE B

Ementas da disciplina

APÊNDICE B

Ementas da disciplina

APÊNDICE B

Ementas da disciplina

APÊNDICE B

Ementas da disciplina

ANEXOS

ANEXO A
PARECER DO CEP

ANEXO A
PARECER DO CEP

ANEXO A
PARECER DO CEP

ANEXO B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG: _____, mestrande da Universidade Regional do Cariri - URCA estou realizando uma pesquisa intitulada CARTOGRAFIA DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO SOBRE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS, que tem como objetivo geral: Compreender por meio de uma cartografia das narrativas autobiográficas da população transgênera como se deram as experiências educacionais das próprias interlocutoras da pesquisa, as vivências que dão sentido e significado às suas experiências educacionais. Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: elaboração do projeto de pesquisa; apreciação pelo CEP; coleta de dados; sistematização e análise dos dados; elaboração da dissertação e do produto do mestrado; defesa. Por essa razão, a Sra. está sendo convidada a participar dessa pesquisa. Sua participação consistirá em fornecer informações acerca de sua história pessoal através de entrevista presencial no local indicado pela participante_____. O(s) procedimento(s) utilizado(s) sendo entrevista poderá(ão) trazer algum desconforto do tipo quebra de sigilo. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo, como - Invasão de privacidade; - Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade; - Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE), os quais serão reduzidos mediante o comprometimento ético e profissional da pesquisadora, através de: - Garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos; - Minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, com total sigilo das informações coletadas e atendimento individualizado em sala específica; - Assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu Rickie de Sousa Santana serei (seremos) o(s) responsável(eis) pelo acolhimento inicial de escuta breve focal e posteriormente realizarei encaminhamento ao atendimento psicológico do Ambulatório de Infectologia, nos serviços disponíveis na Casa da Diversidade e ou em outros serviços de atendimento psicológico como o Serviço de Psicologia Aplicada - SPA do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO. Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de: Fomentar a divulgação e disseminação do tema aqui abordado nas diversas áreas do conhecimento; Fornecer subsídios para produção de novos conhecimentos científicos acerca do assunto; Revelar elementos

transdisciplinares que favoreçam a educação e as outras ciências pedagógicas, sociais e humanas; Proporcionar a visibilidade dessa categoria social, no intuito de legitimar seu reconhecimento enquanto cidadãs e pessoas de direitos; Descortinar a desigualdades existentes entre as identidades normalizadas e as identidades e performatividades transitórias; Toda as informações que a Sra. nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas resposta, dados pessoais serão confidenciais e seu nome não aparecerá nos(as) questionários ou áudios gravados e nem quando os resultados forem apresentados. A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso a Sra. aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a(s) entrevista. Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar Rickie de Sousa Santana, Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE. nos seguintes horários segunda e sexta-feira, de 8 as 17h. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE. Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

ANEXO C
TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a)_____ declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa. E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Cidade, _____ de _____ de _____.

_____
Assinatura do participante
OU

_____
Representante legal

Impressão dactiloscópica

_____
Assinatura do Pesquisador